CESAR EDUARDO GAMBOA SERRANO

EU MENDIGO

**ALGUNS DISCURSOS DA MENDICÂNCIA
NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a Dr^a Marlene Guirado

**SÃO PAULO
2004**

**Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP**

Serrano, C. E. G.

Eu mendigo: alguns discursos da mendicância na cidade de São Paulo./ Cesar Eduardo Gamboa Serrano. – São Paulo: s.n., 2004. – 135p.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade.

Orientador: Marlene Guirado.

1. Mendigos 2. Mendicância 3. Sem-teto 4. Análise do discurso
I. Título.

EU MENDIGO

ALGUNS DISCURSOS DA MENDICÂNCIA
NA CIDADE DE SÃO PAULO

CESAR EDUARDO GAMBOA SERRANO

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____

Ao
*Rocha, Gaúcho, Carioca, Dionízio,
Dono do mundo e Processado,
pela generosidade de compartilhar
comigo suas histórias.*

À
Paula pelo carinho, apoio e amor.

AGRADECIMENTOS

Um grande amigo disse, certa vez, que o trabalho científico é sempre realizado coletivamente, e que o autor é apenas seu porta-voz. Estou de pleno acordo com ele e cito agora alguns dos co-autores deste trabalho:

À Professora Doutora Marlene Guirado, pensadora incansável, pelo cuidado que sempre demonstrou na orientação deste trabalho e pela confiança que depositou em mim, em momentos que nem mesmo eu confiava. Sou eternamente grato pelo convite que me fez, anos atrás, a fazer parte deste jeito de fazer Psicologia.

À Maria Amélia M. de C. Álvares, minha analista, por me ajudar a ser, a cada dia, uma pessoa melhor.

Ao “Seu Ricardo”, interlocutor genial, por ter me acompanhado nesta empreitada desde o início, sempre ouvindo e respeitando minhas opiniões. Sinto-me lisonjeado por poder considerá-lo um amigo.

À Professora Doutora Maria Lúcia de Araújo Andrade pelas valiosas conversas e ensinamentos, que me ajudou e ajuda em importantes momentos da minha vida acadêmica e profissional.

Ao Professor Doutor Ricardo Franklin Ferreira e à Professora Doutora Maria Luisa Sandoval Schmidt pelos valiosos apontamentos apresentados no exame de qualificação e por terem permitido que aquela ocasião tivesse se tornado um delicioso debate de idéias.

À Professora Doutora Ana Loffredo pelo carinho e apoio que me deu em vários momentos da produção deste trabalho.

Aos colegas do grupo de orientação que se dispuseram a ler e debater este trabalho desde o seu início, principalmente o Rogério, o Bellis, o Luiz Toledo, o André, a Luciana, a Mara, o Gustavo Vechi, a Patrícia, o Sérgio e a Bete.

Aos colegas do Laboratório Sujeito e Corpo (SUCOR) pelas constantes oportunidades de debates de idéias e pelos gestos de apoio e carinho que sempre demonstram.

Aos colegas do Fórum de Estudantes Universitários sobre a População em Situação de Rua, cuja vontade e dedicação certamente mudarão o destino de muitos que vivem nas ruas da cidade de São Paulo.

Aos meus pais, Sr. João e D. Maria, pela educação que me deram e por terem me ensinado que o respeito pelo outro é condição necessária para a existência ética.

À Maria Paula, meu amor, pelo cuidado, compreensão e respeito que tem comigo, mesmo nos momentos mais difíceis. E, como se não bastasse, ainda ofereceu uma incalculável ajuda em várias etapas da construção deste trabalho.

Ao Marcelo G. Serrano, meu irmão, pela enorme ajuda que deu em vários momentos, principalmente na digitação das transcrições das entrevistas. Apesar da exaustão que a tarefa provocou, nunca desistiu. Talvez não tivesse conseguido sem a ajuda dele.

Às pessoas que entrevistei, Rocha, Dono, Processado, Carioca, Gaúcho, Dionízio, Rei e Mário, pelos ensinamentos que tive a honra de receber; e por me ensinarem que é possível sorrir quando tudo parece estar perdido.

Aos amigos Gustavo, Gabriela, Raquel e Érico. Nossa amizade iniciou-se na Pós e, tenho certeza, durará por toda a nossa vida. São interlocutores fantásticos.

Ao Marcelo Lábaki Agostinho pela leitura cuidadosa e pelos importantes comentários que teceu sobre este trabalho.

Ao CNPq e ao Departamento de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento Humano pelo auxílio financeiro que possibilitou a realização desta dissertação.

*E assim, na lei do preceito divino vão girando
Em torno dos de cima os inferiores
Assim na Terra como no Céu.
E em torno do papa circulam os cardeais,
E em torno dos cardeais circulam bispos,
E em torno dos bispos circulam os secretários,
E em torno dos secretários circulam os funcionários,
E em torno dos funcionários circulam os artesãos,
E em torno dos artesãos circulam os servos,
E em torno dos servos circulam os cães, os frangos e os
Mendigos.*

Bertold Brecht

SUMÁRIO

1.	A INTRODUÇÃO.....	1
1.1.	A motivação do pesquisador.....	1
1.2.	Alguns estudos sobre o tema.....	4
1.3.	O conceito e o recorte.....	12
2.	O MÉTODO.....	14
2.1.	O recorte metodológico e seus conceitos.....	14
2.1.1.	Subjetividade.....	15
2.1.2.	Instituição.....	16
2.1.3.	Discurso.....	17
2.1.4.	Análise.....	18
2.1.	Procedimentos.....	18
2.2.1.	Entrevistados.....	18
2.2.2.	Condições materiais/situacionais das entrevistas.....	19
2.2.3.	Procedimento de análise.....	20
3.	AS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS.....	21
3.1.	O interlocutor incluído.....	24
3.1.1.	Diversidade.....	27
3.1.2.	Honestidade.....	28
3.1.3.	Álcool.....	30
3.1.4.	Polícia.....	32
3.1.5.	Albergues.....	34
3.1.6.	Trabalho.....	37
3.1.7.	Humilhação.....	44
3.1.8.	Expectativas em relação à entrevista.....	46
3.2.	O interlocutor excluído.....	47
3.2.1.	Esperança.....	51
3.2.2.	Trabalho.....	52
3.2.3.	Drogas.....	53
3.2.4.	Violência.....	54
3.2.5.	Expectativas em relação à entrevista.....	56

3.3.	O interlocutor sem lugar.....	57
3.3.1.	Diversidade.....	59
3.3.2.	Esperança.....	62
3.3.3.	Violência.....	64
3.3.4.	Referências espaço-temporais.....	66
3.3.5.	Pagamento e dívida.....	68
3.3.6.	Expectativas em relação à entrevista.....	70
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
5.	ANEXOS: as análises horizontais.....	77
	Rocha.....	77
	Processado.....	85
	Dono do mundo.....	91
	Gaúcho.....	101
	Carioca.....	108
	Dionízio.....	121
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	134

RESUMO

SERRANO, C.E.G. *Eu mendigo: alguns discursos da mendicância na cidade de São Paulo*. 2004. 135 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Esta pesquisa investiga o discurso produzido por mendigos na cidade de São Paulo, bem como as relações que se estabelecem entre a prática da mendicância e as subjetividades que são positivadas nessa condição. Foram entrevistados seis mendigos moradores de rua em três localidades da cidade de São Paulo: zona sul, centro e av. Paulista. Após a transcrição literal das entrevistas, procedeu-se à análise do material, utilizando como referência metodológica a análise de discurso (a.d.), tal como proposta por Marlene Guirado.

Apreendeu-se três tipos de subjetividade na mendicância, a partir dos lugares de enunciação a que era remetido o entrevistador na situação de entrevista. A saber, um tipo que o incluía na cena discursiva, outro que o excluía dela e um último que não lhe atribuía lugar definido. Evidenciou-se, dentre outros, que a mendicância, apesar de estar prevista nas leis das contravenções penais brasileiras, constitui-se em uma prática legitimada pelas pessoas que a praticam e, apesar do paradoxo, é utilizada por elas como referencial de honestidade. Identificou-se também, no discurso dessas pessoas, uma série de vetores de resistência às limitações e dificuldades impostas pela condição de rua.

ABSTRACT

SERRANO, C.E.G. *I beg: some speeches about begging in the city of São Paulo*. 2004. 135 p. Master Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

This research examines the speech produced by beggars in the city of São Paulo, as well as the connections between the act of begging and the subjectivities produced in this situation. Six interviews were made with beggars that live in three different regions in the city: south, downtown and Av. Paulista.

After a loyal transcription of the interviews, the material was analysed using as metodological reference the speech analisys as proposed by Marlene Guirado. Three types of subjectivities, in a begging situation, were organized. These types of subjectivities referred to the role attributed to the interviewer: either he was included in the speech scenario, or he was excluded from it, or he was not attributed a role in the scenario. The research showed that the act of begging, although it is against brazilian laws, it is legitimated by the people that beg; and even thought it is a paradox, it is used by them as a honesty indicator.

It is also been identified in these people speeches, a series of resistance tools against the limitations and problems associated to living in the streets.

1 - A INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentaremos as circunstâncias e pensamentos que motivaram esta pesquisa, o que pretendemos estudar e alguns trabalhos que já foram produzidos sobre o tema. Circunscreveremos os elementos da mendicância (e do morar na rua) que serão alvo desta pesquisa e definiremos o recorte conceitual que estará em estudo.

1.1 - A motivação do pesquisador

A decisão para realizar este trabalho surgiu de uma experiência inusitada. Um contato com o mendigo, as breves palavras que foram “trocadas” e a conseqüente perplexidade produzida provocaram-me uma pergunta: O que ele quis dizer com aquilo?

Conto a experiência.

Trabalhava em um restaurante na zona sul da cidade de São Paulo. Como era comum acontecer, um mendigo entrou no estabelecimento e pediu comida. O pedido não parecia direcionado a alguém especificamente. O senhor pedia comida a quem pudesse ouvi-lo e atendê-lo. Dei-lhe um pedaço de pizza. Quando olhou para mim e agradeceu, perguntei-lhe qual era o seu nome, coisa que nunca havia feito antes. Fui surpreendido com a resposta: “Meu nome é Cachaça!”. Emudeci. Instalou-se um silêncio. Alguns segundos depois apresentou-se de outra forma: “Meu nome é Necessidade!”. Continuei sem reação. Virou-se e foi embora. Nunca mais o vi, mas os seus nomes e minha curiosidade permaneceram.

O que teria levado aquele senhor a apresentar-se daquela forma? Cachaça, Necessidade... Naquele momento pensei: “Que estranhos objetos de identificação...” A minha perplexidade fez-me perceber que, embora veja constantemente pessoas em situação de mendicância, pouco sabia sobre elas.

Ainda que tivesse muitos contatos com eles no restaurante (sempre em situações de pedido) e fora dele, nunca tivera curiosidade em saber algo sobre eles.

A curiosidade fora criada.

Aqueles objetos de identificação¹ eram mesmo estranhos ou eram estranhos para mim, que nada sabia sobre essas pessoas? Que relações se estabelecem entre a subjetividade dessas pessoas e a condição de mendicância? Ou ainda, que tipos de subjetividade produzem-se em tal situação?

Até aquele momento só sabia uma coisa: os mendigos pedem! Quis saber mais e, com isso, realizei algumas conversas preliminares com pessoas que viviam na rua e pediam esmolas ou comida a outras pessoas. Foram experiências ricas que só serviram para aumentar a vontade de saber mais; de pesquisar sobre o tema. Alguns episódios ocorridos nessas conversas foram marcantes e ficarão guardados na memória. Como o que aconteceu com 'Audi'²:

Certo dia, ainda no restaurante, um funcionário pediu um vale de um real para comprar um lanche para um mendigo. Parecia preocupado. Estranhei simplesmente pelo fato de que aquilo nunca havia acontecido e porque, como já disse, era até comum que mendigos pedissem comida para aqueles funcionários. Se havia alguma sobra, eles davam, caso contrário, diziam que não havia... Fui ver quem era a tal pessoa. Ao me aproximar, vi que era um rapaz e que estava chorando, enquanto outros funcionários tentavam acalmá-lo. Mais uma vez, estranhei. Não que os julgasse insensíveis, mas porque já havia presenciado muitos outros mendigos pedindo-lhes comida e nunca vira tamanha mobilização. Havia algo de diferente naquela pessoa, pensei. Cumprimentei-o. Ele, olhando para mim, disse:

Estou com fome, preciso de comida. Preciso de roupas. O senhor pode me dar alguma coisa?

¹ Consideramos, neste trabalho, "objetos de identificação" como os elementos com os quais o sujeito se identifica e, portanto, se reconhece.

² Pseudônimo.

Disse a ele que o menino já havia ido comprar-lhe um sanduíche e que não tinha, naquele momento, nenhuma roupa para lhe dar. Decidi, então, conversar com ele, ouvi-lo. Apresentei-me, contei-lhe sobre a minha curiosidade e perguntei se poderia ajudar-me, contando-me a sua história. Olhou para mim, segurou minha mão e disse:

Preciso mesmo de um psicólogo, você pode me ajudar.

‘Audi’ precisava de muitas coisas. Precisava de comida, de roupas e até de um psicólogo. Era uma pessoa que **não tinha** e que **precisava**. Talvez o nome dele também fosse, de certa forma, *Necessidade*... Conversamos por cerca de uma hora. Durante a conversa chorou, riu, contou-me muitas passagens de sua vida, principalmente após a ‘ida para a rua’. Ao final, quando já desligara o gravador, perguntou se poderia pedir-me mais uma coisa. Queria dar um beijo na minha testa. Mais uma vez fez um pedido. Mas, desta vez **pediu** para **dar-me** algo. Foi embora. Passados alguns minutos, alguém tocou-me o ombro, pelas costas: era ele. Com uma caneca de porcelana na mão, disse:

Olha, se eu tivesse condições, te daria um Audi, como não tenho, te dou esta caneca. Você gosta?

Por uma obra do acaso, eu adoro canecas. Tenho uma pequena coleção delas. Disse isso a ele e agradeci. Ao pegar a caneca e olhar para o interior dela senti cheiro de leite. Olhei para ele, que respondeu:

Uma senhora acabou de me dar essa caneca com leite. Tomei o leite e fiquei com vontade de te dar a caneca.

Além de experiências surpreendentes, essas conversas preliminares à pesquisa permitiram-me conhecimentos importantes que, em alguns momentos, balizaram as entrevistas realizadas neste trabalho. Conhecimentos, por exemplo, relacionados à higiene e ao cuidado com o corpo. Apreendi que o banho e os outros cuidados com a higiene relacionavam-se, naquelas ocasiões, diretamente

com a capacidade de cuidar do próprio corpo. Contudo, tais atividades constituíam-se em uma grande dificuldade para aquelas pessoas. Os locais e as condições para tais atividades eram restritas, limitadas e com regras que dificultavam a utilização por parte dos que deles necessitavam. Outra dificuldade que ficou evidente nessas conversas foi com relação aos pertences pessoais. Por não ter um lugar para deixá-los, precisavam carregar – em alguns casos, literalmente **amarrados** ao corpo – todos os objetos pessoais por todos os lugares onde andavam. Inclusive porque, caso contrário, poderiam ter seus pertences roubados por outras pessoas.

Com essas perguntas e balizas de conhecimento fui a campo ouvir as histórias que essas pessoas têm para contar e os discursos que são produzidos. Antes, porém, façamos um acompanhamento crítico da literatura a respeito do tema.

1.2 - Alguns estudos sobre o tema

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em duas importantes bibliotecas da cidade de São Paulo (Universidade de São Paulo e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Apesar se tratar de uma população que cresce diariamente na cidade de São Paulo, poucos trabalhos de psicologia (até 2002) foram produzidos a respeito do tema. Em outras áreas do conhecimento, a situação não é muito diferente. Apresentaremos as pesquisas encontradas e faremos uma leitura crítica de tais trabalhos, a partir das referências metodológicas e conceituais utilizadas nesta pesquisa. Esse procedimento será adotado apenas para que o leitor tenha uma noção mais precisa das diferenças e semelhanças metodológicas e de objetivos deste trabalho em relação aos que já foram publicados.

Na disciplina de Psicologia foram encontrados seis trabalhos (uma tese de doutoramento, um artigo em revista da área, um livro publicado e três trabalhos de conclusão de curso de graduação) relacionados ao tema.

Ferraz (1998) realizou uma pesquisa na qual procura identificar o papel ocupado pelos chamados “loucos de rua” no imaginário da população residente em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Utilizou-se, em seu trabalho, das narrativas contadas pelos moradores a respeito desses “loucos”, que, segundo o autor, revelam o lugar ocupado por eles na história de tradição oral daquela comunidade.

Trata-se, portanto, de um trabalho que dá ênfase à questão da loucura no imaginário social e não, especificamente, da subjetividade de moradores de rua.

Rabinovich (1992) desenvolveu uma pesquisa que pretendeu estudar os “fenômenos psicológicos que estão presentes no modo de morar, as dimensões em que ocorrem e os elementos das organizações, cognitivo e emocional, que estão presentes” (p.16).

Realizou o trabalho com pessoas que habitam casas móveis, construídas sob viadutos. Identificou que a casa apresenta, para essas pessoas, funções de proteção, cuidados e segurança, identificação e cidadania. Diz que a casa protege dos perigos sociais e supõe que serve a funções de espaço interior – subjetividade e identidade. Atribui à casa uma denotação de cidadania. Afirma que “quem não tem endereço, não tem lugar no mundo como cidadão” (p.23). Será interessante perceber que esta última afirmação não encontrará consonância com alguns entrevistados desta pesquisa. Há pessoas que vivem na rua que se reconhecem como cidadãos, reivindicando direitos e reconhecendo deveres. Nesses casos, o sentimento de cidadania, o reconhecimento como cidadãos, mantiveram-se, apesar da condição de mendicância e de moradores de rua.

Fisher-Ferreira (1979) desenvolveu um estudo visando identificar os valores morais presentes em crianças e adolescentes que vivem em situação de marginalidade socioeconômica. Procurava elementos que permitissem estabelecer uma relação entre valores morais na infância e as possíveis condutas anti-sociais futuras.

Os objetivos desse trabalho, ao que nos parece, estão muito mais relacionados com a segurança pública do que, propriamente, com as crianças que vivem naquela situação.

Em seu estudo, Tuchszajder (1999) tem como objetivo entender o que é ser um mendigo do ponto de vista de quem está na rua e vive tal situação. Procura identificar, nessas pessoas, ideais de ego, modelos de identificação, lugares simbólicos que ocupam e os motivos que os levaram a tal situação. Além de entrevistas (realizadas em mais de uma ocasião) o pesquisador utilizou-se de um instrumento de avaliação psicológica (o HTP³).

Concluiu, com o estudo, que há diferenças entre as pessoas que vivem na rua, no que diz respeito a ideais, valores e identificações, embora sejam todos denominados como mendigos. Identificou uma fragilidade nos vínculos sociais e a presença de aspectos depressivos na personalidade deles. O autor conclui, ainda, que os sujeitos entrevistados seriam “coerentes” com o ideal de ego do capitalismo vigente na ocasião da pesquisa, mas, devido à fragilidade relacional e à precariedade de vida que levavam, estariam mergulhados em um “processo de ‘desfiliação’ quase psicótico”, desfazendo-se dos últimos laços sociais.

Esta conclusão nos faz pensar. Abramos um parêntese para comentar um fato: o autor identifica *ideal de ego* no capitalismo. Talvez não seja exatamente o sistema econômico que possua tal característica. Talvez seja um conceito que pode ser identificado em seres humanos, a partir de específico referencial teórico. Ou, no máximo, podemos supor que certas idéias e discursos produzidos sob determinado sistema econômico, podem contribuir para a posituação de certos tipos de subjetividade que tenham, como elemento, determinado ideal de ego (ainda sob específico referencial teórico). Este é um exemplo de como os conceitos teóricos podem se “naturalizar” nas pessoas que trabalham com eles. Tornam-se tão “verdadeiros” nas idéias de quem os usa, que passam a ser vistos como parte constituinte de todo ser humano (como um

³ HTP, sigla de “House, Tree and Person”. Trata-se de um teste psicológico de avaliação de características de personalidade, que se vale de três desenhos realizados pelo sujeito a ser avaliado. A saber, uma casa, uma árvore e uma pessoa.

corpo), e acabam sendo transportados para lugares surpreendentes, como sistemas econômicos. Feche-se o parêntese.

Dizíamos que a conclusão a que chegou o pesquisador nos faz pensar. Diz ele que as pessoas entrevistadas apresentavam dificuldades de vínculo social, mesmo tendo ele realizado mais do que uma entrevista com cada pessoa e ter conseguido aplicar um teste que exige trabalho gráfico. Realizar uma análise de entrevista sem levar em conta a própria situação da entrevista pode deixar de fora alguns dados importantes – pelo menos no entendimento deste pesquisador. Um dos entrevistados, por exemplo, quando perguntado se era feliz na rua, respondeu afirmativamente. Essa resposta, até certo ponto, contraria as expectativas que temos em relação a essas pessoas e isso pode produzir “tampões” aos olhos e ouvidos do pesquisador, que parece não ter levado em conta a resposta ou não lhe ter conferido veracidade. Em outro momento, no segundo encontro com um mesmo mendigo, o pesquisador perguntou:

Oi, D. Maria. Lembra de mim? (ibid, p. 30)

E ela respondeu...

Claro que me lembro. Como vai? (ibid, p. 30)

Ela se lembrava do entrevistador, considerava a condição de lembrança como sendo óbvia e ainda se interessava pelo estado do pesquisador. Indícios de que, talvez, algum vínculo social fora estabelecido entre entrevistador e entrevistado. Assim, a conclusão a que o autor chegou, de que haveria dificuldades de vínculo social, poderia, a nosso ver, sofrer um maior questionamento. De qualquer forma, entendemos que despirmo-nos das expectativas e referências pessoais ao olharmos para o outro é uma tarefa árdua e nem sempre dotada de êxito.

Já Fit (2001) realizou uma pesquisa em uma instituição que abriga moradores de rua e que, na visão do pesquisador, oferecia a possibilidade de pertença ao morador de rua. Partia do pressuposto de que o morador de rua é um excluído e que, permitir a sua pertença em um grupo, provocaria uma melhora na

sua condição. Utiliza, em certo momento do texto, a si próprio como exemplo. Diz que se perguntam a ele (pesquisador) quem é, responde o nome, onde estuda, onde mora, etc; já o morador de rua não teria essas referências (não é o caso de Carioca, Gaúcho, Dionízio e Dono do Mundo, como veremos nesta pesquisa) e, muitas vezes, não saberia o próprio nome. Afirmo, com isso, que poderiam ser considerados “excluídos de identidade”. Observa que, depois do trabalho que é realizado na instituição (sessões de Psicodrama), tais pessoas teriam ganhado pertença. Passariam a ter nome, associação, trabalho... Poderiam apresentar-se de outra forma: com nome, associação, endereço... Notadamente a mesma forma do entrevistador. E, nesse sentido, algumas dessas pessoas estariam mesmo excluídas, como afirma o autor. Mas estariam, sim, excluídas dos mesmos efeitos de reconhecimentos e desconhecimentos a que está sujeito o pesquisador. As referências de identidade reconhecidas pelo entrevistador passaram a ser compartilhadas com aquelas pessoas. E, ainda que tivessem outras referências de identidade, passaram a compartilhar das mesmas dos agentes institucionais. As sessões de Sociodrama, revela Fit, permitiram que fossem “trabalhados” temas como: identidade, trabalho, relacionamento interpessoal, a forma como se vêem na associação, etc.

Trata-se, nesse caso, de uma pesquisa-ação, que conta com as naturalizações do pesquisador como referências de produção. Aqui, um claro contraste metodológico. De acordo com a nossa maneira de entender, a preocupação e o cuidado com as diferenças e especificidades de cada grupo de pessoas fazem-se mister em pesquisas deste tipo.

Em outra pesquisa, realizada por Domingos (2002), a autora dizia não buscar as causas para o “estar na rua”, mas queria saber sobre a caráter existencial de um morador de rua; como estaria sendo sua vida. Utilizou, segundo ela, o método fenomenológico e deu ênfase aos aspectos da temporalidade na análise da entrevista. Concluiu que o entrevistado “não apresenta(va) expectativas de vida, sonhos, anseios e que não se permite(ia) o futuro, o por-vir” (anexo). Diz que o sujeito apresentaria, por isso, contatos prejudicados e restritos com os outros. Que não se relacionaria, não se implicaria numa relação e que

deixaria que os outros perguntassem o que lhes interessasse. Seria como se não percebesse o outro. Neste caso, transcrevemos um trecho da entrevista realizada:

Entrevistador: O senhor conversa aonde com as pessoas?

Entrevistado: Normalmente em bar, né? É um lugar que a gente pode encontrar alguém pra conversar. Às vez você vai pegar um almoço, uma coisa ou outra...

Entrevistador: O senhor conversa sobre o que?

Entrevistado: Converso sobre ... a situação própria, né? Situação difícil, política, essas coisas aí.

Entrevistador: Se fosse pra conversar comigo o que o senhor falaria? Como se o senhor tivesse conversando com eles.

Entrevistado: É, o que eu poderia falar, a num ser que a pessoa comece com um assunto a gente vai conversando, falando o que ela interessa saber, né? Porque a gente mesmo falar, não tem o que falar, o que tem é isso que a gente tá vendo a situação... (anexo).

Parece-nos claro que o entrevistado percebe seu interlocutor e suas especificidades. Ou ainda, não apenas percebe o outro mas o distingue, mesmo diante da tentativa desse outro de se igualar a ele. Com os colegas de bar, diz o entrevistado, conversa sobre a situação em que vive, sobre política, mas com o entrevistador responde a perguntas; (co)responde às suas expectativas.

Recorremos a trabalhos realizados em disciplinas diversas da Psicologia. Encontramos na Sociologia e no Serviço Social relevantes trabalhos sobre o tema.

Stoffels (1977) realizou um trabalho sociológico com mendigos na cidade de São Paulo, no qual faz um rastreamento das atividades características da mendicância e os lugares que ocupam na engrenagem ideológica produzida pela classe dominante. Neste caso, a miséria e a mendicância teriam um lugar específico na macro-estrutura social e política. Procura, pois, “examinar de que modo a estigmatização pela ordem dominante, sistemas teóricos e consciência comum se contrapõem à essencialidade dos mendigos, como identidade histórica e grupo produzido pela macro-estrutura, mantida pela dinâmica existencial” (p.26). Revela que existe organização e relações de liderança nos grupos de mendigos,

e que tais grupos não se constituíam em um todo autônomo, mas estariam presentes, em sua constituição, lugares e papéis preestabelecidos.

Versando sobre o trabalho, a autora levanta um dado surpreendente: a atividade de mendicância permitia, em alguns casos, uma condição de vida superior à de alguns trabalhadores empregados, com mão de obra não especializada. Mostra que havia pessoas que mendigavam nas ruas da cidade mesmo tendo residências fixas, chamadas por ela de “mendigos profissionais”, ou na literatura clássica, de “simuladores”. A mendicância seria, pois, nesses casos, uma atividade essencialmente profissional. Apresenta também um levantamento das estratégias utilizadas pelos mendigos para conseguir esmolas: os tipos de discurso utilizados (geralmente transmitidos por aprendizagem); a apresentação de documentos que atestam o estado de pobreza (emitidos por instituições legais para fins de diversos ou mesmo documentos falsificados); uso de receitas médicas; a exposição de lesões no corpo (autênticas ou artificiais) e também o tipo de resposta ao receber ou não a caridade. Além da tipologia das técnicas utilizadas, a autora fez um levantamento topológico dos pontos de mendicância e/ou de morada. Esses pontos são fruto de um trabalho individual e grupal, pois alguns lugares são propícios para se transformarem em um ponto de pedido e outros não. Como, por exemplo, os pontos-finais de ônibus que, estando as pessoas com pressa e com o dinheiro da passagem contado na mão, costumam ignorar o pedinte. Revela ainda que cada ponto de pedido requer uma diferente estratégia de pedido e tais diversidades requerem um trabalho de pesquisa e transmissão de aprendizagem.

Rangel (1996) também realizou um importante levantamento da população de rua na cidade do Rio de Janeiro. A autora utilizou uma distinção entre mendigos e moradores de rua referenciada, principalmente, em atributos morais e de cuidado pessoal como higiene do corpo, preservação da aparência, limpeza das vestes, alcoolismo e drogadição. Segundo a autora, os moradores de rua apresentam-se em um melhor estado físico e estético, além de realizar atividades de trabalho, como catar papel para vender, enquanto o mendigo seria aquele que se encontra em estado físico mais degradado e que raramente exerceria alguma atividade de trabalho.

Percebe, em seu estudo, que a população de rua é “caracterizada pela irregularidade e instabilidade das inserções produtivas, por profissões qualificadas pela prática, pelo baixo nível de escolaridade e pelas poucas proteções que conseguem obter” (p.68). Neste sentido, será interessante comparar as informações obtidas pela autora e aquelas obtidas neste trabalho. Por exemplo no que diz respeito ao grau de escolaridade. Como veremos mais adiante, há, dentre os entrevistados, pessoas com considerável instrução escolar e profissional.

A autora apresenta uma relação direta entre o fato de perder o trabalho, a moradia e os vínculos familiares e sociais. Ou seja, “após a perda do trabalho, conseqüentemente vem a perda da moradia, como mais um vínculo que se rompe, indicando o ingresso na desfiliação enquanto última etapa do percurso dissocializador (...) que compreende desde tentativas de reintegração até a total ruptura dos vínculos sociais” (p.75). O que culminaria, segundo ela, em uma degradação física e mental das pessoas nessa condição de vida.

E, no tocante à resistência à situação, Alvarez (1999) aplicou, em sua pesquisa de mestrado, a categoria ‘resiliência’⁴ a ex-moradores de rua da região central da Cidade de São Paulo. Observou que, mesmo em condições completamente adversas, pessoas (adultos e crianças) foram capazes de superar as dificuldades da vida na rua. Através da busca de sentidos para viver e ‘pontos fixos’ internos e externos, como a identificação com a mãe, relações amorosas e o trabalho, conseguiram arrumar emprego, moradia fixa e construir família.

Consiste em um trabalho que investigou pessoas em condição distinta das desta pesquisa. Eram pessoas que já haviam conseguido a emancipação da situação de rua e habitavam moradia fixa. Além de a população estudada ser diversa, há outro ponto importante de diversidade: o método utilizado. Nesse estudo, a autora partiu de uma categoria conceitual preestabelecida e foi a campo tentar identificá-la na população em questão. No presente estudo o caminho é inverso: as categorias temáticas aparecerão justamente a partir das análises das entrevistas. Ou seja, as categorias serão exatamente resultado das análises dos

⁴ Conceito oriundo da Física, que se caracteriza pela propriedade que um corpo deformado possui de ter devolvida sua energia armazenada quando cessa a tensão causadora da deformação

discursos das pessoas entrevistadas e serão apresentadas e comparadas entre os grupos discursivos.

Falaremos sobre o método no próximo capítulo, antes, porém definamos o conceito e o recorte da população de rua estudados neste trabalho.

1.3 - O conceito e o recorte

Muitas são as denominações utilizadas nos textos acadêmicos e no discurso do senso comum para se tratar das pessoas que vivem nas ruas. Mattos (2003) cita algumas: mendigo, trecheiro, mendigo-trecheiro, morador de rua, homem de rua, nômade urbano, integrante da população ou povo da rua, população em situação de rua, etc. Tamanho número de denominações é resultado da diversidade de características que essa população possui. De acordo com o enfoque que determinado estudo se propõe a observar, uma denominação ou outra é escolhida.

No I Seminário Nacional de População de Rua⁵ foi utilizada a denominação “população de rua”, por denotar o lugar onde se encontram e a falta de morada fixa. Porém há outros autores, como Mattos (2003), que preferem utilizar a denominação “população em situação de rua” por entenderem que o “estar na rua” é apenas uma condição temporária ou circunstancial e, como tal, passível de mudança. Há autores, como Stoffels (1977), que utilizam o termo “mendigo” porque dão ênfase à atividade de pedir esmolas. E por aí em diante, como “trecheiros” para evidenciar o caráter de mobilidade de parte dessa população.

Neste trabalho utilizaremos um recorte conceitual bem definido: estudaremos **mendigos moradores de rua**. A palavra **mendigo** deriva do latim *mendicus* e caracteriza aquele que pede esmolas, que suplica a caridade pública (Cunha, 1998; Silva, 2000). Utilizamos esse recorte porque nos interessou, na

⁵ Nesse evento foram discutidas ações e políticas públicas de assistência à população de rua. Foi realizado em São Paulo, no ano de 1992, e contou com a participação de autoridades e acadêmicos brasileiros e canadenses, que contribuíram com experiências bem sucedidas

presente pesquisa, entrevistar pessoas que pediam esmolas a outras. A prática do pedido é que esteve em questão. Interessava-nos entender de que forma a mendicância participava das engrenagens da subjetividade das pessoas nessa condição.

Vale ressaltar, como apresentado no item anterior, que nem toda pessoa necessitada mendiga e nem todo mendigo é uma pessoa necessitada. Como levantou Stoffels (1977) em sua pesquisa há os que ela chamou de “mendigos profissionais”. Pessoas que simulariam a condição de miséria para sensibilizar a caridade pública e obter sustento. Dessa forma, teriam morada fixa, mas utilizariam a mendicância como uma atividade profissional, como um trabalho. Por outro lado, há também pessoas miseráveis que não mendigam, que não utilizam a mendicância como fonte de provisão e sustento. Vivem inteiramente sob a tutela do Estado ou de alguma instituição de assistência - privada ou religiosa - ou ainda outros que realizam atividades de “trabalho informal”, como catadores de latinha e papel.

Assim, a presente pesquisa visou às pessoas que exercem a mendicância e que utilizam a rua como morada. Pessoas que obtêm seu sustento através de pedidos de esmolas, de alimentação, de roupas - mesmo que exerçam, esporadicamente, alguma atividade de trabalho - e, ainda que tivessem um ponto fixo de morada, tal lugar não se destinava à sua provisão, como parques, praças, viadutos ou calçadas, por exemplo.

realizadas em Toronto. Sobre esse evento, vide Rosa, C.M.M. *População de rua: Brasil e Canadá*. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

2 – O MÉTODO

2.1 – O recorte metodológico e seus conceitos

A escolha do método que se utiliza em uma pesquisa vai além do conjunto de procedimentos científicos adequados a tal finalidade. Mais do que definir se a pesquisa utilizará dados provenientes de cálculos estatísticos, tabelas de resultados ou de análises qualitativas, o método delimita o próprio objeto a ser pesquisado. Assim, como afirma Foucault (1999), o método de pesquisa não pode ser entendido como um componente neutro e exterior ao que está sendo estudado, mas, ao contrário, como parte das articulações de saber e poder que se estabelecem no campo da produção do conhecimento. Com isto posto, propor um método de pesquisa pressupõe apresentar uma certa estratégia de pensamento apoiada em conceitos e idéias que a constituem; como lentes que dão forma ao objeto, além de permitir uma certa observação.

Neste trabalho, pretende-se, como foi dito anteriormente, estudar as relações que se estabelecem entre a prática da mendicância, o viver na rua e a(s) subjetividade(s) que se produz(em) nesse campo.. Para tal empreendimento, consideramos que a Análise de Discurso (a **a.d.**), tal como proposta por Guirado (1986b, 1995, 2000) é uma estratégia fecunda. Duas vertentes do conhecimento em Ciências Humanas articulam-se na construção desse método de pesquisa: a análise de instituições concretas (ramo da Sociologia) e a psicanálise.

Para essa articulação, destacam-se conceitos importantes como o de instituição, discurso, análise e subjetividade. Este último está explicitamente implicado na questão da presente pesquisa, portanto começaremos por ele.

2.1.1 – Subjetividade

Nesta estratégia, pensar em sujeito, em subjetividade, nos remete ao campo das formas de subjetivação do sujeito institucional. Propõe, Guirado (1995), a utilização de uma ferramenta conceitual, chamada por ela de “sujeito-dobradiça”. Trata-se de um sujeito/subjetividade que está mergulhado na ordem discursiva-institucional e é produzido por ela, mas também se constitui em um lugar onde acontecem “arranjos”, “organizações”, “reorganizações” dos lugares instituídos pelas tramas discursivas. Diz a autora que,

(...) porque é, em última instância, nos sentidos atribuídos e assumidos pelo sujeito do discurso que se desenha o perfil da singularidade e, portanto, *sujeito possível por e nessas* práticas. (ibid., p.75, grifos nossos)

Não se trata, portanto, de uma busca por alguma subjetividade-coisa, substancializada, que existe para ser descoberta, decifrada ou que deve ser alcançada por intermédio de tal ou qual procedimento de investigação. Pensar desta forma é desconsiderar que exista uma subjetividade exterior, transcendente ao discurso que a produz e que é produzido por ela.

Como diz Birman (2000):

(...) falar em forma de subjetivação é insistir na dimensão de produção do sujeito, que não mais seria origem e invariante, mas destino e produção, destino resultante de um longo e tortuoso processo de modelagem e de remodelagem, historicamente regulado. Isso implica dizer que não existiria o sujeito, rigorosamente falando, mas apenas formas de subjetivação. Engendradas por certas tecnologias de si, as formas de subjetivação revelariam então a *inconsistência ontológica* do sujeito que estaria aqui em pauta.(p. 80-81)

Portanto, se está sendo considerada uma subjetividade interior ao discurso produzido, o que se busca neste trabalho é a subjetividade produzida no momento mesmo da relação entrevistador-entrevistado-situação de entrevista. Ou seja, considera(m)-se a(s) subjetividade(s) produzida(s) no discurso e produtoras

dele, ao mesmo tempo. É nesse sentido que Guirado propõe a metáfora do sujeito-dobradiça: **aquele que se encontra no meio fio do produtor e da produção.**

2.1.2 - Instituição

Este é um conceito central no método proposto por Guirado. A autora apoia-se na definição de Instituições Concretas, pensada por Albuquerque (1978), que afasta as superposições existentes entre instituições e organizações. Propõe, o autor, que *instituição* configura-se no conjunto das práticas ou das relações sociais que, ao repetirem-se, provocam legitimação e reconhecimento. E, na via em que é produzido o efeito de reconhecimento, o de desconhecimento de outras práticas e relações possíveis é também gerado. A repetição das práticas sociais gera, nos agentes sociais, que são, portanto, *institucionais*, uma espécie de “naturalização” de idéias e procedimentos. Essa relação dinâmica das práticas sociais gera lugares institucionais e os legitima no mesmo momento em que os cria. Assim sendo, pensar as instituições para além das paredes organizacionais é supor que elas estão presentes nos discursos produzidos, nas relações estabelecidas, nas idéias, nos lugares sociais construídos, nas subjetividades.

Dessa forma, entender a mendicância como uma prática social que se repete (e, por isso, institucional), permite-nos pensar que seus agentes institucionais - não apenas os mendigos, mas também quem se relaciona, de alguma maneira, com eles – estão sob efeitos de “naturalizações”, reconhecimentos e desconhecimentos. Ocupam, portanto, lugares sociais produzidos e legitimados pelas práticas. Tais efeitos evidenciam-se no momento em que não causa estranhamento o fato de pessoas terem muitos recursos e outras não terem qualquer. O ato de precisar pedir caridade a quem tem recursos - e a prática ainda contar com o incentivo e o apoio de instâncias do governo e da sociedade civil - evidencia a legitimidade da mendicância como prática social instituída. Ou seja, a instituição se legitima no “pedir” dos mendigos e no “dar” dos transeuntes.

A identificação dos lugares sociais que os mendigos entrevistados se atribuem e aqueles que delegam a seus interlocutores estará presente, portanto, na produção das análises. Não se trata, pois, de diagnósticos psicológicos dessas pessoas, nem da verificação de alguma categoria conceitual aplicável a essa camada da população.

2.1.3 - Discurso

Entende-se o discurso, nesta forma de pensar, como *formação discursiva*. E esta foi definida por Foucault, como

(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT apud MAINGUENEAU, 1997, p.14).

Os discursos, portanto, são sempre datados e circunstanciados socialmente. Para o autor, a possibilidade de se produzir discurso está sempre condicionada a regras e assujeitada a uma determinada ordem de produção. Diz ainda que

O mais evidente, o mais familiar também é a *interdição*. Sabe-se bem que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 1996, p.9).

Fica notório, portanto, que se toma o discurso na sua materialidade, nas suas possibilidades de existência como *prática*, como *ato*. Maingueneau (ibid., p.30) enuncia que se um discurso é proferido, as condições para a sua execução estão consideradas reunidas. Não diz, com isso, que as condições devem estar satisfeitas para a produção, mas, o próprio ato de fala pressupõe tais condições. O discurso funda lugares de enunciação no momento em que é proferido. Portanto, se as práticas discursivas assujeitam o “autor” do discurso,

através das regras predeterminadas, também o legitima, institucionalmente, no lugar autorizado para pronunciá-lo (ibid., p.33).

2.1.4 - Análise

Talvez possamos começar, pensando *análise* tal como proposta por Freud (1918). Diz o autor que utiliza o conceito importado da Química, no qual fazer análise é decompor o todo nas partes que o constitui. Com isto em mente, podemos dizer que fazer análise de discurso, na estratégia de pesquisa que ora adotamos, é *decompô-lo em suas condições de produção* (GUIRADO, 1995). É, portanto, identificar os lugares reivindicados e atribuídos pelos interlocutores nos discursos produzidos, na situação de entrevista. Perceber os “entendimentos” e “estranhamentos”, os reconhecimentos e desconhecimentos presentes no jogo de expectativas dos interlocutores. Evidencia-se, portanto, que não se trata de procurar alguma essência que transcende o discurso, ou algum sentido que denota interpretação de outro lugar, que não o da própria relação que se estabelece como ato discursivo.

2.2 - Procedimentos

2.2.1 - Entrevistados

Para esta pesquisa, foram entrevistadas seis pessoas do sexo masculino, independentemente da idade. Dois critérios foram utilizados para a escolha dos entrevistados: que estivessem em condição de mendicância e que vivessem na rua. O pesquisador sempre se apresentava como psicólogo e pesquisador da Universidade de São Paulo, contava que se tratava de uma pesquisa de Mestrado com moradores de rua e pedia o consentimento do entrevistado para a realização da entrevista. Vale dizer que era sempre perguntado aos possíveis entrevistados se se reconheciam como moradores de

rua, isto é, era-lhes questionado se eram, de fato, moradores de rua. Apenas mediante respostas afirmativas, as entrevistas aconteceram⁶. A condição de mendicância era observada anteriormente pelo pesquisador e foram abordadas somente as pessoas que, em algum momento, pediam ou recebiam esmolas.

Foram propostas duas questões predeterminadas, que eram: “Conte-me a história da sua vida” e “Conte-me como é um dia de sua vida”. E, à medida que as entrevistas ocorriam, outras perguntas eram feitas no seu decorrer, de acordo com a situação. Assim sendo, as perguntas e o teor das entrevistas tomam rumos até certo ponto diferentes. Tal procedimento foi permitido porque a própria situação de entrevista foi analisada, de acordo com os preceitos metodológicos utilizados neste trabalho.

2.2.2 - Condições materiais / situacionais das entrevistas

As entrevistas foram gravadas (sempre com o consentimento do entrevistado) e transcritas pelo próprio pesquisador. Todas foram realizadas no local onde se encontravam os entrevistados. A saber, foram realizadas duas entrevistas na região sul (Campo Belo) da cidade de São Paulo, uma na região central (praça da Sé) e três na região da avenida Paulista. Não havia tempo predeterminado para sua realização. Todavia, todas duraram por volta de 30 minutos.

Durante as transcrições das entrevistas, algumas palavras ou trechos ficaram incompreensíveis por causa de interferências do ambiente - como o barulho dos carros e o sino de igrejas - e a própria condição física dos entrevistados - como a falta de dentes, por exemplo. Nesses casos, as palavras ou trechos que não puderam ser compreendidos durante a transcrição foram identificados com a seguinte sinalização: “XXX”. Contudo, o entendimento das

⁶ Um fato curioso. Não foi realizada qualquer entrevista com mulheres porque, todas (três, ao todo) que foram abordadas pelo pesquisador, disseram que não eram moradoras de rua. Inclusive aquelas que, notadamente, haviam passado a noite no lugar onde se encontravam (as entrevistas realizadas na Praça da Sé foram feitas no período da manhã) e, ao redor delas, estavam os seus pertences pessoais em sacos e sacolas.

entrevistas e as análises não sofreram prejuízos por causa dessas “vozes externas”.

2.2.3 - Procedimento de análise

Depois de transcritas as entrevistas (da maneira mais fiel e integral possível), os discursos foram analisados trecho a trecho (análise horizontal). Para essas análises, utilizamos alguns operadores metodológicos oriundos da Lingüística, tal como enuncia Maingueneau (1997). Atentamo-nos para os tempos verbais, as preposições, as adjetivações e as estruturas sintáticas dos enunciados. Atentamos-nos, também, para a presença de ironias, negações e formações com sentido ambíguo. Destacamos, ainda, as formas de inserção do sujeito no enunciado e os pronomes utilizados nos períodos, além de destacar o emprego dos discursos direto e indireto livre.

Além desses operadores, atentamos para as vezes em que o entrevistador era chamado para o discurso e as formas como isso era feito – como pelo nome, por exemplo. E atentamos, principalmente, para o(s) lugar(es) de enunciação em que o entrevistador era remetido durante as entrevistas. Procuramos, ainda, identificar o jogo das expectativas implicadas nos discursos produzidos, inclusive em relação à própria entrevista. O próprio discurso do entrevistador – inclusive aquele produzido durante as transcrições – foi analisado no contexto das entrevistas.

Depois de feitas as análises horizontais, destacamos as categorias temáticas presentes nas entrevistas e as reorganizamos em um novo texto de análise (análise vertical). Nessa nova análise, procedemos à identificação das recorrências e diversidades temáticas entre as entrevistas e explicitamos as comparações existentes.

Vale lembrar que os nomes dos entrevistados foram alterados pelo entrevistador e os elementos que possibilitavam suas identificações foram retirados do material.

Isto porque as entrevistas e as respectivas análises estão presentes integralmente neste trabalho, como anexos, e a impossibilidade de identificação dos entrevistados consiste em um imperativo ético de pesquisa.

3 – AS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

As entrevistas para esta pesquisa foram realizadas, conforme dito anteriormente, nas ruas da cidade de São Paulo. Foram escolhidas três regiões da cidade (Zona Sul, Centro e região da Av. Paulista) por serem locais onde há uma grande concentração de pessoas em condição de mendicância. Vale ressaltar que a escolha dos locais não seguiu qualquer pesquisa demográfica, mas apenas a referência da observação do pesquisador em períodos anteriores a este trabalho.

Uma das entrevistas (com o ‘Rocha’) da Zona Sul foi realizada com um grupo de três pessoas que dormiam em frente a uma casa. Apenas uma delas aceitou participar da pesquisa, contanto que lhe fosse garantido sigilo. A outra entrevista (com o ‘Dono’) realizada na Zona Sul deu-se no mesmo bairro, porém sob um viaduto, em uma grande avenida. A entrevista realizada no Centro (‘Processado’) aconteceu próximo ao Mosteiro São Bento e as entrevistas na região da Av. Paulista (‘Gaúcho’, ‘Carioca’ e ‘Dionízio’) ocorreu no Parque do Trianon.

Entrevistar essas pessoas foi uma difícil atividade, que provocou uma série de sentimentos. Inicialmente senti medo pelo que poderia acontecer durante a abordagem e a entrevista, isto é, não sabia de que forma poderiam reagir à proposta. Durante as conversas, porém, aquele sentimento de medo logo fora substituído por outros. Sensibilizei-me com as dificuldades que enfrentavam diariamente, com o estado físico em que alguns se encontravam e com o sofrimento que denunciavam. Todavia, outros sentimentos também surgiram: surpresa e admiração. Surpresa pela capacidade que demonstraram ter para continuar vivendo; para criarem estratégias que lhes permitem conseguir coisas que necessitam e que almejam. Desde os lugares onde comem até as maneiras para darem conta das mágoas, criam métodos e formas para consegui-los. Alguns se organizam em grupos, outros vivem solitários, mas todos vivem. Não foi encontrada, dentre os entrevistados, qualquer pessoa que tenha desistido de

viver ou de lutar pela vida. Esperança e resistência, como veremos adiante, habitam o discurso da grande maioria dos entrevistados. Esse fato causou admiração.

Como foi dito, inicialmente analisou-se o discurso de cada entrevista isoladamente (o que foi chamado de análise horizontal) e, posteriormente, realizou-se o agrupamento das entrevistas, dando destaque às categorias presentes em cada grupo discursivo (análise vertical).

A percepção de que poderiam ser constituídos grupos discursivos distintos se deu durante o processo de análise vertical das entrevistas. Ou melhor, o entendimento de que algumas entrevistas poderiam ser agrupadas surgiu quando se percebeu, durante as análises, que o entrevistador era “remetido”, ao longo das entrevistas, a lugares distintos. Ou seja, foram identificados três tipos de lugares de enunciação que eram atribuídos ao entrevistador durante a dinâmica de entrevistas. Em alguns casos, era incluído na cena que se constituía, em outros era compulsoriamente excluído dela e, pelos últimos, não lhe era dado um lugar determinado ao longo da entrevista. Utilizando, portanto, esse critério, foram divididas e agrupadas as entrevistas, isto é, os “discursos da mendicância”.

Assim foram agrupados os entrevistados⁷:

Grupo I: ‘Gaúcho’, ‘Carioca’ e ‘Dionízio’

Grupo II: ‘Rocha’

Grupo III: ‘Dono do Mundo’ e ‘Processado’

⁷ Todos os nomes utilizados neste trabalho são pseudônimos. Tais pseudônimos foram escolhidos pelo pesquisador a partir de alguma característica marcante no discurso produzido pelo entrevistado ou, em alguns casos, escolheu-se um nome parecido com o do entrevistado para tentar manter a característica do nome. A saber: ‘Gaúcho’, pelo sotaque que possui e origem; ‘Carioca’, por similaridade com a forma como é chamado e se reconhece; ‘Dionízio’, também pela similaridade do nome ; ‘Rocha’, por ser o substantivo mais presente em seu discurso e por referenciar sua rotina de vida; ‘Dono do Mundo’, por suas sucessivas apropriações e por assim ter se revelado; ‘Processado’, por causa do discurso todo fragmentado, pelas constantes referências ao discurso jurídico e pelo caráter dinâmico, processual, que possui o seu discurso.

Depois de agrupados, procedemos à análise vertical dos discursos e identificamos as categorias temáticas presentes em cada tipo discursivo. Procuramos observar também quais categorias estavam presentes nos três tipos de interlocução e quais eram exclusivas de cada grupo discursivo. Os tipos de interlocução e os respectivos lugares atribuídos ao interlocutor, bem como as categorias temáticas e a ocorrência de cada uma nos grupos podem ser visualizadas no Quadro 1.

CATEGORIAS	GRUPO I	GRUPO II	GRUPO III
Lugar atribuído ao interlocutor	Incluído	Excluído	Sem lugar definido
Diversidade	Há diferenças entre os moradores de rua	Não há diferença	Há diferença
Esperança	Sair da rua através do trabalho e da ajuda de outros	Não há esperança na mudança de condição	Sair da rua através de alguma esfera Pública
Humilhação	Pela situação de rua e/ou pela condição de vida no grupo familiar	Não identificado	Não identificado
Trabalho	Causa da atual situação e condição para emancipação. Esporádico e incerto (bicos)	Esporádico e incerto	Não realizam
Albergues ou casas de auxílio	Utilizam esporadicamente	Não identificado	Não identificado
Álcool	Consomem e tem função	Não identificado	Não consomem
Drogas	Não consomem e excluem quem o faz	Regulam a rotina e o corpo	Não consomem e diferenciam quem o faz
Violência	Denunciam	Denunciam	Denunciam
Polícia	Queixam-se	Queixam-se	Queixam-se
Honestidade	Afirmam-se honestos	Não identificado	Afirmam-se honestos
Referências espaço-temporais	Presentes	Não identificado	Presentes
Expectativa em relação ao que foi contado	Deve ser divulgado	Sigilo	Pode ser contado

Quadro 1- Categorias temáticas resultantes da análise dos discursos e a incidência nos três grupos

Estas categorias serão apresentadas a seguir. Algumas figurarão em itens específicos, outras estarão aglutinadas nessas primeiras.

3.1 - O interlocutor incluído

Como foi dito anteriormente, atentamos, nesta forma de análise, aos lugares ocupados e atribuídos pelos entrevistados na situação de entrevista. Neste grupo de entrevistas, o interlocutor é o tempo todo incluído. Os entrevistados demonstram conhecer seus espaços e condição de vida, marcam as diferenças e partilham códigos e referências comuns. Assim sendo, o que diferencia entrevistador e entrevistados é apenas uma “questão de condição”.

Ao longo das três entrevistas que identificamos como parte deste grupo discursivo, o entrevistador era constantemente chamado (pelo nome, inclusive) para o assunto. Seu entendimento e compreensão do que estava sendo dito eram requisitados e checados a cada momento. A análise destas entrevistas revela que entrevistados e entrevistador entendiam-se mutuamente; como se falassem “a mesma língua”.

Como diz Carioca:

C: “...Agora, não é justo, né, a gente que mora na rua, Eduardo... vamos supor, que nem você, você... vamos supor... ta eu, o G., o M e o P. aqui. Sabe o que é você chegar, M., op Eduardo,... você chegar... você chegar pro G. e falar assim: “G., aqui ó, ta aqui ó, a toalha, o sabonete, shampoo...”, entendeu? Toma um banho lá. Aí ele faz a barba, ele se... ele tá dentro de um estabelecimento que é seu! Você chega na sua casa, você deita num travesseiro... sabe como que nós dorme aqui, Eduardo? Eu durmo num papelão, cara!”.

*C: “...Então, eu... pra você ver... que nem você é da USP, é uma pessoa muito culta, você deve conhecer o pessoal lá da USP, lá, que... era do movimento sem terra... Então, eu fui lá já, naquela... na USP, ali... eu fui lá na... na... ACADEPOL, na Polícia Civil, lá. Antes da USP.
E: Sei.*

C: “Então, eu fui fazer curso lá, entendeu? Eu fui lá fazer curso... Inclusive era pra mim ser polícia civil; eu que não quis, porque eu tinha que pagar pau de 7.500 reais pra dar pro delegado. Porque lá é o seguinte, Eduardo:

G: Tem que pagar?

C: Tem que pagar! Lá é o seguinte: como meu pai é militar do exército, tinha uma peixada com um deputado, L. Jr., Então, chegou lá, eu passei no exame escrito, aí eu tive que colocar, minha mãe teve que ir na Vila Romana, você conhece a Vila Romana, onde vende blazer, terno...?

E: Conheço...

C: Aí eu fui na Vila Romana, Eduardo, comprei blazer, gravata, terno, sapato de luxo, fiz a barba, tirei bigode, tirei tudo... Chegou lá, o delegado falou pra mim assim: “Olha, o V., faz favor...agora vai ser o exame...oral... só que, pra mim quebrar o galho, são SETE MIL E QUINHENTOS REAIS...”

Vemos “você”, “ele”, “nós”, “eu”; na cena inclusiva estão presentes vários personagens distintos. Os códigos sociais são conhecidos e compartilhados. Os valores monetários são atualizados.

Diz Gaúcho:

G: Uns dão comida, outros dão... é... uma roupa, outros dão uma meia, assim... Uns dão remédio pra gente.... O problema sabe o quê que é? É que... não tem emprego que você quer trabalhar, assim, que você gosta... não tem! E não tem direito a estudo... eu tenho a 4^a série e tem que ter... tem que ter estudo, 2^o grau (ninguém tem) completo, né? Porque, nas firmas, aí, eles querem o 2^o grau completo... e você não tem... É 4^a série... do primário, 5^a série... Então, aí, eu vim pra São Paulo, aí, pra... pra trabalhar e, no fim, a gente quebra a cabeça. Eu vim pra cá pensando que er... é tudo ilusão... a gente pensa que é uma coisa, mas chega aqui, é tudo diferente... porque é muita gente pra trabalhar. Gente que vem do norte, do sul, assim... então, eu...não ach... que se não vai estudar, não... Tem que pagar e é caro; não dá. Porque, vai fazer um curso tem que pagar e falta o ... terminar o estu... 2^o grau; não tem. Para ter o curso, tem que ter pelo menos aquela série; não tem. Não tem nem o 1^o grau! E 4^a série, você não arruma serviço, arruma? Só com a 4^a série? 5^a série, não arruma.

E: Difícil, não é?

Fica evidente nesses trechos a inclusão do entrevistador e a constante solicitação de entendimento. No trecho a seguir, dito por Carioca, fica bem explícito o caráter de condição da situação de rua em que ele está presente. E que tal condição é possível a qualquer pessoa, independentemente de sua história ou de suas possibilidades.

C: "...Agora, eu falo pra você o seguinte: entendeu, eu quero só que... que Deus ilumine nós aqui, porque eu tenho família e minha família é muito boa. Entendeu, o...Eduardo? Minha família é muito boa. Eu... eu tenho a minha família, eu quero só que Deus me abençoe. Você viu, ó, eu tô doente. Você vê; nada melhor, Eduardo, que você chegar, você vai pra sua casa, você chega lá... "O, G., faz um chá pra aí mim?"...entendeu? Ele é seu amigo, ele é meu amigo também. Entendeu? Nós dorme lado a lado, assim, Eduardo. Sabe o que é...você... que nem agora, você tem uma amizade com a gente, se um dia você tiver aí... aí, pela calçada aí, falo: "Ó, G., ó o rapaz que fez entrevista com nós!" "Não, deita aqui!". Nós vamos te olhar. Que eles ficam acordados e eu também... que nem a gente olha as mulher, não é não, G.? Ali ó. A mulher dorme, nós fica lá acordado olhando as mulher. Só que tem um porém: Nada melhor do que você ter um lar...pra você chegar, Eduardo, tomar seu banho, fazer a sua barba, trocar de roupa..."

Mais do que incluído, o interlocutor é figura de identificação, é amigo. Será lembrado; será ajudado... Há, portanto, "memória afetiva".

Diz Dionízio:

D: É o mesmo office-boy. Hoje, nem office-boy existe mais. Agora é moto-boy, porque eles andam de moto, né? Andam com moto; é mais rápido, né?... E ele aposentou... Eu não, eu entrei no...no...no...SENAI, fiz um curso de ajustagem mecânica, arrumei um emprego, na época, ganhando até mais ou menos, razoavelmente bem... eu, como ajustador mecânico. Depois, fui trabalhar em montagem industrial...estrutura metálica... fazer galpão, esses negócios, entendeu?...

D: Entendeu? Então, você prefere sair e ficar...fora.. a minha mãe é aposentada! Ela tem a aposentadoria, o dinheiro dela. Esse F., meu irmão, é aposentado e solteirão também, vive com a minha mãe. Tenho uma irmã que é casada com um tcheco, o cara é Tchecoslováquia, muito bem de vida, então... entendeu? Tem casa própria, não depende de aluguel. Mas, eu não tenho nada! ... Desempregado, sem ter um... uma condição de dar até um conforto a mais pra minha mãe, pra minha família. Então eu preferi... viver assim. É ou não é? Agora, se um dia acontecer de alguém me dar uma força (eu preciso fazer um tratamento odontológico); os meus dentes estão todos estragados. Você vai entrar numa firma, vai fazer um exame médico, ele...o...médico abrir tua boca, olhar teus dentes, já te reprova. Não é verdade?

A referência institucional é de conhecimento comum e o conhecimento profissional está atualizado.

A dinâmica de inclusão do interlocutor no discurso poderá ser percebida ao longo de todas as citações e categorias apresentadas neste item.

3.1.1 - Diversidade

Se o interlocutor, como vimos, é constantemente incluído no grupo de entrevistados, há outros que não o são. Há “diferentes” que são excluídos do grupo. Embora todos estejam em semelhantes condições sócio-econômicas, diversidades são percebidas por eles e alguns são afastados. Os moradores de rua constituem-se em grupos heterogêneos.

Diferenças essas que se caracterizam desde o cuidado com o próprio corpo até os valores morais. Falam em relaxo, em limpeza, mas também em honestidade e legalidade.

D: (...) Agora, tem muitos que é porque quer mesmo. Tem muitos que é relaxado mesmo. Se embriaga, fica bêbado, dorme no chão...

C: Eduardo! Aquele ali é Diego, nosso amigo, também! {rapaz que estava com uma mulher na fonte}... Ele é nosso amigo...

Há pessoas honestas, como eles, e outras desonestas. Pessoas que estão “dentro da lei” e outras “fora da lei”.

3.1.2 - Honestidade

A idéia de honestidade está presente no discurso de todos os entrevistados deste grupo. Reconhecem-se como pessoas honestas e identificam tal característica nas outras pessoas do mesmo grupo. As formações discursivas utilizadas sugerem a presença de uma certa expectativa de desonestidade por parte das outras pessoas em relação àquelas na condição de mendicância. Em outras palavras, é como se reconhecessem a existência de um certo pré-conceito social (um certo discurso) de que pessoas nessa condição de vida seriam desonestas ou criminosas. Assim sendo, produziram discursos afirmando a honestidade como vetor de resistência.

Isto pode ser visto no discurso de Gaúcho:

...lá na feira, eu cato uns negócio pra comer, né? Umas mangas, uns... uns fruto... No fim da feira, os caras dão... dão umas frutas pra gente, lá. A gente chega (não rouba!) pede, né? Eles, normalmente... e dão na rua, o pessoal aí na chuva, na marquise aí fora, aí, por aí, nesse posto, então... ... e eu durmo peto de uma farmácia, ali. O cara deixa eu dormir ali, na marquise, né? Mas, não pode zoar; tem que deixar tudo limpinho. De manhã tem que deixar tudo limpinho...

Ou no de Carioca:

C: Olha, com todo o respeito e educação... não dá pra você me arrumar um cigarro?”. Ela falou assim: “Não... eu vou te dar o dinheiro e você vai lá no bar e compra o cigarro”. “Compra um maço pra você também!”.

E: Hum, hum.

C: Uma senhora muito... muito bem educada... educadíssima! Aí eu cheguei lá, truxe o... troco pra ela, devolvi.

(...)

C: Porque eu falo a verdade. Eu falo a verdade. A verdade, Eduardo.

Fica notório nestes trechos que há afirmações de honestidade. Quando querem algo que não podem comprar, **pedem** e não **roubam**. E as pessoas, normalmente, dão. A mendicância aparece como uma prática legítima, conhecida e reconhecida socialmente. Aparece, inclusive, em contraposição ao ato de roubar, indicando um reconhecimento de legalidade na atividade, ou seja, reconhecem essa honestidade embutida no “pedir”.

Por outro lado, como foi visto no item acima, identificam pessoas na mesma condição com outros atributos morais. Dizem que conhecem a existência de outros mendigos que são desonestos e que fazem coisas à margem da lei. Essas pessoas são, segundo eles, excluídas do grupo ao qual pertencem. Não se misturam, portanto.

Dionízio:

...que às vezes você vai dormir num canteiro, que nem pega sua sacolinha... você dormiu, se você estiver sozinho e não tiver um vigiando você, vem um maluco lá, pega suas coisas e leva embora...você fica nu. Você fica com a roupa do corpo. Então o que a gente faz? A gente dorme em conjunto e um vigia o outro. Entendeu?

(...)

D: É...essa é a vida da gente aqui... mas, você pode ver que a gente escolhe com quem anda. Não tem nenhum mau elemento a...na nossa banca, pelo menos. Na nossa roda aqui, ninguém pega nada do que é de ninguém. Ninguém aqui pega nada do que é de ninguém. Não tem aqui...entre nós, não. Aliás, se um puder ajudar o outro, ajuda. Se eu tiver duas camisas, ele não tiver nenhuma, eu tiro uma e dou pra ele.

E: Hum, hum.

D: E é a mesma coisa ele comigo. Se tiver com frio e eu tiver duas blusas, eu dou uma blusa pra ele. E, se ele tiver duas blusas e eu estiver com frio, ele me dá uma blusa pra mim. É assim.

E: Entendo.

D: Uma mão lavando a outra e as duas lavando o rosto...

E: É isso aí.

D: É isso aí. É a vida nossa. Agora, tem uns elementos que andam na rua, que gostam de meter a mão no que é dos outros, roubar e tal. Esses tipos aí a gente descarta, não cola, na nossa banca não entra. Esse tipo de gente, nós não quer...perto de nós, não. Droga, por exemplo. Eu conheço muitos aí que usam droga; rouba pra comprar droga. Na nossa banca, não cola. A gente compra uma pinguinha...porque não é proibido por lei.

E: Hum, hum.

O álcool é permitido por lei, a droga não é. Novamente está presente a contraposição entre legal e ilegal e a referência legal regula também hábitos e vícios.

3.1.3 - Álcool

O álcool também está muito presente nos discursos dessas pessoas. Em alguns casos é anterior e um dos motivos do afastamento da família e, em outros, surge com a ida para a rua.

Carioca diz que o desgosto por não ter conseguido “bancar” até o fim o jogo das instituições sociais o levou à bebida e o expôs aos reveses da rua.

C: “Só que tem um porém (disse o delegado): eu não quero você como agente policial (porque agente policial é motorista), eu quero você como tira, investigador de polícia...do DENARC”. DENARC é... quer dizer narcóticos, entendeu? E DAS quer dizer...é...Departamento... de...é... Delegacia de Antisequestro. Aí ele queria eu no DENARC, só que eu tinha que dar 7.500, aí meu pai falou pra ele... e eu não tinha não... aí meu pai falou pra ele: “Ó, eu te dou 3, depois te dou mais três e meio”...quando eu receber. Ele falou: “Não dá porque tem muita gente na frente”.

G: Ele quer na hora!

C: Mas, os filhinhos de papai, o quê que aconteceu? Se você é filhinho de papai, seu pai banca pra você...

G: Na hora!

C: ...os 7.500, você entra! Você já é tira! Você vai mo...meter a carteira na cart...na cara deles, já era. É POLÍCIA civil! Entendeu?

E: Hum, hum.

C: Só que aí...aí comecei a ficar desgostoso. Aí comecei a beber, beber, beber, beber, beber, beber e o que aconteceu? Perdi minha esposa...só não perdi meus filhos...mas todo mês eu vou visitá-los. É num colégio lá em Santa Terezinha, em Carapicuíba, ali, depois de Carapicuíba...

E: Sei.

C: Então vai minha mãe, minha mãe é... trabalha na creche... meu pai é militar do Exército. Então, o que acontece? Eu to...aqui...Eduardo...é mesma coisa você tá arrancado o coração de quem não tem... você tá entendendo?

E: Hum, hum.

Gaúcho encontra a cachaça na rua, com os colegas e vai ficando...

G: Bem... Eu vim para São Paulo em 90, aí tô com 12 anos aqui, aí... como tava, assim... sem destino, arrumei um servicinho, mas... só bico. Aí conheci a rapaziada e comecei a tomar uma cachacinha e fui indo... entendeu?

Com efeito, a cachaça tem função na condição dessas pessoas. Serve para aliviar a dor, as mágoas que deixaram marcas na existência. Mágoas antigas e atuais: da família e da própria condição em que se encontram.

D: Às vezes a gente ta aí cheio de mágoa no coração, então já compra um litro de cachaça; arruma um dinheirinho, compra um litro de cachaça, enche a cara, dorme na rua... de qualquer jeito, né?

E: Hum, hum.

D: Aí fica assim, nessa situação... porque...às vezes você...você bebe não porque você quer se embriagar pra ficar doido, fazendo arruaça...você bebe pra apagar aquelas mágoa que a gente tem dentro do peito, né? ...Fica mais solto. Aí conta piada, canta um samba...é por isso.

A cachaça ajuda a descontrair, a ficar mais solto. Ajuda a produzir momentos de lazer e alegria apagando, ainda que momentaneamente, as lembranças das agruras da vida, a humilhação.

G: Na rua? Encontra os amigos, a gente vai, né, tomar uma pinguinha, conversar, rir, cantar... hehehe...Botar uma batucada de fora ae...hehehe...é, é, é.

C: Contar uma piada, tal.

G: Aí, eu posso falar aí? (se dirigindo ao Carioca)... Em artigo, posso falar em futebol...em serviço...e é o dia inteiro assim.

...

T: A gente começa lembrar o passado também...

P: Às vezes a gente compra uma cachacinha, que é pra...né?

G: Pra animar, né?

P: Pra animar um pouquinho. Às vezes, tem certos PMs que chega aí... querer quebrar a pinga da gente. “Ô, que é isso?” Nós pagamo a pinga.

Nesses momentos de descontração dividem as histórias; o passado e o presente.

D: Qualquer lugar, qualquer supermercado você compra. A gente toma a nossa pinguinha, se distrai, canta, bate um samba, conta uma piada, conta uma história, lembra o passado... entendeu?

E: Hum, hum.

3.1.4 - Polícia

Queixam-se que a polícia, em vez de cuidar deles, impede que fiquem nos lugares onde querem. Colocam-nos em um constante movimento de andança, sem lugar definido. Parece a eles que os policiais não querem que fiquem em lugar algum (nos albergues, talvez...). Denunciam que sofrem violência desses policiais, porém dizem que sabem se defender. Reconhecem-se como cidadãos e, por isso, reivindicam o direito ao espaço público.

G: Cada... polícia mesmo... polícia, os caras... Em vez de olhar pra gente, dar um... eles mandam você dormir no albergue. No albergue só pra comer e dormir. Eu vou ficar lá, 4 ou 5 meses, só comendo, bebendo e... não ter nada, aí. Aí vem pra rua e fica na rua. Aí, chega lá come e dorme. Tudo bem um banho e tal, mas... não arruma uma escola de graça, não arruma nada assim pra gente estudar, fazer um curso no SENAI. Não tem nada! Aí tu fica na rua, na esquina, aí. Passa um, aí vai e pede um dinheirinho pra comprar um cigarrinho; às vezes um café, de manhã. Uma pinguinha, né, que a gente bebe, né?... A gente bebe uma pinguinha, né?

E: Hum, hum.

G: Aí vem a polícia encher o saco; bota pra correr, que nem às vezes. Os guardas vêm encher o saco: “Não pode ficar aí; não pode ficar aqui...”

C: É...

G: Não é pra poder ? (grita)

(...)

M: Às vezes, tem certos PMs que chega aí... querer quebrar a pinga da gente. “Ô, que é isso?” Nós pagamo a pinga.

G: Nós não pode ficar aqui, nós não pode ficar ali. Aí a gente fala: “Mas a rua não é pública?”. “É, mas...mas...dá um role... aí depois você volta. Dá uma volta! Vai lá pra baixo, na praça!”; aí chega lá, outros caras: “Aqui não pode ficar, vai lá pra cima.”. Aí: “Aqui não pode ficar também, vai mais pra lá!” hehe (todos riem) É assim que...é ou não é? (perguntando para os outros colegas)

D: Fica aquele vai e vem, sabe?

Consideram-se cidadãos e, como tais, reivindicam o direito ao espaço público. A condição de rua não eliminou o reconhecimento de cidadania destas pessoas e, com ele, o conhecimento dos direitos.

3.1.5 - Albergues

É apenas neste grupo de entrevistas que o tema dos albergues ou das instituições de auxílio à população de rua aparece. Tais locais de ajuda são apresentados por estas pessoas como de grande valia, porém como “não suficientes”. Embora essas instituições ofereçam dispositivos para que realizem a higiene pessoal, os entrevistados consideram tais dispositivos como insuficientes e limitados.

Diz Gaúcho:

E: Como é que você faz pra tomar banho, se limpar?

G: Hein? Tem as comunidades...não tem? Não é isso aí, as comunidades? (perguntou para os outros)

T: As comunidades...

G: É...dos padres, né? Eles dão uma força, né, pro pessoal de rua, assim. Se quiser lavar uma roupa, quiser... um banho, tudo...se quiser um aparelho pra tirar a barba...

E: Ah, eles dão o aparelho?

G: Dão; aquele pequenininho.

E: Sei.

O adjetivo no diminutivo, utilizado para definir o aparelho de barba que recebe das comunidades de auxílio, dá indícios do caráter de insuficiência do que é recebido nesses lugares.

E, também, Dionízio:

E: Aonde você faz a higiene?

D: Ah, tem as comunidades.

E: Ah, sei, as comunidades....

D: Aí.

C: Só que demora, viu, Eduardo?

D: Demora.

C: Mais de 3 horas pra você tomar um banho.

D: E quando você vai tomar um banho, você tem que entrar rapidinho embaixo do chuveiro e, enquanto você se ensaboia, outro entra, aí o outro sai e você entra para tirar o sabão do corpo, e tem que sair fora, porque tem uma fila enorme lá fora.

E: E depois?

D: Entendeu? Você tá tomando banho e já tem outro lá fora batendo na porta: “Opa (toc, toc, toc), vamos aí gente, vamos aí, pessoal.”. Então você toma aquele banho ligeiro...rapidinho. Coisa que você gasta...quando você está na sua residência, você gasta...10, 15 minutos na sua higiene no banho, na comunidade você tem que fazer em 2 minutos....Coisa que na sua casa você faz em 10, 15 minutos. Na comunidade você tem que fazer em 2 minutos, 1 minuto e meio. Às vezes não dá nem 2 minutos.

G: O quê, o quê, o quê, o quê? {aproximou-se o G.}

D: Pra você tomar um banho na comunidade.

G: Quê que tem?

D: Que você tá embaixo do chuveiro e tem outro lá fora já batendo na porta..

G: É...rapidinho e tem que sair fora. É... porque é muita gente, umas cento e poucas, cento e cinquenta, cento e oitenta pessoas...

D: Nós estamos aqui...tem uma comunidade que eles só atendem de 6^a feira, mas, quando é sexta feira que...vem gente de Pinheiros, vem gente da Mooca, vem gente não sei da onde, vem gente da Sta Cecília tudo pra essa comunidade.

E: Sei.

D: Entendeu? Então, vira aquela fila lá de homem lá na porta.

Neste trecho, as limitações das instituições de auxílio ficam notórias. Os três entrevistados participam da conversa e legitimam-se mutuamente. Percebe-se, inclusive, que o entendimento dessas dificuldades por parte do entrevistador é algo de extrema importância. Em certo momento este tenta passar adiante no assunto, mas Dionízio questiona e exige seu entendimento: “E depois?” “Entendeu? Você tá tomando banho e já tem outro lá fora batendo na porta...”.

Os albergues oferecem ajuda, mas não mudam suas condições de vida. Precisam de outras coisas para a emancipação. Com efeito, embora identifiquem a ajuda oferecida pelos albergues, apresentam outras formas para a obtenção de comida e dormida. Parece que a referência atribuída a tais

instituições de auxílio fica circunscrita à higiene, mesmo com todas as dificuldades que encontram para essa atividade. A alimentação é conseguida de outras formas: comprando (quando possuem algum dinheiro) e pedindo.

Diz Carioca:

“C: ... Se você ganha 1 real, você vai ali, o cachorro quente é 1,50. O cara põe só um pedaço de pão, uma salsicha...um pouco de catchup e mostarda. Agora, aqui não; a gente tem que esperar até três e meia, quatro horas...pra ir no restaurante e hoje já não tem mais... porque hoje é sábado, amanhã é domingo e hoje não tem mais comida...”

Ou Dionízio:

E: Como é que você faz pra comer?

D: É...como ele diz, tem uns restaurantes aqui nas imediações...porque quando termina o expediente, e eles vão lavar a cozinha, aí você chega na porta e oferece um...um... vasilhame...aí que eles enchem com o que sobrou, que é o FUNDO da panela; eles põem no vasilhame e dá pra gente.

E: Entendo

D: Então, como ele diz, a gente senta todo mundo assim e divide. Eu como um pouquinho, ele come um pouquinho, ele come um pouquinho {apontando cada um dos que estavam ali}. Entendeu?

Gaúcho:

G: “ ...lá na feira, eu cato uns negócio pra comer, né? Umas mangas, uns... uns fruto... No fim da feira, os caras dão... dão umas frutas pra gente, lá. A gente chega (não rouba!) pede, né? Eles, normalmente... e dão na rua, o pessoal aí na chuva, na marquise aí fora, aí, por aí, nesse posto, então... ... e eu durmo perto de uma farmácia, ali. O cara deixa eu dormir ali, na marquise, né? Mas, não pode zoar; tem que deixar tudo limpinho. De manhã tem que deixar tudo limpinho... Tem uns que ignoram... não deixam voc... “Não pode ficar aqui...” não sei o quê!... Tem uns que são sacanas, mas tem uns que são bacanas, não é, não? (pediu a legitimação dos demais.”.

Como visto no trecho acima, também não dormem nessas instituições, mas na via pública. Ou melhor, apesar de dormirem na via pública, ainda precisam de autorização particular para fazê-lo. Escolhem os lugares para dormir e organizam-se para protegerem-se dos atos de violência a que estão submetidos. Desenvolvem estratégias para poderem dormir e não serem assaltados enquanto dormem.

D: “E agora eu tô na rua, tô com a roupa do corpo....que às vezes você vai dormir num canteiro, que nem pega sua sacolinha... você dormiu, se você estiver sozinho e não tiver um vigiando você, vem um maluco lá, pega suas coisas e leva embora...você fica nu. Você fica com a roupa do corpo. Então o que a gente faz? A gente dorme em conjunto e um vigia o outro. Entendeu?

C: Dorme lado a lado.

G: Lado a lado.

D: Lado a lado. Então, tá um, eu tô vigiando ele, ele tá me vigiando.

C: E tem outra, Eduardo, se você dorme de cabeça pra cima, ele dorme de cabeça pra baixo; porque ele vê quem vem vindo lá, atrás de você, e eu vejo quem vem vindo na frente. Um vigia o outro.

D: A gente fala: dormir de Valete, que é um com a cabeça pra lá e um com a cabeça pra cá.

E: Hum, hum.

D: Eu tô vendo pra cá e ele tá vendo pra lá...nas marquises da vida, aí. E é assim que a gente vive...”

3.1.6 - Trabalho

Esta é a categoria mais presente no discurso deste grupo de pessoas. E não apenas é a mais presente no discurso deste grupo, mas a lógica do trabalho e do salário referencia toda a sua construção. Como vimos acima e veremos em outras categorias, poder comprar é aspiração e essa relação de pagamento garante a propriedade e os direitos. Não trabalhar e, conseqüentemente, não receber salário que permita comprar e pagar coisas, gera sentimentos insuportáveis.

O trabalho, ou melhor, a falta dele, é tido como o fato responsável pela chegada na rua e a permanência nessa condição. É através dele também que esperam poder sair da rua. Falam das atividades que realizam e da organização que são capazes de fazer para trabalhar. Neste sentido, fica clara uma distinção: trabalho é diferente de emprego. Embora relatem diversas atividades que executam, tais atividades não são depositárias da esperança da emancipação. O emprego fixo, com salário assegurado é condição necessária para que possam deixar as ruas e terem um lar, ou ainda voltarem para o lar que deixaram.

Como diz Gaúcho:

E: Então, Gaúcho, gostaria que você me contasse a sua história de vida.

G: Da rua, né?

...

E: Hum.

G: Bem... Eu vim para São Paulo em 90, aí tô com 12 anos aqui, aí... como tava, assim... sem destino, arrumei um servicinho, mas... só bico. Aí conheci a rapaziada e comecei a tomar uma cachacinha e fui indo... entendeu? Então, até hoje já, eu... arrumo serviço de pintura, mas não d... deu certo também, mas é bico, é... tipo 2 semanas, 1 semana. Às vezes, um mês... vareia.

Os bicos são incertos e esporádicos. Por isso, não oferecem a segurança e as condições necessárias para a mudança de condição de vida. Dionízio descreve claramente esta situação:

D: Então, você vai arrumar um emprego... como? Então você fica fazendo assim...é...bico! Um quebra-galho ali, um quebra-galho aqui. Às vezes pego uma obra aí; eu trabalho como servente.. eu sendo mecânico trabalho como servente de pedreiro. Que nem o G. disse: nós quisemos botar um caminhão de areia pra dentro e o cara disse que não precisava, que já tinha pessoas até demais pra fazer o serviço, que eram os funcionários efetivos.. Nós não somos efetivos. Mas vamos ver, se aparece um bico, a gente faz, pra ganhar um dinheirinho. É como ele diz: você pega um dinheirinho aqui, você vai pagar uma refeição, se você...se você gosta de tomar

um aperitivo, você vai tomar um aperitivo...se você gosta de comer um cigarro, você vai comprar um cigarrinho... Quando é no final das contas, você tá duro de novo.

A dificuldade para conseguir um emprego tem várias explicações: excesso de pessoas desempregadas, falta de instrução, política econômica, falta de saúde... Embora constituam um grupo, apresentam distintos motivos para continuarem sem emprego. Gaúcho entende que, além do excesso de pessoas, a falta de estudos e de qualificação profissional impedem que seja contratado por uma empresa.

G: O problema sabe o quê que é? É que... não tem emprego que você quer trabalhar, assim, que você gosta... não tem! E não tem direito a estudo... eu tenho a 4ª série e tem que ter... tem que ter estudo, 2º grau (ninguém tem) completo, né? Porque, nas firmas, aí, eles querem o 2º grau completo... e você não tem... É 4ª série... do primário, 5ª série... Então, aí, eu vim pra São Paulo, aí, pra... pra trabalhar e, no fim, a gente quebra a cabeça. Eu vim pra cá pensando que er... é tudo ilusão... a gente pensa que é uma coisa, mas chega aqui, é tudo diferente... porque é muita gente pra trabalhar. Gente que vem do norte, do sul, assim... então, eu... não ach... que se não vai estudar, não... Tem que pagar e é caro; não dá. Porque, vai fazer um curso tem que pagar e falta o ... terminar o estu... 2º grau; não tem. Para ter o curso, tem que ter pelo menos aquela série; não tem. Não tem nem o 1º grau! E 4ª série, você não arruma serviço, arruma? Só com a 4ª série? 5ª série, não arruma.

Os estudos são, para ele, a condição necessária para arrumar um trabalho em que queira trabalhar. A qualificação técnica seria também uma saída, porém a falta de dinheiro o afasta também dessa possibilidade. Diz Gaúcho:

... não arruma uma escola de graça, não arruma nada assim pra gente estudar, fazer um curso no SENAI. Não tem nada! Aí tu fica na rua, na esquina, aí.

Entretanto, parece que os estudos e a qualificação profissional também não são suficientes para garantir o emprego e o conseqüente abandono da rua como morada. Carioca e Dionízio apresentam uma longa lista de qualificações e experiências profissionais, mas também não conseguem trabalho.

Apresenta-se, Carioca, antes mesmo que eu perguntasse qualquer coisa:

C: Então, Eduardo, a minha história é o seguinte: eu já trabalhei na INFRAERO (no Aeroporto Internacional de Cumbica), eu fiz curso 6 meses de inglês, 6 meses de casteliano, entendeu? Eu tenho 2º grau; eu sou motorista, entendeu? Eu fiquei desempregado, eu casei em 86 (1986), tenho uma filha de 13 anos, T. C. D. e M.(...) chegava lá e fazia um socorro mecânico... que eu sou mecânico, também. Eu fiz SENAI! Aí na Rua Oratório. Mavan Dias Figueiredo – laboratório.

Nota-se como o trabalho é referência para a história de vida de Carioca. A formação da frase indica precisamente essa referência: “... a minha história de vida é o seguinte: eu já trabalhei...”. A exposição sobre os locais onde já trabalhou e suas qualificações profissionais iniciam a narrativa sobre sua história de vida.

Dionízio também tem qualificação profissional:

(...) eu entrei no...no...no...SENAI, fiz um curso de ajustagem mecânica, arrumei um emprego, na época, ganhando até mais ou menos, razoavelmente bem... eu, como ajustador mecânico. Depois, fui trabalhar em montagem industrial...estrutura metálica... fazer galpão, esses negócios, entendeu?... Porque eu sei trabalhar com maçarico, sei trabalhar com alicate de solda... solda elétrica, né?... sei operar um torno, tornear uma peça, fazer uma rosca... mas , no final das contas, eu me casei com uma garota e... não deu certo também. Acabamos se separando. Ela foi embora, que ela era sergipana, foi embora para o Sergipe, para o estado do Sergipe, numa cidadezinha lá nos fundão do Segipe, chamada... que é divisa de... de Alagoas com Sergipe. Chama-se Neópolis, essa cidade. Você atravessou o rio São

Francisco, é Penedo, que eu tive lá uma ocasião, atravessou o rio, é Penedo; você atravessou o rio prá cá, é Neópolis. Penedo é Alagoas e Neópolis é Sergipe. Ela é sergipana. ... Aí se separamos, aí... eu caí no desemprego também, que houve aquela crise aí que eu fiquei desempregado... e você em casa é o seguinte: se você quiser ir tomar um banho (minha mãe mora aqui, no Jaraguá), se você vai tomar um banho, você demorou um pouquinho mais em baixo do chuveiro, um grita: “Olha a conta de luz!”. É ou não é? ... Você desempregado, sem... sem uma verba pra você chegar e bancar uma conta de luz, uma conta de água... não é? Aí ele compra um objeto e paga uma prestação... um... rádio, uma televisão. Mas, o desempregado não tem condições, então, eu... preferi sair e fazer trocado... certo? Entendeu?

(...)

D: Entendeu? Porque... eu não sou escriturário, sou mecânico industrial. Eu sei trabalhar com uma solda, com o maçarico...entendeu? Sei operar um torno. Sei medir uma..eu pego um paquímetro, eu meço o fio do seu cabelo e digo quantos décimos de milímetro tem.

Percebe-se que as qualificações profissionais que essas pessoas possuem fazem parte da identidade delas. Não se referem a elas no passado, no tempo que estavam empregados exercendo tais atividades, mas no presente: “Eu sou motorista...”; “...sou mecânico industrial...”. Identificam-se com a formação profissional, independentemente de estarem vivendo na rua, desempregados. A condição de rua não apagou a identidade profissional. Suas habilidades estão mantidas, apesar do tempo de rua. E esse fato os aproxima da possibilidade do retorno ao emprego.

Todavia, se a qualificação profissional e a manutenção desse saber os deixam mais perto da (re)inserção profissional, as marcas deixadas no corpo pela situação de rua os afastam dela. Os três entrevistados falam de lesões que sofreram devido à situação em que estão vivendo. A falta de recursos e as dificuldades vividas deixam marcas visíveis no corpo.

Como diz Gaúcho:

G: ...Até caí do balancinho e quebrei o ... (mostrou-me o pulso inchado e com marcas de pontos cirúrgicos). Conhece aquele balancinho, que amarra em cima...?

E: Eu sei...

G: Aí apertou uma ponta, aí eu descí... caí em cima (do pulso).

E: Nossa!

G: Aí o mé... o mé... o médico... olha o que ele fez aí, ó. Aí eu mand... ele disse que... eu não dava para operar, e... ele fez um ponto e pôs só um dreno aqui dentro e... também assim... ele mandou eu embora e eu vim embora. Eu queria que ele botasse pra dentro, o osso, ne? Aí ia ter que abrir tudo aqui pra pôr o osso pra dentro. Olha...

E: É... fez um...

G: Não dói, não dói, não dói. Dá pra fazer força com ele. Não dói, mas eu queria botar ele no lugar, que nem aqui, né? (mostrou o outro pulso)

E: Hum, hum.

G: Olha lá, ó.

E: É, ficou...

G: Arrebentou e eu caí em cima. Arrebentou o balancinho... aquele negócio de roda...

E: O andaime?

G: Escapou, aí eu caí lá de cima... 4 metros... Mas, tá baixando, já... tava ruim... Ainda bem que foi só 4 metros, só. Se fosse mais alto... Eu ia descendo por fora com a lata, com a tinta e o rolo e pá... eu não que eu dei um descuido lá e, pfui... Aí eu tô com o pessoal, aí... Eu cato latinha à no... de dia aí ... e cuido dos carros, a gente cuida de carro aí...

Machucou-se no trabalho/bico e, agora, cuida de carros e cata latinha...

Carioca também tem o corpo marcado pela condição:

C: Então, eu já não agüento mais essa vida! Sabe, Eduardo, eu não agüento mais... Tô falando pra você c... com todo o respeito. Ó, eu já tô rouco vai fazer 3 meses... rouco... não consigo falar direito... Aqui, ó {mostrou o antebraço}, todo queimado, ó.

E: O que foi isso?

C: Isso aqui foi... um radiador de um caminhão. Sei que furou o radiador... sabe aquela serpentina que tem no radiador?

E: Sei.

C: Estourou tudo! Aí voou pra todo lado. Só não queimei o rosto porque, graças a Deus...

G: Tirou fora?

C: É... eu tirei fora assim, mas fez assim: PUSSSSS, aí pegou aqui e eu comecei a gritar. Aí a mulher chegou, pegou manteiga e passou no meu braço. Então, aí eu fui pra Santa Casa...

Carioca não agüenta mais a situação em que vive. Dizia, no início da entrevista, que não aparentava ser morador de rua, mas sua aparência está sendo modificada pelo tempo em que está nessa condição.

Dionízio fala claramente da relação que vê estabelecer entre corpo e trabalho:

D: Desempregado, sem ter um... uma condição de dar até um conforto a mais pra minha mãe, pra minha família. Então eu preferi... viver assim. É ou não é? Agora, se um dia acontecer de alguém me dar uma força (eu preciso fazer um tratamento odontológico); os meus dentes estão todos estragados. Você vai entrar numa firma, vai fazer um exame médico, ele...o...médico abrir tua boca, olhar teus dentes, já te reprova. Não é verdade?

E: Hum. Por quê?

D: Porque reprova porque você ta...não tem condições... você vai trabalhar uma semana, te dá uma gengivite, uma dor de dente e você vai faltar, vai perder serviço..

E: Entendi.

D: Então eles não querem. Eles querem você inteirinho. Você vai fazer o exame médico numa empresa, eles examinam você como você fosse um... como o pessoal do Jóquei que vai comprar um cavalo. Eles te examinam da cabeça aos pés.

E: Hum, hum.

D: Você tem que chegar, se despir, ficar nu! Se você tiver uma hérnia, você já não tem o emprego. Ou uma unha encravada no pé, eles já não te querem... porque você não vai desempenhar um trabalho com um cara..como um cara sadio.

E: Hum, hum.

D: Entendeu? Porque... eu não sou escriturário, sou mecânico industrial. Eu sei trabalhar com uma solda, com o maçarico...entendeu? Sei operar um torno. Sei medir uma..eu pego um paquímetro, eu meço o fio do seu cabelo e digo quantos décimos de milímetro tem.

G: É.. o paquímetro...

D: Mas, como é que eu vou entrar numa empresa, como é que eu vou arrumar emprego?

C: Tem o paquímetro Mitutoyo...

D: Então, Mitutoyo, japonês.

C: E...

D: {não deu importância para o que o C. falava} Então, você vai arrumar um emprego... como? Então você fica fazendo assim...é...bico! Um quebra-galho ali, um quebra-galho aqui. Às vezes pego uma obra aí; eu trabalho como servente.. eu sendo mecânico trabalho como servente de pedreiro.

Não consegue arrumar um emprego por causa de sua condição física; precisa de ajuda. Percebe-se, então, que Dionízio denuncia em uma situação circular: está nessa condição física por falta de emprego e não pode voltar a ele por causa da atual condição física. E a lógica da saúde com o emprego está tão naturalizada para Dionízio que, embora denuncie, no início, a existência de uma desumanização no processo de seleção das empresas, legitima-o logo em seguida. Mais do que ratificar o examinador, justifica seu procedimento em nome da produtividade. “...porque você não vai desempenhar um trabalho com um cara... como um cara sadio...” (a utilização do discurso indireto livre indica que Dionízio reconhece como legítima a sua reprodução).

Apesar de seus conhecimentos, habilidades e experiências, seu corpo-doente impede sua admissão em um emprego e, conseqüentemente, sua saída da rua. Assim, se sua identidade profissional e seus conhecimentos estão mantidos, sua condição física sofreu mudanças. Sua identidade profissional o aproxima do emprego, mas seu corpo o afasta dele...

3.1.7 - Humilhação

Apenas neste grupo de pessoas é que o sentimento de humilhação está presente claramente no discurso. O próprio termo aparece apenas neste grupo. Falam da humilhação que a atual condição de vida lhes provoca, porém sob distintos aspectos. Gaúcho e Carioca dizem sentirem-se humilhados por

estarem no “banco da praça”, sem terem emprego, sem terem boas roupas ou boas coisas.

Falam:

C: Então, o que acontece? Eu to...aqui...Eduardo...é mesma coisa você tá arrancado o coração de quem não tem... você tá entendendo?

E: Hum, hum.

C: Eu olho pra você, eu falo assim: “Poxa, que Deus te abençoe!”. Eu olho pro G.: “Porra, o G. tá forte...e não tem um emprego”. Olho pro P., ó o P., ó; tá bem vestidinho, mas tá aí, ó... Entendeu?

G: Não tem serviço pra ele, não tem nada...

C: Não tem nada! Agora tem fazer o quê? Tem que ficar aqui, no banco da praça... entendeu? Sendo humilhados no...

G: Duro é a humilhação...

C: Assaltado. Então, e não agüento mais essa vida!

Dionízio, todavia, fala de uma humilhação expressa em outra cena. Conta que ficar na casa da família sem poder ajudar na provisão é que é humilhante. O sentimento de que precisa ajudar nas despesas da casa, mas que não pode devido à falta de emprego, é que é insuportável para ele. Sente-se humilhado e precisa sair de casa.

D: Aí se separamos, aí... eu caí no desemprego também, que houve aquela crise aí que eu fiquei desempregado... e você em casa é o seguinte: se você quiser ir tomar um banho (minha mãe mora aqui, no Jaraguá), se você vai tomar um banho, você demorou um pouquinho mais em baixo do chuveiro, um grito: “Olha a conta de luz!”. É ou não é? ... Você desempregado, sem... sem uma verba pra você chegar e bancar uma conta de luz, uma conta de água... não é? Aí ele compra um objeto e paga uma prestação... um... rádio, uma televisão. Mas, o desempregado não tem condições, então, eu... preferi sair e fazer trocado... certo? Entendeu?

E: Hum, hum.

D: Só que... só que você tá em casa, você tá dando despesa.

E você na rua, você não dá despesa!

E: Hum, hum.

D: E... não se sente humilhado, também... Porque é duro você chegar na sua casa, entendeu, e... sua mãe chegar com a conta de luz e falar: “Ó, chegou a conta de luz. Você tem um dinheiro pra pagar?” e você fala: “ Não tenho, mãe”... .. “Chegou a conta de água; você tem um dinheirinho para pagar a conta de água?”, “Não tenho, mãe”, ou “Eu preciso fazer uma comprinha, você tem algum dinheiro pra mim ir no mercado...no supermercado pra mim fazer uma comprinha?” “Não tem, mãe!”... Você se sente como o pior do... o pior do mundo.

E: Hum, hum.

D: Entendeu? Então, você prefere sair e ficar...fora.. a minha mãe é aposentada! Ela tem a aposentadoria, o dinheiro dela. Esse F., meu irmão, é aposentado e solteirão também, vive com a minha mãe. Tenho uma irmã que é casada com um tcheco, o cara é Tchecoslováquia, muito bem de vida, então... entendeu? Tem casa própria, não depende de aluguel. Mas, eu não tenho nada! ... Desempregado, sem ter um... uma condição de dar até um conforto a mais pra minha mãe, pra minha família. Então eu preferi... viver assim. É ou não é?

Para esta pessoa, a rua alivia o sentimento de humilhação que vivia em casa, por não poder ajudar nas contas. Os parentes tinham alguma fonte de dinheiro, mas ele não. “Dar despesas” para os outros é insuportável, é humilhante! Prefere, portanto, ficar na rua (onde não dá despesas para ninguém, segundo ele) a sentir-se humilhado na casa da família. Portanto, a rua diminui o sentimento de humilhação de Dionízio. O pior do mundo é aquele que está na casa da família dando despesas e não pode contribuir com algum dinheiro.

E essa lógica é percebida como natural e única: “É ou não é?”

3.1.8 - Expectativas em relação à entrevista

Neste grupo, as expectativas em relação à entrevista realizada são de divulgação. Esperam que as informações fornecidas por eles sejam divulgadas e consigam benefícios em função disso. Imaginam que os possíveis leitores não sabem o que se passa com eles, assim, tomando conhecimento dessas

informações, poderão ajudá-los. Conhecerão suas capacidades profissionais e a disposição para trabalhar. Têm, portanto, esperança que alguém os empregue e possam sair dessa condição em que se encontram.

*C: Eu conheço a USP, lá. Eu só não estudei lá porque eu fui burro demais. Eu não aproveitei os meus estudos que eu tinha. Que eu queria que Deus fizesse uma força pra que você chegasse lá, desenvolvesse esse trabalho que você está fazendo aqui conosco, pra chegar lá e “Professor, é assim, assim, assim”, aí eles viessem aqui nos procurar e falar “Olha, você vai ter uma frente de trabalho, você vai ter isso, você vai ter uma cesta básica, você vai ter...um...uma pensão, você vai ter um alojamento”, não é não G., assim, pra ficar? Aí, você formar uma família. Você está entendendo? Então é só isso que eu falo, Eduardo. Eu fico por aqui, que Deus te abençoe.
E: Obrigado.*

Esses leitores de quem esperam ajuda têm identidade: professores da USP. Professores que permitirão a eles terem o que lhes falta: trabalho, renda, garantia de comida, família. Professores que lhes proverão o “ter”.

3.2 - O interlocutor excluído

Neste grupo, o interlocutor é constantemente excluído da relação e visto como alguém absolutamente diferente do entrevistado. Sua inclusão no grupo dos entrevistados era até aceita e promovida em alguns momentos, porém logo seguida pela sua expulsão. Diferentemente do grupo anterior, os entrevistados compartilham códigos e referências particulares, dos quais ao entrevistador não era permitida a partilha. Uma situação semelhante foi descrita por Guirado (1986a), em sua pesquisa de doutoramento realizada com internos da FEBEM, em relação ao grupo dos chamados “infratores”. Dizia a autora que esses entrevistados, “desde o princípio, colocavam-se na postura de quem ‘sabe das coisas’ e vai dosar aquilo que me conta e vai, mesmo assim, contar-me muitas coisas. Eles indicavam a cada instante, que reconheciam o meu lugar na relação com eles e, todo o tempo, desafiavam-no mais ou menos diretamente. A

*análise de seu discurso (...) revela esta 'relação entre lugares', no limite máximo da consciência. Eu parecia ser aquela **que precisava ser mantida à distância, ora pelo uso de um código fechado, ora pela ameaça explícita, ora pela suscitação de um discurso 'adequado' ao meu ouvido***" (p.115, grifos nossos). Nesta entrevista a percepção foi bastante semelhante.

Dizia Rocha:

"R: Às vezes você tá passando na rua, mano, tá deste lado, aí vem um cara deste lado. Por exemplo, você tá aqui e aí o cara atravessa a rua pro lado de lá, mano. Isso, prá mim, o cara tá me discriminando, certo, mano? Aí eu já mando ele tomar no cu, mano! Já mando tomar no cu porque acho que ela tá me discriminando, mano. {a garota fala algo} É, mano. Certo, mano? Tá a maior neurose, truta, o mano! Você... Eu acho, tipo assim... O seu jeito também...

E: Hum..

R: Do mesmo jeito que você chegou em mim... {o garoto fala algo, ele ri} Certo, meu? Eu acho assim, mano... que você não pode... acho que os outros me discrimina demais, mano. Tá ligado? Discrimina não só eu como... as outras pessoas, tá ligado? Acho que nós é muito discriminado na rua.

E: Hum, hum.

R: Não só pela população, como pela polícia, pela...a sociedade inteira. Prá eles, nós é lixo..."

Rocha fala que se sente discriminado e conta como reage ao possível gesto de discriminação. Identifica, nesse momento, o entrevistador como parte daqueles todos que os discriminam: a sociedade inteira.

Contudo, o movimento de exclusão do entrevistador gera um contra-movimento de tentativa de fazer parte. Este, a partir de certo momento da entrevista, passa a utilizar palavras e expressões que imagina ser do discurso do entrevistado.

R: Aí, às vezes, dá prá vender e arrumar um dinheiro. Às vezes nem arruma, nem arruma nada... Mas é emprestada, a gente devolve, depois. Tá ligado?

E: To ligado...

R: Não é a nossa...É que a gente ainda não fizemos a nossa, ainda.

E: Tô ligado...

E: E você compra essas paradas?

R: Hã?

E: Compra essas paradas?

R:Compro.

E: E quando não tem grana?

R: ...É só comprar!

E: Se não tem grana, como é que compra?

R: É só arrumar.

E: Ahh...E arruma como?

R: Pedir.

E: E as pessoas dão?

R: Dão.

(...)

E: E o que você achou disso, véio?

... {riam}

Entretanto, a estratégia utilizada pelo entrevistador para fazer parte não surtiu efeitos. Além de ser excluído, foi também ironizado. A tentativa de mostrar que conhecia o código fechado não permitiu sua aproximação. Produziu, isso sim, um discurso que “driblava” as intervenções do entrevistador. Ainda que tentasse utilizar palavras e expressões que, supostamente, pertenciam ao código dos entrevistados, ainda que tentasse cercá-los com questionamentos organizados, “escorregavam” e desviavam o teor das perguntas. Isso garantia que o afastamento se mantivesse.

Outro trecho da entrevista:

O garoto e a mulher fazem um tipo de gozação do rapaz que não pude identificar do que se tratava.

...

E: E você dorme sempre no mesmo lugar?

R: Não.

E: E como escolhe o lugar.

R: O lugar mais quebrada que tiver, eu caio aí.

Garoto: Ele pede no ponto!! Risos.

R: Dá essa garrafa, o Di menor, aí, mano.

...

E: Você chama ele de ‘Di menor’?

R: É só pra não divulgar o nome dele... {falou baixinho}
E: Ah, tá limpo.
Novamente, o garoto diz algo para o rapaz (que eu não pude entender) e riram.

E: Faz tempo que vocês andam juntos?
R: Eu e ele faz.
E: E ela?
R: Ela nem tanto.
E: É namorada sua?
R: Minha? Não... é namorada dele!
E: Ah... dele?

O garoto fala algo e riam novamente.

...
R: Que hora que é agora? 10 horas?
E: Deve ser uma hora, mais ou menos.

O garoto continuava a falar algo, que não conseguia entender.
Estava com a boca cheia de bolacha. Riam.

E: Você não quer me contar também? Chega aí.
Garoto : Não!

...
R: É a mesma coisa, tiozinho.
E: É?
Garoto: Se eu contar, você vai chorar...
E: Deixa eu chorar.
DM: Não.
E: Não sou eu que vou chorar; é você?

...
E: Ué, se você não quer me contar, é porque é você que vai chorar... e não eu...
R: Pode crer, tiozinho... (A moça concorda com o rapaz. Pela 1ª vez, manifesta-se)
Garoto: Não... é que se eu falar, vai dar XXX...{risos}
R: Então, tiozinho... é isso... Nós viemos do lado de lá e viemos andando até dar o sono, porque a pedra não dá sono. A pedra que a gente fala é o crack.
E: Eu to ligado.

Este trecho da entrevista reúne algumas características que mencionávamos. Notam-se os momentos em que o entrevistador não conseguia

entender o que diziam, ora porque falavam com um tom de voz baixo, ora falavam com a boca cheia. As constantes ironias e as respostas truncadas iam remetendo aquele que entrevistava a um lugar específico: fora do grupo constituído.

Momentos de tensão também aconteceram. O movimento de afastamento e as tentativas de aproximação geraram situações de confronto e desafio. O final do trecho apresentado demonstra um desses momentos. As intervenções do ‘Garoto’ desestabilizavam ainda mais a já precária relação de entrevista. Com essa percepção (consciente ou não), o entrevistador tentou “incluir-lo oficialmente” na entrevista. Diante da recusa e da insistência em permanecer “do lado de fora”, um embate entre os dois estabeleceu-se. Embate esse que apenas foi diluído com a intervenção dos outros dois. Interessante perceber que Rocha, no momento de tensão, inclui o entrevistador, oferecendo-lhe uma explicação sobre um elemento do código. Essa inclusão momentânea extingue a tensão que havia se formado. Essa dinâmica foi uma marca de toda a entrevista.

3.2.1 - Esperança

Neste grupo, os entrevistados falam que não há expectativa de mudança na condição de vida. Consideram que a situação de rua não irá se alterar por não terem para onde ir. Seus destinos estão marcados pela droga e pela rua. Diferentemente do grupo anterior, não há esperança de mudança. A rotina será mantida.

R: Vou fazer o quê, mano? Não tenho mais nada... não tenho prá onde ir; eu vou prá onde? Vou prá outra esquina, durmo; vou prá outra, durmo; vou prá outra, fumo uma; vou prá outra, fumo uma; já era, pronto! A minha vida vai ser sempre assim, mano. Eu acho é que...

Garoto: Nossa vida é viver no mundo da nóia...

R: É... fumar um bagulho... { canta: “Mundo da Lua, mundo da Lua!!! }

O mundo deles já estaria definido e delimitado e não será alterado. Não se trata, pois de uma condição temporária, como no grupo anterior, mas um estado permanente, imutável.

3.2.2 - Trabalho

Conseguem o dinheiro para comprar algumas coisas através do pedido e de atividades, como catar papelão e latas. Entretanto, essas atividades são esporádicas e incertas, como também relatavam os entrevistados do grupo anterior. Contudo, não parece haver qualquer expectativa de conseguir outra atividade menos esporádica. O dinheiro oriundo das atividades de trabalho aparece em segundo plano. Quando foram perguntados sobre a forma de conseguir dinheiro, responderam sobre a mendicância. E aqui também, como no grupo anterior, se percebe a legitimidade da prática de pedir. O registro de sua história pessoal, diferentemente do primeiro grupo, está longe de coincidir com o registro de atividades de trabalho para sua sustentação.

Rocha:

E: Como arruma dinheiro?

R: Pedindo.

E: Pedindo? Essa carroça, você...

R: Essa carroça aí é só pra...pra nós catar uns papelão,...catar umas lata...

E: Hum, hum.

R: Aí, às vezes, dá prá vender e arrumar um dinheiro. Às vezes nem arruma, nem arruma nada... Mas é emprestada, a gente devolve, depois. Tá ligado?

E: To ligado...

R: Não é a nossa...É que a gente ainda não fizemos a nossa, ainda.

O instrumento que utilizam para realizar essas atividades também não é propriedade deles, é emprestado. Precisam devolvê-lo em seguida. Com efeito, a menção sobre o trabalho surgiu apenas após a pergunta do entrevistador, que viu a carroça.

Há, porém, uma expectativa de possuírem a deles. Apesar de a atividade ser incerta e esporádica, pretendem construir uma. Contudo, é possível que a fala sobre possuir o próprio instrumento de trabalho tenha sido produzida devido à pergunta do entrevistador: “E essa carroça?”. Na relação das expectativas, Rocha pode estar tentando satisfazer as expectativas do entrevistador. Mais adiante na entrevista diz:

R: (...) Vou prá outra esquina, durmo; vou prá outra, durmo; vou prá outra, fumo uma; vou prá outra, fumo uma; já era, pronto! A minha vida vai ser sempre assim, mano. Eu acho é que...

Garoto: Nossa vida é viver no mundo da nóia...

R: É... fumar um bagulho... { canta: “Mundo da Lua, mundo da Lua!!! }

E: Hum, hum.

Este trecho parece confirmar que a expectativa em relação à carroça é apenas do entrevistador; Rocha apresenta sua expectativa futura e esta não coincide com o registro do trabalho.

3.2.3 - Drogas

O consumo de drogas é uma das marcas mais presentes no discurso destas pessoas. É apresentado como parte da rotina de vida. Desde que acordam até a hora em que vão dormir. As necessidades fisiológicas parecem estar condicionadas ao efeito produzido pelo consumo dessas substâncias. As rotinas do dia e do corpo estão condicionadas à da droga.

R: É... sempre assim. A rotina da rua é essa: só apanhar dos homi e dormir de quebrada... e usar droga... só. Essa é a rotina da rua...

(...)

E: Me conta um dia de vocês.

R: Um dia?

E: É. Você acorda...

R: Acordo, arrumo alguma coisa prá comer e... ... arrumo um dinheiro prá acordar! ...risos. Fumar uma rocha, risos...

(...)

E: E depois, vocês almoçam também?

R: É... quando a gente tá com... tá com...

Garoto: Quando a gente não tá na nóia, a gente almoça.

R: É, se a gente não tiver na nóia, a gente almoça, quando tiver...

E: Quando tá na nóia nem almoça?

R: Não... não dá fome... não dá nada... não dá sede...

A droga, apesar de alterar as funções fisiológicas, delimita o mundo em que estão inseridos e a expectativa de futuro. Está presente em todas as atividades do dia. Mais do que estar presente na maior parte de suas atividades, parece ter uma função reguladora de tais atividades: “*Um dia? [...] dinheiro pra acordar! [...] fumar uma rocha...*”

3.2.4 - Violência

A violência é denunciada logo no início da entrevista. Antes mesmo que qualquer pergunta fosse proposta, Rocha denuncia:

R: Nós ‘apanha dos homi’!

Com efeito, esses “homi” a que Rocha se refere são a polícia. Faz a denúncia em primeira pessoa do plural, o que pressupõe um reconhecimento dessa condição em todas as pessoas que, como ele, vivem em situação de rua. Contudo, a violência denunciada parece não ser entendida como relacionada a

algo que tenham feito ou façam. O puro fato de estarem na rua (ou de existirem) provocaria a agressão:

R: De dia, a gente tá andando e pede alguma coisa prá comer e a polícia vem embaçar. Que nem a gente tá aqui, a polícia passa, embaça na nossa e quer bater na gente.

E: Assim? Vocês estão...

R: É... sempre assim. A rotina da rua é essa: só apanhar dos homi e dormir de quebrada... e usar droga... só. Essa é a rotina da rua...

Neste trecho fica bastante evidente que Rocha se insere em uma “rotina da rua”, sem mencionar sua experiência particular. Há, portanto, um reconhecimento de grupo referenciado na condição de rua e uma indiferenciação dos que vivem em tal condição, ao contrário do que vimos no grupo anterior e veremos no último grupo.

Além da violência física, falam também que são vítimas de discriminação social. Dizem que são discriminados pela polícia, mas também pelo restante da população. E, quando entende que está sendo discriminado, Rocha reage violentamente:

R: É foda, cara! Essa vida é cruel!

E: É?

...

E: Por que é cruel?

R: Às vezes você tá passando na rua, mano, tá deste lado, aí vem um cara deste lado. Por exemplo, você tá aqui e aí o cara atravessa a rua pro lado de lá, mano. Isso, prá mim, o cara tá me discriminando, certo, mano? Aí eu já mando ele tomar no cu, mano! Já mando tomar no cu porque acho que ela tá me discriminando, mano.

(..). acho que os outros me discrimina demais, mano. Tá ligado? Discrimina não só eu como... as outras pessoas, tá ligado? Acho que nós é muito discriminado na rua.

E: Hum, hum.

R: Não só pela população, como pela polícia, pela...a sociedade inteira. Prá eles, nós é lixo

Fica claro que a relação que estabelecem com as pessoas que não fazem parte da mesma condição que eles é marcada pela tensão, pela violência. E, marcam-se os grupos distintos: “nós” e “eles”. A expectativa de que serão vítimas de algum tipo de violência já dispara uma ação de mesma ordem. Essa expectativa é até percebida como algo subjetivo, porém não impede a reação. Ou seja, Rocha diz que apesar de “achar que” o gesto do rapaz é discriminatório, apesar de pedir a confirmação para seu interlocutor, reage de maneira violenta a ele. Nesse sentido, o diferente dele é visto como um agressor em potencial. Este fato talvez imprima uma marca de crueldade na vida de Rocha.

3.2.5 - Expectativas em relação à entrevista

Ao contrário do grupo anterior, esperam (e exigem) sigilo. Condicionam, inclusive, a participação na entrevista à promessa de sigilo.

E: Apresentei-me como psicólogo e perguntei se gostariam de colaborar com a minha pesquisa. O rapaz mais velho perguntou para os demais. Hesitaram. Perguntou-me sobre o sigilo. Se não fosse sigiloso, não faria. Só o rapaz mais velho quis conversar.

A hesitação e o pedido de sigilo pressupõem que há algo que precisa se manter escondido. Rocha até concorda em participar da entrevista, porém não quer ser identificado. Este fato denota que há a expectativa de que outras pessoas, de lugares diferentes das de pesquisador e psicólogo, possam ler o trabalho e trazer-lhes consequências indesejáveis. Essas pessoas não devem poder identifica-lo, o pesquisador sim.

3.3 - O interlocutor sem lugar

Na formação discursiva deste grupo, o interlocutor não recebe um lugar determinado na dinâmica das entrevistas. Não é excluído do grupo dos que têm um código fechado (os entrevistados), como no último item, nem incluído, mesmo que em suas diferenças, como no primeiro grupo. Parece que não há referenciação. Houve momentos em que o interlocutor até foi incluído, porém em situações específicas, como veremos adiante.

‘Processado’, em certo momento da entrevista, pergunta ao entrevistador sobre a motivação da entrevista:

P: Agora, o interesse do senhor fazer essa pesquisa é por que?

E: É para conhecer um pouco como vivem pessoas que moram na rua.

O entrevistado demonstra que entendeu o propósito da conversa e também quer saber coisas a respeito do entrevistador. Entretanto, a resposta fica isolada; não ganha continuidade nem implicações na conversa. Também não se observa, ao longo das entrevistas, uma dinâmica de ocupações e delegações de lugares como nos grupos anteriores.

O ‘Dono do Mundo’ também inclui o entrevistador em certos momentos da entrevista:

E: E eu estou aqui esperando passa...ela... acertar comigo... der qualquer coisa, porque eu vou pra Argentina ou pra Alemanha, que é minha também... aqui ó, na rua (apontou para lugar onde ele fica). E...ela nunca me deu nada; nada disso. Será que eu vou ver isso? Aí tem um pessoal cobra a gente aqui, ó. E elas mandam o Rapa vir pegar e deixar comer aqui, ó. Aqui. Então, isso aí... Você não leu?... ... XXX ela vai me pagar as roupa e janta e o poncho que eu durmo. XXX, agora tá muito alto. XXX o papel. Aí vem e mandou cercar isso aqui, ó. (apontou para umas coisas velhas que estavam do lado de dentro da cerca. Coisas como sacolas e cobertor velho e muito sujo – aparentavam estar abandonados). Você entendeu, ó?

E: Hum, hum.

O interlocutor foi incluído e até foi questionado, mas de um modo muito particular: será que não sabia o que estavam fazendo com ele?; apesar de pesquisador, não tinha lido sobre o que faziam com ele? O ‘Dono do Mundo’ questiona o saber do entrevistador sobre “fatos”, porém na maior parte do discurso, parece não haver compromisso com a faticidade. São afirmações que sofrem consecutivos “desmentidos” ao longo da entrevista e não há qualquer indício de preocupação com esse fato.

Diz ele:

E: Por que o senhor foi para a rua?

D: Eu fui para a rua porque morava em casa de parentes e saí. Parente só é bom quando a gente tem dinheiro; quando não tem, não é. Aí eu saí por aí. Cheguei na rua. Eu fui morar numa casa, que é minha, ali na esquina perto do posto – aquela casa velha é minha!-

E: Sei.

D: A Ronda da prefeitura me tirou. Ameaçou dar um tiro na minha cabeça, aí injuriei. Estou aqui até hoje... Eu tenho... isso aí (apontando para as casas na rua) é meu, ó. Isso aí é meu. Não é da prefeitura, nem desse aeroporto, não. Eu não sou daqui também não. Eu sou paulista.

E: Hum, hum.

D: Isso aí é a Argentina que toma conta, mas é meu!

E: É um argentino?

D: É a Argentina que toma conta. É meu isso aí! Agora eu vou ser obrigado a fazer executar. XX eles bloqueiam a rua... a Prefeitura de São Paulo fica enchendo essas casas aí de apontador de armas, apontando na rua dia e noite, ó. Tem esses caras que estão decepados na rua – que XXX a cabeça-quem rapa sou eu. XXX aponta uma arma, chega no vitreau, XXX, liga lá pro detrás, vai pro fundo e XXX.

E: Sei.

Saiu da casa dos parentes porque não tinha dinheiro, mas logo passou a ter a casa velha, depois todas as casas da rua; e as apropriações continuarão... Observa-se que há uma certa lógica crescente e geográfica nas apropriações, porém não parece haver preocupação com as possibilidades concretas de elas acontecerem.

D: (...) a Prefeitura de São Paulo é minha! A Prefeitura, esse Aeroporto de Congonhas, Casa Branca, é minha!

(...)

D: (...) e eu estou aqui esperando passa...ela... acertar comigo... der qualquer coisa, porque eu vou pra Argentina ou pra Alemanha, que é minha também...

(...)

D: São Paulo é meu! São Paulo, de ponta a ponta. Você... tenho uma fazenda muito grande em Minas. XXX. Aquela fazenda é minha também.

E: Hum, hum.

D: Não é só 2000 cabeças, não... É... é o mundo. É o mundo, é... Dessa do Mato Grosso; é minha também. Desde daqui pra dentro, é minhas ruas(?). Pois é isso aí, rapaz, eu estou aqui como eu sou ruim. Até pro Paraguai eu vou, porque o Paraguai é meu. Nem lá eu não vou também; só de bronca!

(...)

D: Argentina, Alemanha, XXX, Japão... Você sabe qual é o dono do mundo? Sou eu aqui, ó.

E: O maior o quê?

D: O DONO !

E: Ah, o dono do mundo...

As apropriações do “Dono” têm um curso, ou um percurso: começaram com a casa velha e terminaram com o MUNDO.

3.3.1 – Diversidade

Neste grupo, como no primeiro, o discurso também aponta para uma diversidade de pessoas que vivem na rua. Diferenças que vão de costumes a

atributos morais. E essas diferenças garantem certos privilégios ou certas coisas em comparação com outras pessoas.

‘Processado’:

P: A vida é essa né? É esperar mais um pouquinho, né?

E: Esperar quem?

P: Ficar esperando mais um pouco, né?

E: Ficar esperando mais um pouco...

P: Hoje eu tenho audiência com autoridade de graduação, né?

... pra ver se eu saio da rua e da corregedoria, né? Porque

desta rua eu já pedi licença para ir embora, né?... da esquina.

E, atrás já tá tudo desligado, tá? Agora falta do outro lado, né?

Falta eu sair da corregedoria para mim ficar morando oficial

na... na funerária, né? Que é chave de cadeia. É assim... O

povo... ou melhor... até agora, ninguém proibiu, né? XXX

E: Hum, hum.

P: É assim que eu vivo na rua.

E: Sei

(...)

P: Meu código secreto de morador de cemitério, né?

E: Sei..

Além de delimitar a forma como “ele” vive na rua e apresentar algo que só ele tem, a utilização do pronome na primeira pessoa do singular corrobora a idéia de que há outras formas de viver na rua. Essa frase é também uma sinalização de que até ali respondia à pergunta feita pelo entrevistador. Diz ainda que:

P: Agora que o cemitério foi entregue, vou ver se eu consigo oficialmente a liberdade da rua, né?

E: Liberdade da rua? Como é que é isso?

P: Liberdade da rua... Liberdade da rua é eu não viver mais,

né? A minha vida de rua é uma nota fiscal da CESVAL. Eles

tem a identificação de todo o ser humano que mora na rua né?

Como camelô, cambista, comerciante... Então é um

documento da tia (?), né? Tem polir e limpar esse documento

para ficar humanamente puro, né? Pra mim ter o direito de ir

embora. Só falta isso, né? É um serviço de gráfica.

Mostra que a categoria dos que vivem na rua é ampla: abarca camelôs, cambistas, comerciantes...

O 'Dono' é mais explícito quando fala da diversidade dos que moram na rua:

D: Tudo isso aí é meu e tô aqui na rua. Era para ser entregue em 18 de dezembro de 72. Esse papel está na prefeitura. Até hoje... ela nunca me deu um pão seco pra mim comer, a não ser os vizinhos aqui, ó. Prá qualquer um que eu pedir, dá. Prá mim dá! Porque...eu não uso droga; meu vício é só cigarro mesmo (apalpou o maço no bolso da camisa).

E: Sei.

D: Eu não tomo cachaça, não tomo nada.

E: Hum, hum.

(...)

D: Mas, também eu faço uma proposta pra Prefeitura de São Paulo XXX. Não abusa... abusa de qualquer um aí, mas de mim ela não abusa, porque ela tá me devendo e o dever dela é me procurar. Não é isso? Procurar e saber o que é que precisa. 'Nós não pudemos ajudar você agora, mas nós vai poder dar alguma coisa'. Não é isso?

Parece notório que o 'Dono' fala de diferenças entre os que, como ele, pedem. Pedidos que, como nos outros dois grupos, estão legitimados por ele e pelos vizinhos. E, se a prefeitura não lhe dá o que comer, os vizinhos dão.

Seus atributos morais, sua conduta legal e o fato de ser "credor" garantem que tenha privilégios e um tratamento diferenciado, inclusive para receber donativos. Nesse sentido, como no primeiro grupo, 'Dono' também afirma sua honestidade. Não consome drogas e nem aborda pessoas na rua. Isso comprova sua condição de "dentro-da-lei". Diz ele:

D: Vivo pela rua; passe quem passar, eu não abordo ninguém, mas sempre na minha... no meu limite... Não mexo com os outros, não gosto que ninguém mexa comigo. Minha vida é desse jeito só.

E: Sei.

Interessante perceber a forma como ele termina esta fala: “Minha vida é desse jeito só”. O “só” indica uma ambigüidade: sua vida é apenas daquele jeito e/ou sua vida é marcada pela solidão. Vale dizer que o lugar onde ‘Dono’ vive é ocupado por uma série de pessoas. No momento em que a entrevista foi realizada, um grupo de rapazes estava reunido consumindo um tipo de droga. O ‘Dono’ estava sentado do outro lado da rua, sozinho. Passando outras vezes pelo lugar, é comum observar que aquela cena repete-se constantemente: ele está sempre sentado, sozinho, pensado. Isto pode indicar que ‘Dono’ está dizendo que o preço que paga por ter valores e condutas diferentes dos demais é a solidão...

*D: E abre os olhos e vê. Eu não tenho nada; tô sem nada. É por isso que eu te falei que não sou mestre nem... nem XXX. Eu sou o cara mais inteligente do mundo, rapaz. Passo o dia sentado, só pensando nas coisas (aponta para a cabeça).
E: Só pensando nas coisas.*

3.3.2 - Esperança

É possível apreender nas duas entrevistas a expectativa de sair da rua. Ambos se dizem esperando que algum processo se dê para que possam ir para outro lugar. E lugares que são da propriedade deles. Sejam eles nos limites desta cidade ou de outro país.

Diz o ‘Dono’:

*D: E eu estou aqui esperando passa...ela [a Prefeitura]... acertar comigo... der qualquer coisa, porque eu vou pra Argentina ou pra Alemanha, que é minha também... aqui ó, na rua (apontou para lugar onde ele fica). E...ela nunca me deu nada; nada disso. Será que eu vou ver isso?
(...)*

*D: Não é fácil, não. Eu sou um cara de muita opinião. Acho que... dinheiro, pra mim, não é problema.
E: Hum, hum.
D: Problema é que eu tô aqui!*

E: Hum, hum.

Ou 'Processado':

P: A vida é essa né? É esperar mais um pouquinho, né?

E: Esperar quem?

P: Ficar esperando mais um pouco, né?

E: Ficar esperando mais um pouco...

P: Hoje eu tenho audiência com autoridade de graduação, né?

... pra ver se eu saio da rua e da corregedoria, né? Porque desta rua eu já pedi licença para ir embora, né?... da esquina.

E, atrás já tá tudo desligado, tá? Agora falta do outro lado, né?

Falta eu sair da corregedoria para mim ficar morando oficial na.... na funerária, né? Que é chave de cadeia. É assim... O povo... ou melhor... até agora, ninguém proibiu, né? XXX

(...)

... depois, tem o serviço de atestado de pobreza, né? E é esse atestado de pobreza que proíbe as pessoas a viver no cemitério dos abandonados, né? Então, XXX e a escritura do documento. Assim que as coisas luta, né? Agora, os outros eventos que vem por aí, é o navio, né? A transportadora minha, particular; que pode servir como moradia da vida do futuro.

'Processado' espera sair da rua e falta pouco, diz ele, para que isso ocorra. Os entraves, agora, são burocráticos. Como também o são os do 'Dono':

D: Tudo isso aí é meu e tô aqui na rua. Era para ser entregue em 18 de dezembro de 72. Esse papel está na prefeitura. Até hoje... ela nunca me deu um pão seco pra mim comer, a não ser os vizinhos aqui, ó.

Vemos, portanto, que, assim como no primeiro grupo, estes também esperam sair da condição de rua, porém através de outros meios. Enquanto os entrevistados do primeiro grupo depositavam no trabalho, ou mais especificamente no emprego, a chave para a mudança na condição, estes depositam a esperança em processos legais ou burocráticos. Para 'Processado' falta pouco: diz que é apenas uma questão de gráfica. Alguns processos já aconteceram e terá, agora, a liberdade da rua.

Interessante perceber que ele fala em “liberdade da rua”. Talvez se sinta preso nessa condição e a mudança lhe confira liberdade. Diz ele:

P: Agora que o cemitério foi entregue, vou ver se eu consigo oficialmente a liberdade da rua, né?

E: Liberdade da rua? Como é que é isso?

P: Liberdade da rua... Liberdade da rua é eu não viver mais, né? A minha vida de rua é uma nota fiscal da CESVAL. Eles tem a identificação de todo o ser humano que mora na rua né? Como camelô, cambista, comerciante... Então é um documento da tia (?), né? Tem polir e limpar esse documento para ficar humanamente puro, né? Pra mim ter o direito de ir embora. Só falta isso, né? É um serviço de gráfica.

(...)

P: A vida é essa né? É esperar mais um pouquinho, né?

E: Esperar quem?

P: Ficar esperando mais um pouco, né?

E: Ficar esperando mais um pouco...

P: Hoje eu tenho audiência com autoridade de graduação, né? ... pra ver se eu saio da rua e da corregedoria, né? Porque desta rua eu já pedi licença para ir embora, né?... da esquina. E, atrás já tá tudo desligado, tá? Agora falta do outro lado, né? Falta eu sair da corregedoria para mim ficar morando oficial na.... na funerária, né? Que é chave de cadeia. É assim... O povo... ou melhor... até agora, ninguém proibiu, né? XXX

E: Hum, hum.

(...)

P: Agora que o cemitério foi entregue, vou ver se eu consigo oficialmente a liberdade da rua, né?

Agora falta pouco... Está esperando...

3.3.3 - Violência

Esta categoria está presente no discurso dos três grupos. Denunciam que sofrem violência de autoridades policiais e de outros que querem fazer-lhes mal. No caso do ‘Dono’, queixa-se também da decisão da Prefeitura de São Paulo

de cercar os vãos dos viadutos. Suas coisas ficaram presas na parte interior da cerca e não pode pegá-las. Reclama também que a polícia pega suas coisas e leva embora.

‘Dono’:

D: E eu estou aqui esperando passa...ela... acertar comigo... der qualquer coisa, porque eu vou pra Argentina ou pra Alemanha, que é minha também... aqui ó, na rua (apontou para lugar onde ele fica). E...ela nunca me deu nada; nada disso. Será que eu vou ver isso? Aí tem um pessoal cobra a gente aqui, ó. E elas mandam o Rapa vir pegar e deixar comer aqui, ó. Aqui. Então, isso aí... Você não leu?... ... XXX ela vai me pagar as roupa e janta e o poncho que eu durmo. XXX, agora tá muito alto. XXX o papel. Aí vem e mandou cercar isso aqui, ó. (apontou para umas coisas velhas que estavam do lado de dentro da cerca. Coisas como sacolas e cobertor velho e muito sujo – aparentavam estar abandonados). Você entendeu, ó?

E: Hum, hum.

D: XXX da rua... A polícia vem e tira, pra entregar pra lá; o Rapa vem, pega e leva. Tudo aqui. São Paulo não tem nada! Só a Prefeitura não tem nada; o Aeroporto de Congonhas não tem nada. Meu nome é daquele jeito que escreve: Tomme R. da S.

E: Sei.

Curioso perceber o quanto a Prefeitura de São Paulo referencia o discurso do ‘Dono’. É ela quem está com suas propriedades e não paga, o que impede que mude de lugar; é a “polícia da Prefeitura (Rapa)” quem leva suas coisas e, contudo, dela também se apropria:

D: Aí eu, daqui, XXX lá e XXX eles. XXX não tem condições: a Prefeitura de São Paulo é minha! A Prefeitura, esse Aeroporto de Congonhas, Casa Branca, é minha!

E: Hum, hum.

Há, porém outros que fazem coisas para prejudicá-lo.

D: Eu não faço nada! Só saio mesmo pra comprar cigarro, fico aqui, o tempo todo aqui. E, à noite, eu deito, durmo. Quando

dá pra dormir, durmo, quando não dá, eu fico sentado por aí, porque quando chove aqui eles amarram bomba lá àqui, amarram naquelas casas lá pra jogar água aqui. Molh...

E: Eles amarram o que?

D: Amarram a bomba! Pra jogar a água que vem daqui (aponta para o alto do viaduto)...

E: Ah, sei.

D: De um lado e do outro. Joga numa ponta e na outra ponta ali.

E: Sei.

D: Você acha que XXX tem como molhar isso tudo?

Com efeito, a ação que o prejudica é fruto de uma dedução sua. Dedução essa que é checada com o entrevistador. Nesse momento o entrevistador é incluído.

3.3.4 - Referências espaço-temporais

Tais referências estão muito presentes nos discursos de ambos os entrevistados deste grupo discursivo. Guiam, o tempo todo, as histórias sobre as posses e a origem do ‘Dono do mundo’ e as moradas e atividades do ‘Processado’.

Diz o ‘Dono’:

E: Onde o senhor nasceu?

D: Eu? Eu nasci... não sei onde eu nasci. Nasci num lugar com o nome de Para...Macambira.

Surpreende-se com a pergunta sobre o local de nascimento.

E: Macambira...

D: É. Isso é no interior da Bahia. Lá no... entre o Guapirama? e a Lapa do Bom Senhor Jesus. Fica ali naquele meio, ali. Agora, eu não sei se eu nasci ali ou não sei foi em outro lugar... Por que eu tenho parente na Alemanha...

E: Ah é?

(...)

D: Aí eu saí por aí. Cheguei na rua. Eu fui morar numa casa, que é minha, ali na esquina perto do posto – aquela casa velha é minha!-

E: Sei.

D: A Ronda da prefeitura me tirou. Ameaçou dar um tiro na minha cabeça, aí injuriei. Estou aqui até hoje... Eu tenho... isso aí (apontando para as casas na rua) é meu, ó. Isso aí é meu. Não é da prefeitura, nem desse aeroporto, não. Eu não sou daqui também não. Eu sou paulista.

E: Hum, hum.

Diz 'Processado':

P: É liberdade, né? Eu sou um homem-vida, tá? Processo morto...Então eu sou um processo... tanto na vida de nascimento, né?... é assim. Eu vivia na 209, agora eu vivo na corregedoria. E da corregedoria eu vou para a Av. Paulista. Que é a funerária, né? Setor da 400 XXX de morto, né?. Então eu levo essa vida de abandonado que paga título de morto. Então todo dia é um dia de morto, né? Hoje é o dia sete, né? Que eu venho aqui; só que eu venho pelo serviço das perna, né? Eu venho da corregedoria pra cá, né? A gente vem de camburão, de carro. Então tá nos aprimorando. É a transportadora fluvial. É assim! Ele tem que defender o futurama, né? Por que o futurama é um serviço de registro da sommer, né?

(...)

E: Você tem família?

P: Tenho, vivem no mar, no alto mar...

E: Ah, sei...

P: Tão tudo no mar.

E: E quem são?

P: A Itália, né?

E: Como é que é?

P: A Itália, né?

E: Ah, sei.

3.3.5 - Pagamento e dívida

Pagamento e dívida aparecem nos discursos dos dois mendigos entrevistados deste grupo. São credores e devedores que pagam ou que esperam receber créditos. E, de uma forma geral, o débito ou o crédito têm alguma relação com a saída da rua.

‘Processado’ apresenta o pagamento logo no início da entrevista. Apresenta-se e se reconhece devendo e pagando. Diz ele:

E: Gostaria que você me contasse sobre sua história de vida.

P: Eu sou abandonado, pago processo, título de morto, DNE São Bento.

E: Título de morto?

P: É liberdade, né? Eu sou um homem-vida, tá? Processo morto...Então eu sou um processo... tanto na vida de nascimento, né?... é assim. Eu vivia na 209, agora eu vivo na corregedoria. E da corregedoria eu vou para a Av. Paulista. Que é a funerária, né? Setor da 400 XXX de morto, né?. Então eu levo essa vida de abandonado que paga título de morto.

‘Processado’ paga título de morto e essa é a condição para a liberdade. Como foi dito anteriormente, a liberdade a que se refere é a saída da rua. Precisou, portanto, pagar alguma coisa para ter direito à saída da rua.

O ‘Dono’ também paga dívidas mas é, ao mesmo tempo, credor. Possui um crédito com a Prefeitura, que não o procura para saldar a dívida. Com isso, fica impossibilitado de mudar de lugar.

Diz ele:

D: E eu estou aqui esperando passa...ela... acertar comigo... der qualquer coisa, porque eu vou pra Argentina ou pra Alemanha, que é minha também... aqui ó, na rua (apontou para lugar onde ele fica). E...ela nunca me deu nada; nada disse. Será que eu vou ver isso? Aí tem um pessoal cobra a gente aqui, ó. E elas mandam o Rapa vir pegar e deixar comer aqui, ó. Aqui. Então, isso aí... Você não leu?... XXX ela vai

me pagar as roupa e janta e o poncho que eu durmo. XXX, agora tá muito alto. XXX o papel.

D: Mas, também eu faço uma proposta pra Prefeitura de São Paulo XXX. Não abusa... abusa de qualquer um aí, mas de mim ela não abusa, porque ela tá me devendo e o dever dela é me procurar. Não é isso? Procurar e saber o que é que precisa. 'Nós não pudemos ajudar você agora, mas nós vai poder dar alguma coisa'. Não é isso?

E: Sei.

D: Então, o cara me deve e eu já precisei pagar. São Paulo é meu! São Paulo, de ponta a ponta. Você... tenho uma fazenda muito grande em Minas. XXX. Aquela fazenda é minha também.

(...)

E: E onde o senhor arruma o café com pão?

D: Aquela senhora ali, ó.

E: Ahh.. aquela senhora traz pro senhor...

D: É dona Lúcia, Aquela senhora ali, pra mim... eu devo muito pra ela.

Com efeito, o 'Dono' reconhece-se como proprietário do mundo. Poderíamos dizer que, pelo seu discurso, é o próprio "cidadão do mundo". O trânsito pelos estados e pelos países, na imaginação, corrobora essa idéia. "Cidadão" porque se vê pagando, tendo responsabilidades e cobrando direitos, em função disso, e "do mundo" porque esse é o espaço por onde viaja.

Também 'Processado' paga o que deve e espera, com isso, receber o que é dele por direito. Somente após a quitação das dívidas da vida é que se vêem em condições de mudar de lugar, de mudar de vida:

P: Então é um documento pra tirar, né? Tem que polir e limpar esse documento para ficar humanamente puro, né? Pra mim ter o direito de ir embora. Só falta isso, né? É um serviço de gráfica.

Mas, como diz o 'Dono', essa idéia é questionada: "Será que eu vou ver isso? Aí tem um pessoal que cobra a gente aqui, ó".

Que vida: tem crédito e ainda é cobrado!!

3.3.6 - Expectativas em relação à entrevista

Enquanto no primeiro grupo os entrevistados esperavam que as informações fossem divulgadas para obterem ajuda e, no segundo, esperavam sigilo, neste a expectativa é diferente. As informações podem ser divulgadas, porém não parece haver expectativas diretas em relação a essa divulgação.

‘Processado’:

A:: Agora, o interesse do senhor fazer essa pesquisa é por que?

E: É para conhecer um pouco como vivem pessoas que moram na rua.

Além de demonstrar interesse por saber sobre a motivação do pesquisador naquela pesquisa, seu consentimento está pressuposto uma vez que a pesquisa continuou.

Diz o ‘Dono’, ao final da entrevista:

E: Tá bom, Sr T. Muito Obrigado. Tenha uma boa sorte, viu?

D: Olha, mas é isso. Pode escrever lá; sem medo de errar, que é isso mesmo, viu?

E: Obrigado.

Este trecho mostra que sua expectativa é com a veracidade do que contou e isso garantirá ao entrevistador um bom trabalho de pesquisa. Mostra também que o ‘Dono’ se preocupou com o entrevistador. Talvez laços afetivos (de cuidado, certamente) tenham sido criados...

4 – AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o leitor percebe, neste trabalho não há capítulos intitulados de “Resultados” ou “Conclusões”, isto porque com a análise de discurso, ou simplesmente a.d., como a denomina Guirado, o resultado da pesquisa é o próprio trabalho de análise do material pesquisado, ou seja, a análise dos discursos das entrevistas realizadas. Como foi apresentado no capítulo que versava sobre o método, seriam realizadas uma desmontagem do material discursivo colhido e uma reorganização desse material a partir das categorias que tivessem sido destacadas no primeiro trabalho de análise – chamada nesta pesquisa de *análise horizontal*. Não foi efetuada, portanto, qualquer síntese do material desmontado. E constitui-se nesse mesmo o objetivo proposto: uma análise do material, e não uma síntese. O próprio trabalho realizado, contudo, corre risco: risco, por exemplo, de dar uma organização ao material colhido diferente daquela produzida pelos entrevistados. As seqüências, as aproximações temáticas e a dinâmica dos discursos apresentadas pelos entrevistados foram modificadas na nova organização dada neste trabalho. Este risco, porém, não está apenas pressuposto, mas constitui-se em exigência metodológica deste modo de fazer pesquisa.

O texto resultante das análises dos discursos produzidos pelas pessoas entrevistadas sofreu, sim, uma nova organização. E é justamente essa nova organização dada aos discursos, que caracteriza a produção deste trabalho, de acordo com o método adotado.

O leitor pode estar pensando que, com a adoção desse dispositivo metodológico, elementos do discurso dos entrevistados são deixados de fora. E é isso mesmo: alguns elementos podem não ter sido incluídos (ou mesmo percebidos) nesta pesquisa. Esta idéia não nos causa, porém, qualquer desconforto, pois desde o início tentamos deixar claro que este trabalho não pretende, em absoluto, atingir, ou abarcar, a verdade última sobre a mendicância ou sobre o morar na rua. O que foi visto neste trabalho se deu a partir de recortes

previamente definidos e o conhecimento que emergiu dele é da ordem da produção e não da revelação.

Falando sobre “a verdade”, aliás, Foucault (2002), nas conferências pronunciadas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em maio de 1975, sob o título de *A verdade e as formas jurídicas*, debate o caráter de construção desse conceito. Diz ele que “o próprio sujeito de conhecimento tem uma história, a relação do sujeito com o objeto, ou, mais claramente, a própria verdade tem uma história” (p. 8). Nessa ocasião, o autor apresenta uma espécie de “genealogia do conhecimento e da verdade”, na qual põe em cheque a idéia de origem e oferece, referenciado em Nietzsche, a idéia de *invenção*. O conhecimento, bem como a religião ou a poesia, diz o autor, não fazem parte da natureza humana nem de herança genética; foram inventados “por puras obscuras relações de poder” (p.15). Nesse sentido, o conhecimento não está na origem, mas é resultado, ou resultante de vetores de poder (e saber) em constante inter-relação⁸.

E é exatamente nesse caminho que este trabalho se propôs a estudar subjetividades da mendicância, ou pode-se até falar em sujeitos da mendicância, desde que se tome o cuidado de se despir da idéia de qualquer ontologia de sujeito, substancialidade, ou materialidade. O sujeito que se buscou nesta pesquisa – e o substantivo no singular, definitivamente, não exprime com rigor o que foi encontrado – não tinha núcleo desde o princípio; era um sujeito-efeito, ou resultado, que se configurava no e pelo discurso. A partir dessas idéias e do trabalho de análise é que se chegou aos três tipos de subjetividade proposta nesta pesquisa. Pode-se perceber que esses tipos surgiram exclusivamente do trabalho de análise que foi realizado. Em momento algum anterior - até a desconstrução dos discursos - tínhamos qualquer idéia a respeito desses três grupos discursivos⁹. À medida que a análise ia se desenvolvendo, percebíamos os distintos lugares a que o interlocutor ia sendo remetido e as dinâmicas que

⁸ O leitor que se interessar pode ler mais sobre essa idéia, além desta obra citada, em FOUCAULT, M. *História da sexualidade: vontade de saber*. v 1. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.

⁹ Sabido está que apenas podem ser agrupados dessa forma se for levado em conta o mesmo vetor temático (os lugares atribuídos ao interlocutor); com outros vetores temáticos, possivelmente outros agrupamentos poderiam ser formados.

esses movimentos geravam. Com ele, íamos também percebendo características comuns em cada tipo de dinâmica e, só então, resolvemos agrupar esses discursos, ressaltar algumas especificidades e promover comparações entre eles. O leitor poderá acompanhar esse processo integralmente, pois, como foi dito anteriormente, todas as análises (verticais e horizontais) estão constando no corpo deste trabalho. Fomos, portanto, surpreendidos com essas características, as quais nos permitem relevantes reflexões a respeito do tema.

Em primeiro lugar, o que nos salta aos olhos, é a observação de que há diferentes tipos de sujeitos em condição de mendicância. Esta afirmação pode parecer óbvia quando se pensa teoricamente, porém é comum, quando se lê a respeito do tema, ou quando se discute políticas públicas, perceber que se pressupõem homogeneizações de vontades, de expectativas e de condutas dessa população. Diferenças essas que também são percebidas e faladas pelos próprios entrevistados. Com exceção do segundo grupo, em que a discriminação se dá apenas entre mendigos e não-mendigos, os outros dois grupos identificam as diversidades presentes no universo dos que vivem na rua. E, como foi visto, não apenas identificam as diferenças como também discriminam os diferentes. Neste caso, a discriminação ocorre nos dois sentidos da palavra.

Pensando ainda nas especificidades dos grupos, percebemos, por exemplo o importante lugar que o *trabalho* ocupa no discurso do entrevistados do primeiro grupo. Além de constituir-se em capital elemento de identificação, apesar do espaço de tempo que estão afastados da profissão, funciona como elemento estruturante da história de vida dessas pessoas. Representa a causa da ida para a rua e, ao mesmo tempo, a esperança da saída da condição. O tema também surgiu, de alguma forma, nos discursos dos outros grupos, contudo foi apenas nesse que ganhou tamanha importância e estruturação. Isso fica bem caracterizado se nos lembramos da maneira como se apresentam. Por exemplo, Carioca inicia a entrevista dizendo que: “[...] *a minha história é a seguinte: eu já trabalhei na INFRAERO [...] eu sou motorista...*”. Os lugares onde já trabalharam e a identidade profissional são referências da história de vida deles. A própria expectativa que apresentam em relação à pesquisa caminha nessa direção: alguém da USP, que ler este trabalho, poderá arrumar-lhes emprego. A entrevista

tem, no imaginário dessas pessoas, uma função: é mais um meio para conseguirem o emprego.

Se tomarmos emprestado o conceito marxista de ideologia, podemos dizer que é justamente esse grupo que compartilha com as idéias ideológicas da classe dominante. É apenas esse grupo que fala de uma maneira direta no sentimento de humilhação, de vergonha pela situação em que se encontram. Falam em vontade de consumir produtos e mercadorias e o conseqüente sofrimento que a impossibilidade de fazê-lo acarreta na vida deles. Talvez seja exatamente esse grupo que mais se encaixa com a imagem que a maior parte da sociedade possui a respeito do mendigo: um ser afetado pela falta de emprego, humilhado e envergonhado pela situação em que se encontra, e que espera uma oportunidade de emprego sair dessa condição. Pessoas que aspiram à volta aos meios de produção e às relações de troca. Talvez não seja por acaso que é exatamente esse grupo que inclui o interlocutor no discurso; ambos compartilham dos mesmos códigos sociais. Parece-nos, ainda, que, quando se fala em mendigos ou se discutem políticas públicas para a população de rua, são essas pessoas que estão em discussão. Este trabalho mostrou, porém, que há outros que parecem utilizar outros referenciais sociais e outras aspirações.

Apreendemos neste trabalho, também, que existe no discurso dessas pessoas a presença de uma série de vetores de resistência às dificuldades impostas pela condição de rua. Várias estratégias são criadas e compartilhadas entre os que vivem em semelhante condição. Desde a proteção contra roubos e furtos, até procedimentos que garantem comida e diversão dessas pessoas são criados e executados por eles. Os que vivem em grupos mobilizam-se solidariamente para garantir proteção e sobrevivência e os que vivem sozinhos desenvolvem maneiras próprias para se resguardarem. Nenhum dos mendigos entrevistados falavam (ou pareciam falar) em desistir de viver ou de lutar pela vida. Falavam, sim, em sofrimento e dificuldades e na esperança de mudança na condição, mas não em desistência.

Entendemos, ainda, que a escolha do referencial da Psicologia Institucional proposta por Marlene Guirado, apoiada no conceito de instituições concretas de Guilhon de Albuquerque, permitiu-nos observar como a mendicância

constitui-se em uma prática legítima entre os agentes que a exercem. Por ser uma atividade que se repete no fazer dessas pessoas, legitima-se socialmente em cada ato do pedinte, ou seja, é no próprio fazer dessas pessoas que a prática ganha legitimidade e reconhecimento. E, nesse caso, o que se torna mais interessante é o paradoxo que a prática encerra: a mendicância está prevista na lei das contravenções penais, no seu Capítulo VII – Das contravenções relativas à polícia de costumes, no Art. 60, que diz:

Art. 60. Mendigar, por ociosidade ou cupidez:

Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses.

Parágrafo único. Aumenta-se a pena de um sexto a um terço, se a contravenção é praticada:

- a) de modo vexatório, ameaçador ou fraudulento;*
- b) mediante simulação de moléstia ou deformidade;*
- c) em companhia de alienado ou de menor de dezoito anos.*

Ressaltamos o paradoxo da prática, justamente porque, apesar de constituir-se em uma contravenção penal, passível de agravantes e, conseqüentemente, de pena de prisão é, como vimos, apresentada no discurso dos entrevistados como uma prática que se opõe ao furto e ao roubo. É justamente em oposição ao ato de roubar, que a mendicância apresenta-se, no discurso das pessoas entrevistadas, como indicativo de honestidade. Foi comum ouvirmos dos entrevistados que eles “não roubam, pedem”. A forma adversativa de apresentar a prática indica seu caráter legal no imaginário dessas pessoas. Vale dizer que a descoberta da presença da mendicância na lei das contravenções penais também nos causou surpresa. Talvez essa surpresa seja compartilhada por outros: tem-se discutido no Fórum de Estudantes Universitários sobre a População em Situação de Rua se a mendicância pode ser considerada uma atividade de trabalho das pessoas nessas condições. Vários aspectos da prática e do conceito de trabalho estão sendo comparados e analisados nessas discussões. O que, porém, não estava sendo considerado é justamente o caráter ilegal da prática. Sendo considerada uma atividade de trabalho ou não, constitui-se, nos textos jurídicos, em uma prática prevista na lei das contravenções penais e, portanto, ilegal. E é exatamente nesta fronteira que enxergamos o paradoxo da

prática: apesar da legitimidade do “pedir” – como foi visto neste trabalho – acontecer na repetição da prática dos agentes que pedem e dos que dão, tal legitimidade é ilegal sob o entendimento dos códigos que regulamentam a convivência em sociedade. Podemos dizer portanto que a mendicância, de tão instituída e repetida pelos agentes sociais, tornou-se socialmente legítima, apesar de seu caráter ilegal. Assim, a própria justificativa utilizada pelos mendigos para evidenciar sua presença no “mundo dos dentro-da-lei” é, aos olhos da lei, ilegal.

Outra característica que nos parece importante, por fim, no método utilizado neste trabalho foi a possibilidade que tivemos que proceder à análise das narrativas sem que houvesse julgamentos e diagnósticos das pessoas entrevistadas. Tivemos o cuidado de nos distanciar o bastante das histórias narradas para tentar garantir que os efeitos de reconhecimento e desconhecimento do discurso, ou as naturalizações, a que está sujeito o pesquisador não encobrisse as particularidades dos entrevistados. Tivemos o cuidado de não dar significações próprias aos termos e idéias proferidas pelos entrevistados, para garantir-lhes a especificidade. Se isso foi conseguido, ainda não sabemos, mas, pelo menos, tentamos!

5 - ANEXOS: as análises horizontais

Rocha

11/01/2003

Região Sul

Estavam 3 pessoas dormindo em frente à minha casa. Ofereci café. Aceitaram. Dei o café e um pacote de bolachas. A mulher pediu-me uma garrafa com água. Comeram e tomaram o café. O garoto menor disse que estava sem açúcar. A mulher disse-lhe que deveria mexer o café, pois o açúcar estava no fundo.

Apresentei-me como psicólogo e perguntei se gostariam de colaborar com a minha pesquisa. O rapaz mais velho perguntou para os demais. Hesitaram. Perguntou-me sobre o sigilo. Se não fosse sigiloso, não faria. Respondi que ele não seria identificado. Só o rapaz mais velho quis conversar.

De início, o rapaz impõe restrições à sua participação. Será condicionada à não identificação daquele que contará algo (ele ainda não sabia o que seria pedido a ele). Com efeito, há aqui uma dupla interpretação: o rapaz pede sigilo (o que não é possível em uma situação de pesquisa, pois as informações obtidas produzem conhecimento que é sempre divulgado) e este é interpretado como anonimato.

Mesmo sem saber o que lhe seria pedido, o rapaz reconhece que poderá contar algo que é restringido por alguém. E esse alguém aparece logo na próxima frase.

R: Nós ‘apanha dos homi’!

Ainda antes que lhe fosse proposta qualquer pergunta, diz que apanha dos ‘homi’. Esses ‘homi’ (como aparecerá durante a entrevista) são a polícia.

Neste momento já se inicia a entrevista. O acordo já foi firmado e Rocha começa fazendo uma denúncia: eles apanham da polícia. Embora apenas ele tenha aceitado participar da pesquisa, faz a denúncia em nome de todos, pois a faz na 1ª pessoa do plural. Legitima-se, portanto, a falar pelos três; ou, talvez, pela categoria mais ampla: dos que, como ele, vivem na rua.

E: Eu gostaria que você me contasse a história da sua vida.

R: Então, nós fica andando na rua e, aí, de madrugada, nós fica em algum lugar prá dormir. De dia, a gente tá andando e pede alguma coisa prá comer e a polícia vem embaçar. Que nem a gente tá aqui, a polícia passa, embaça na nossa e quer bater na gente.

E: Assim? Vocês estão...

É feita a proposta para que conte a sua história de vida e, novamente, responde em nome de todos.

Sua história de vida é o que fazem durante um dia: andam, pedem e apanham da polícia. A polícia interrompe sua “rotina de rua”, sem pedir licença, e agride. Parece que não vê relação entre o que fazem e a ação agressiva da polícia.

R: É... sempre assim. A rotina da rua é essa: só apanhar dos homi e dormir de quebrada... e usar droga... só. Essa é a rotina da rua...

Aqui, identifica a sua rotina de vida à de todos que moram na rua. Não fala mais apenas pelos três mas, agora, por todos aqueles que vivem na rua. Esta forma de viver na rua é reconhecida como natural e única. Diz, inclusive, que é “só” isso.

Acrescenta, após uma reticência, um novo elemento do viver na rua. O consumo de drogas. Por vir após uma reticência, pode indicar o motivo do pedido de sigilo no início da conversa. Todavia, mostra confiança no entrevistador. Já o tinha feito no início (quando aceitou participar da entrevista mediante a promessa de sigilo) e reitera agora contando que usam drogas, após alguma hesitação.

E: Sei... Desde quando você está na rua?

R: Eu? (todos riram) ... doze anos.

E: 12 anos? Qtos anos você tem?

R: 21.

Quando lhe é feita uma pergunta pessoal que não pode ser respondida em nome de todos, ele se espanta e pede confirmação: “Eu?”. Como se a pergunta provocasse uma ruptura na cena discursiva e exigisse que Rocha se pusesse como protagonista, pois não poderia responder em nome de todos da rua. Essa ruptura e o decorrente espanto causam risos.

E: Por que você foi prá rua?

R:Porque... problema em casa, meu...

E: Problema em casa?

R: ...É...

E: Que problema?

R: Problema...não me dava nem com a mãe nem com meu padrasto...já era...

E: Não se dava com...com o pai, nem...

R: Nem com a mãe, nem com o padrasto...

Perguntado sobre os motivos o levaram para a rua, hesita. Novamente uma questão que o põe em cena, sozinho. Vai para a rua por problemas em casa. A mãe e o padrasto vêm à cena discursiva. O entrevistador “comete” um lapso e traz o pai de Rocha ao discurso. Ele o corrige. A vinda da família à cena e o lapso do entrevistador podem ter causado o silêncio seguinte.

...

E: Como vocês fazem, na rua, prá tomar banho, por exemplo? Tomam, não?

R: É só não tomar... tomo banho na torneira, bicho.

E: Na torneira?

R: É... (riu) {o garoto menor cantava uma música que tinha ‘banho’ na letra}

... (pedia bolacha e água para os outros)

Após aquela situação e o silêncio, o entrevistador passa a legitimar o enunciado de Rocha como o dos três. Não pergunta como ele faz para tomar banho, mas como “vocês”. Talvez o silêncio de Rocha tenha produzido esse reconhecimento por parte do entrevistador.

Ao mesmo tempo, essa nova postura do entrevistador promove a entrada dos outros dois como locutores. Não estariam mais apenas no enunciado de Rocha,

mas suas falas passariam a habitar a entrevista. Pela primeira vez, o entrevistado estabelece um diálogo como os outros.

E: Me conta um dia de vida de vocês.

Rocha já está mesmo legitimado como representante e conhecedor do que se passa com os três. Mais do que isso, está reconhecido que os três têm rotinas parecidas.

R: Um dia?

E: É. Você acorda...

R: Acordo, arrumo alguma coisa prá comer e... ... arrumo um dinheiro prá acordar! ...risos. Fumar uma rocha, risos...

Outra ruptura: quando Rocha é reconhecido e legitimado como representante dos outros, o entrevistador volta a perguntar sobre ele, no singular. Ele aceita e responde na 1ª pessoa.

Acorda e arruma algo para comer. Com efeito, em tom de ironia, diz que precisa de dinheiro para acordar. Precisa de dinheiro para comprar e fumar Crack. Só acorda quando fuma a 'rocha'. A presença da ironia, como destaca Maingueneau(1997), "subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor. A frase "arrumo dinheiro pra acordar" pode ser interpretada como absurda, mas pode dizer exatamente o que ele reconhece: COMIDA - DINHEIRO - DROGA – ACORDADO.

(Neste trecho, aparece uma espécie de desvio na interlocução. Desvio que conta com o entendimento do entrevistador)

E: Como arruma dinheiro?

R: Pedindo.

Define, aqui, a característica da situação de mendicância: PEDIR.

E: Pedindo? Essa carroça, você...

R: Essa carroça aí é só pra...pra nós catar uns papelão,...catar umas lata...

E: Hum, hum.

R: Aí, às vezes, dá prá vender e arrumar um dinheiro. Às vezes nem arruma, nem arruma nada... Mas é emprestada, a gente devolve, depois. Tá ligado?

E: To ligado...

Apesar da resposta do entrevistado, o entrevistador ressalta o fato de haver uma carroça junto deles. O questionamento do entrevistador pode marcar, na cena, que ele pergunta sobre outra fonte de arrecadação de dinheiro, mas também pode indicar que o entrevistador duvidou da resposta de Rocha. Este, então, desqualifica a carroça como meio importante de captação de dinheiro, pois é esporádica e incerta.

Avisa também que a carroça não é de propriedade deles e que devolverão no futuro. Além de incerta, a atividade é também descontínua.

Pela 1ª vez, o entrevistador responde ao entrevistado com um linguajar que, supostamente, pertence a este: "To ligado". A partir deste momento, o entrevistador passa a utilizar constantemente este recurso no discurso.

R: Não é a nossa...É que a gente ainda não fizemos a nossa, ainda.

E: Tô ligado...

Rocha fala da intenção de terem/fazerem a própria carroça. Será produzida e pertencerá aos três. Apesar de ser uma fonte de renda incerta e esporádica, pretendem possuir uma.

Neste trecho, parece fazer-se entrar no que considera ser a expectativa do entrevistador...

O garoto falava algo, mas não era possível entender.

Rocha ria e tossia muito.

O garoto participa novamente da conversa, porém de uma forma que apenas os três podiam entender. O entrevistador ficou de fora. Depois de dar uma “satisfação” a uma suposta expectativa do entrevistador, afastam-no novamente.

R: Ai, ai...

E: E depois, vocês almoçam também?

R: É... quando a gente tá com... tá com...

Garoto: Quando a gente não tá na nóia, a gente almoça.

R: É, se a gente não tiver na nóia, a gente almoça, quando tiver...

E: Quando tá na nóia nem almoça?

R: Não... não dá fome... não dá nada... não dá sede...

O entrevistador retoma a entrevista pedindo continuidade. Porém, essa continuidade está referenciada na rotina do próprio entrevistador.

O garoto participa, desta vez, do grupo que tem o entrevistador e o fez completando a frase de Rocha. Este concorda com o garoto e repete a frase, legitimando-a.

O garoto parece, então, afastar o entrevistador, incluindo a preocupação deste com a alimentação e, ao mesmo tempo, descartando-a. Parece se “divertir” fugindo e driblando o entrevistador; dizendo o que faz com as suas intervenções.

E: Vocês bebem também ou só queimam pedra?

R: Eu uso pedra, tinner, fumo maconha...

O entrevistador introduz, a partir deste momento uma série de significantes que não haviam aparecido até ali. Significantes supostamente pertencentes ao linguajar do entrevistado, como “pedra”, “paradas” e “grana”. Pode estar comunicando ao entrevistado que acha que conhece o vocabulário dele.

Perguntado sobre o consumo de álcool, Rocha apresenta outras drogas que consome, mas não responde sobre o álcool.

O entrevistador faz a pergunta no plural, mas Rocha a responde no nível pessoal.

E: E você compra essas paradas?

R: Hã?

E: Compra essas paradas?

R:Compro.

E: E quando não tem grana?

R: ...É só comprar!

E: Se não tem grana, como é que compra?

R: É só arrumar.

E: Ahh...E arruma como?

R: Pedir.

E: E as pessoas dão?

R: Dão.

Rocha parece surpreender-se com o vocabulário utilizado pelo entrevistador.

Este repete, então, a questão sobre a forma que o entrevistado utiliza para arrumar dinheiro. Rocha dribla a pergunta. Utiliza um jogo de palavras, como se fosse um jogo de corpo para encobrir a orientação da pergunta.

O garoto e a mulher fazem um tipo de gozação do rapaz que não pude identificar do que se tratava.

...

Aquele jogo de tensão e a resposta do entrevistado produzem uma situação em que alguém é ironizado: Rocha ou o entrevistador? . Em seguida, instala-se um silêncio.

E: E você dorme sempre no mesmo lugar?

R: Não.

E: E como escolhe o lugar.

R: O lugar mais quebrada que tiver, eu caio aí.

Entrevistador mantém a pergunta no singular.

No esforço de “fazer parte”, o entrevistador satisfaz-se com a resposta, pressupondo que entende o que quer dizer com “lugar mais quebrada”.

Garoto: Ele pede no ponto!! Risos.

R: Dá essa garrafa,o Di menor, aí, mano.

...

Nova chacota.

E: Você chama ele de ‘Di menor’?

R: É só pra não divulgar o nome dele... {falou baixinho}

E: Ah, tá limpo.

Mais uma vez fala em anonimato.

O entrevistador usa outra gíria. Novo esforço do entrevistador para “fazer parte”.

Novamente, o garoto diz algo para o rapaz (que eu não pude entender) e riram.

O entrevistador é posto novamente fora da conversa.

E: Faz tempo que vocês andam juntos?

R: Eu e ele faz.

E: E ela?

R: Ela nem tanto.

E: É namorada sua?

R: Minha? Não... é namorada dele!

E: Ah... dele?

O garoto fala algo e ri novamente.

Novamente.

O garoto parece subverter o equilíbrio (precário) da conversa entre Rocha e o entrevistador. É o disparador da exclusão de E, daquele grupo.

...

R: Que hora que é agora? 10 horas?

E: Deve ser uma hora, mais ou menos.

O garoto continuava a falar algo, que não conseguia entender. Estava com a boca cheia de bolacha. Riam.

Aquela situação de tensão causou uma interrupção na entrevista. Estabelece-se uma conversa da qual o entrevistador fica de fora.

O garoto utiliza uma estratégia que coloca, pela própria forma, o entrevistador para fora do grupo. O garoto fala (com a boca cheia) e o entrevistador não consegue entender – e é ridicularizado por isso.

E: Você não quer me contar também? Chega aí.

Garoto : Não!

...

O entrevistador pede para fazer parte da conversa. Pede, inclusive para que o agente desestabilizador entre diretamente na entrevista, que se nega a fazê-lo.

R: É a mesma coisa, tiozinho.

E: É?

Garoto reafirma a legitimidade do locutor inicial. (Tiozinho?? – o entrevistador é posto em um lugar que denota sua expulsão da “cena a três”, que ele interrompera com o início da entrevista).

Garoto: Se eu contar, você vai chorar...

E: Deixa eu chorar.

Garoto: Não.

E: Não sou que vou chorar; é você?

...

E: Ué, se você não quer me contar, é porque é você que vai chorar... e, não eu...

Estabelece-se uma tensão entre o entrevistador e o Garoto. Há uma disputa por poder.

R: Pode crer, tiozinho... (A moça concorda com o rapaz. Pela 1ª vez, manifesta-se)

Garoto: Não... é que se eu falar, vai dar XXX...{risos}

Fala em choro e ri...

R: Então, tiozinho... é isso... Nós viemos do lado de lá e viemos andando até dar o sono, porque a pedra não dá sono. A pedra que a gente fala é o crack.

Primeiro a moça e depois Rocha tentam dissipar a tensão criada entre o entrevistador e o Garoto.

Quando explica de qual pedra estão falando, inclui o entrevistador, indicando a percepção de que ele é de fora. O entrevistador não faz parte do saber daquele

grupo. E não faz mesmo, mesmo se esforçando muito, como tem feito e continua fazendo...

E: Eu to ligado.

R: A gente vai andando, fumando, aí a gente cheira um tinner. Aí a gente chegou aqui baqueado de tinner, deitamos e dormimos.

E: Hum, hum.

Contou com chegaram ali. Há uma mudança no tempo da ação.

Há também uma mudança no “tom da conversa”: R está contando, explicando, o que fazem. Há uma inclusão do entrevistador depois da tensão estabelecida entre o garoto e o entrevistador, com o movimento daquele de expulsá-lo.

...

...

Brincavam entre eles. Riam.

Depois de incluir, momentaneamente, o entrevistador, contando-lhe o que pensavam que queria ouvir, afastam-no.

E: E roupa, como vocês arrumam ?

Garoto: Nossa roupa é descartável, que nem este copo aqui.

E: Hum...

Garoto: Usou, jogou fora.

R: É. Usou, jogou fora.

E: Mas, quem dá prá vocês?

R: Ah, as pessoas. No farol, às vezes. A gente pede nas casas.

E: Hum, hum.

...

Garoto entra na entrevista, no lugar de entrevistado. Responde à pergunta.

O entrevistador pressupõe o caráter de doação nas roupas. Poderiam tê-las comprado...

R: É foda, cara! Essa vida é cruel!

E: É?

Aparece um palavrão. A entrevista ganha um tom de queixa.

...

E: Por que é cruel?

R: Às vezes você tá passando na rua, mano, tá deste lado, aí vem um cara deste lado. Por exemplo, você tá aqui e aí o cara atravessa a rua pro lado de lá, mano. Isso, prá mim, o cara tá me discriminando, certo, mano? Aí eu já mando ele tomar no cu, mano! Já mando tomar no cu porque acho que ela tá me discriminando, mano. {a garota fala algo} É, mano. Certo, mano? Tá a maior neurose, truta, o mano! Você... Eu acho, tipo assim... O seu jeito também...

E: Hum..

Fala sobre violência, discriminação de que são vítimas e como reagem.

Quando diz “Isso, pra mim...”, marca o caráter subjetivo, interpretativo da ação. Porém, embora se dê conta de que o gesto do cara poderia ter outra motivação, entende-o como agressivo e reage violentamente.

Mostra ao entrevistador que conhece elementos do discurso psicológico (discurso do entrevistador).

R: Do mesmo jeito que você chegou em mim... {o garoto fala algo, ele ri} Certo, meu? Eu acho assim, mano... que você não pode... acho que os outros me discrimina demais, mano. Tá ligado? Discrimina não só eu como... as outras pessoas, tá ligado? Acho que nós é muito discriminado na rua.

E: Hum, hum.

Este trecho traz exatamente o lugar de participante-excluído em que o entrevistador ficou durante a entrevista: R vinha “explicando” coisas ao entrevistador, dando-lhe satisfação, incluindo-o. Porém, este movimento é, notoriamente, uma concessão ao entrevistador-pedinte-por-pertença. E, é neste momento que o entrevistador vira uma personagem irremediavelmente comprometida com o “lado de lá”, dos discriminadores.

O antagonismo de toda a conversa se põe em cena neste trecho...

R: Não só pela população, como pela polícia, pela...a sociedade inteira. Prá eles, nós é lixo {falou pausadamente a palavra lixo}.

...

Faz uma diferenciação entre a população e a polícia e exclui-os da população.

E: E o que você achou disso, véio?

... {riam}

Entrevistador continua tentando usar elementos de um suposto “discurso deles”.

E é, novamente, ironizado. Talvez o pedido de pertença tenha sido tão evidente, que acabou ficando artificial e notório.

O entrevistador encenou o papel de mendigo: Mendigou pertença o tempo todo...

E: O que achou disso?

R: Disso o quê?

E: De acharem que você é lixo?

R: Vou fazer o quê, mano? Não tenho mais nada... não tenho prá onde ir; eu vou prá onde? Vou prá outra esquina, durmo; vou prá outra, durmo; vou prá outra, fumo uma; vou prá outra, fumo uma; já era, pronto! A minha vida vai ser sempre assim, mano. Eu acho é que...

Garoto: Nossa vida é viver no mundo da nóia...

R: É... fumar um bagulho... {canta: “Mundo da Lua, mundo da Lua!!!”}

E: Hum, hum.

...

E: Tá bem... muito obrigado.

Por não terem alguma coisa, não há o que fazer. Não têm para onde ir.

Identificam um destino sem mudanças.

Garoto completa que o lugar deles é outro: “lugar outro” do entrevistador.

Processado

18/01/2003 – Região Central

E: Gostaria que você me contasse sobre sua história de vida.

P: Eu sou abandonado, pago processo, título de morto, DNE São Bento.

Sua história de vida inicia-se com o seu “ser”: é abandonado. Note-se que não se trata de uma condição, propriamente, mas da forma como se reconhece. Em seguida fala de uma ação que executa: paga processo, título... Trâmites e aparelhos legais/jurídicos.

E: Título de morto?

P: É liberdade, né? Eu sou um homem-vida, tá? Processo morto...Então eu sou um processo... tanto na vida de nascimento, né?... é assim. Eu vivia na 209, agora eu vivo na corregedoria. E da corregedoria eu vou para a Av. Paulista. Que é a funerária, né? Setor da 400 XXX de morto, né?. Então eu levo essa vida de abandonado que paga título de morto. Então todo dia é um dia de morto, né? Hoje é o dia sete, né? Que eu venho aqui; só que eu venho pelo serviço das perna, né? Eu venho da corregedoria pra cá, né? A gente vem de camburão, de carro. Então tá nos aprimorando. É a transportadora fluvial. É assim! Ele tem que defender o futurama, né? Por que o futurama é um serviço de registro da sommer, né? Sumerruns (?). E inscreve a gente na PEESP, na Av. Paulista, na funerária, né? E a funerária é pra todo depósito de cadáver que existe no mundo, né? É assim... Então é a funerária que corrige os meus direitos humanos, tá?

Pagar o título de morto é condição para a liberdade. Não é livre, portanto.

Morte e vida apresentam-se quotidianamente em sua existência, apesar de identificar-se com a vida.

Apresenta sua trajetória marcada por referências espaciais/geográficas e temporais. Sua vida é dinâmica. Está em processo...

Reconhece que possui direitos, por ser humano, e que são corrigidos. Sofreriam, esses direitos, deturpações? Quem ou o quê as provocariam?

P: A vida é essa né? É esperar mais um pouquinho, né?

E: Esperar quem?

P: Ficar esperando mais um pouco, né?

E: Ficar esperando mais um pouco...

Viver é esperar mais um pouco. Pressupõe dinâmica, processo. As condições para conseguir o que almeja estão em movimento, em processo de acontecimento.

P: Hoje eu tenho audiência com autoridade de graduação, né? ... pra ver se eu saio da rua e da corregedoria, né? Porque desta rua eu já pedi licença para ir embora, né?... da esquina. E, atrás já tá tudo desligado, tá? Agora falta do outro lado, né? Falta eu sair da corregedoria para mim ficar morando oficial na.... na funerária, né? Que é chave de cadeia. É assim... O povo... ou melhor... até agora, ninguém proibiu, né? XXX

Espera sair daquele para outro lugar. Essa mudança está condicionada a um processo burocrático, à obtenção de uma licença. Conhece e reconhece tal aparelho burocrático.

Pretende sair da rua (lugar-não-oficial) e ir para outro lugar (lugar-oficial).

Reconhece a inconstância do mundo: o fato de que “até agora” ninguém tenha proibido algo, não quer dizer que não poderá acontecer em outro tempo. A história é referência, mas não oferece garantias.

E: Hum, hum.

P: É assim que eu vivo na rua.

E: Sei.

Recorta a “sua” história. Pode haver outras diferentes...

P: Pago pelo cemitério, né? Eu tive um. ... a vida pelo cemitério, né? A minha vida é no Brás, né? Eu sou fazendeiro, então moro num lugar, eu moro nesse local. Eu moro na fazenda, tenho igreja no Brás, a igreja da Itália. Que foi nobre na terra do nascimento, né? Terraço (?). E acabou, lá, né? Lá foi o último campinho, né? E eu saí. Saí vivo, né? E assim, com essa vida... com essa vida XXX, continuei, né? Processo de morto. Continuei levando a vida, né? Então eu fiquei set... seis dias, né? Sete com este. Seis dias fora do lugar, lá... Tem que ter paciência, né? Agora to fazendo guia de embarque, né? Agora vão dar salário ao... É a lei, né? Polícia... De acordo com o serviço prestados.. E pra vê se sustenta a profissão que tem, né? De acordo com o salário pago, vai ver a lista., vai ver se mantém a profissão, pra mim continuar o processo. Aí eu tenho que entregar a mercadoria na igreja, pra sair o caminhão, pra mim liberar o processo as dezenove horas. Até lá a gente fica deitado, né? Pode ficar deitado no chão, pode ficar sentado, então é assim. O único benefício humano que tem, né? E tem a merenda, que é a XXX que serve, né? Aí tem o carro do dinheiro, né? Fica esperando a cobrança.

As referências espaço-temporais guiam, o tempo todo, as histórias sobre suas moradas e suas atividades. Atividades sempre condicionadas...

E: Como você faz para comer?

P: O comer é o futurama, né? Agora... eles têm uma promotora social, né? Quando o bar da igreja solicita eles servem, né?

“Agora”: as coisas realmente mudam no tempo. Uma vida em processo, em movimento; regida por condicionamentos...

E: Hum, hum.

P: Pra gente, só com o dinheirinho, né? Continho, tostão... Tem o general do vício, né? Ele faz eu buscar o cigarro, né? Mas, tem autoridade, tem o poder, né? Buscar o cigarro... Pra gente fumar, tem que ter o cigarro, né? É assim. A gente pega o dinheirinho, né? o conto e compra o alimento. E é assim, né? XXX de súbito, né? Fora do lugar. É... mudou, né? Bom, como o cemitério, né? Cliente por ter cemitério. Eu tenho meu cemitério pago, né? Agora eu tô apresentando um outro cemitério. Então, o cemitério precisava só do paizão (?), né?

E: Hum, hum.

Aponta que há diferenciação entre as pessoas: eles precisam de dinheiro para ter coisas, outros podem mandar buscar porque têm autoridade e poder.

P: Agora que o cemitério foi entregue, vou ver se eu consigo oficialmente a liberdade da rua, né?

Sua liberdade da rua estava condicionada.

E: Liberdade da rua? Como é que é isso?

P: Liberdade da rua... Liberdade da rua é eu não viver mais, né? A minha vida de rua é uma nota fiscal da CESVAL. Eles tem a identificação de todo o ser humano que mora na rua né? Como camelô, cambista, comerciante... Então é um documento da tia (?), né? Tem polir e limpar esse documento para ficar humanamente puro, né? Pra mim ter o direito de ir embora. Só falta isso, né? É um serviço de gráfica.

Como já havia dito, é um SER HUMANO.

A categoria daqueles que moram na rua é ampla: abarca camelôs, cambistas, comerciantes...

A condição para ir embora ainda não foi plenamente satisfeita: falta pouco.

E: Você sabe há quanto tempo tá na rua?

O saber sobre ele próprio foi questionado pelo entrevistador.

P: Tempo...Faz uns quinze anos. Faz tempo!

Apresenta referência subjetiva de tempo. Acha que está na rua há muito tempo.

E: Você pode me contar como é um dia seu, desde que acorda?

P: Bem, hoje eu levantei cedo eu vim para cá. Graças a Deus, com a minha força física, né? Agora eu vou voltar para o mesmo lugar...

Seu corpo possui recursos e ele os usa...

Possui rotina: vai e vem.

E: Onde é esse lugar?

P: Corregedoria, né? A lei do escravo, né?

E: Lei do escravo... E depois?

P: Depois de lá eu venho pra cá, de dia, né?

E: Sei.

Referências legais.

P: Até que não é muito longo não. Muito cansado, né? Agora, quando tudo mudar, resolve, aí eu saio da corregedoria e vou para a funerária, né?

As coisas vão mudar. Sua rotina vai mudar.

E: Vai na funerária fazer o quê?

P: Aí..., amanhã....na Av. Paulista. Aí eu fico lá.

E: E o que você faz lá?

P: Até saírem os meus documentos, né?

E: Ah, sei.

Mais condicionantes...

Mais referências geográficas...

P: Mas não de morto, né?

E: Sei.

P: Morto não faz nada que preste, né?

E: Morto, o quê? Não entendi...

P: He..he.. Morto não faz muita coisa que preste, né? É assim, muita coisa não. Esporte, eu jogo futebol.

Brinca...

Há diferença entre vivo e morto.

Pratica esporte: seu corpo possui, de fato, recursos.

(Talvez seja importante comunicar ao leitor que suas pernas encontravam-se bastante lesionadas, com uma grave infecção em uma delas).

E: Joga futebol?

P: E... às vezes eu... muita gente pra fazer XXX.

E: Você tem família?

P: Tenho, vivem no mar, no alto mar...

E: Ah, sei...

P: Tudo no mar.

E: E quem são?

P: A Itália, né?

E: Como é que é?

P: A Itália, né?

E: Ah, sei.

Referência geográfica; é o que apresenta sobre a família.

....

...

P: É isso aí, não dá muita coisa não. É carregar a bagagem, né?

E: Carrega a sua bagagem?

P: Eu carrego a ... o que o país de São Paulo me dá com respeito, né?

E: Sei.

P: Um cobertorzinho, a roupa do corpo...

E: A roupa do corpo...

P: E é só.

E: Em cada lugar que você vai você leva?

P: É... e é só... ..

A família está em outro lugar. Aqui, estão as coisas que carrega, que ganha e que lhe são dadas com respeito.

P : Agora, o interesse do senhor fazer essa pesquisa é por que?

E: É para conhecer um pouco como vivem pessoas que moram na rua.

O pesquisador é incluído, é questionado. Mostra que entendeu perfeitamente o teor da conversa e quer saber sobre a motivação do pesquisador. Também quer saber...

(muito tempo de fita que não está compreensível)
(fala algo sobre sobre dinheiro)

P: Meu código secreto de morador de cemitério, né?

E: Sei.

É morador. Apesar de haver pessoas que possuem a identificação de todos que vivem na rua e apesar de tantas jornadas burocráticas atrás da liberdade, tem algo que é só seu: um código secreto.

P: Então não é, pra mim, a dificuldade, né, prá... é... preocupar em viver, né?. O importante é pagar a conta, né? Eu tenho que pagar uma conta de registro e preencher um documento da funerária, na Av. Paulista, a respeito da minha liberdade, né? Porque é eles que faz a sonda, né? A solda, né? O caminhão chama Soda. Ele põe o caminhão na porta do cemitério faz a solta, tira o ofício, né?; então leva uma parte, a cobrança, e depois nós põe aí prá... os documento, né?... precioso, como pagamento, né?

E: Hum, hum..

Viver não lhe causa preocupação, a burocracia sim.

Conhece o procedimento burocrático.

P: As contas pagas. Aí tem que esperar o documento viajar para saber, né? O serviço de ontem para hoje, né, o convite meu foi um ano, por causa da ficha corrida, né, porque é um pedido atrás do outro, né? Então, combina todo mundo de uma vez só, para fazer um processo. Quem tem a ficha limpa, artigo zero, né? Eu sou artigo zero porque o meu país naufragou no fundo do mar. É... eu tô morando no fundo do mar; saio do fundo do mar para me apresentar pelo serviço de reservista, né?: Reserva de Continência à Bandeira à Arma Pública. Então, fui preso por gringos,por Grécia, saí da Grécia e voltei ao fundo do mar, moro no mesmo lugar de sempre.

Fala sobre um processo que se dá no tempo e no espaço.

...

...

Minha vida é essa, né? Aqui eu tiro o registro, documento, guia de embarque. A liberdade da guia de embarque é da autoridade de morto. De liberdade, General Lemo, e o ofício é marcar a hora do morto, né? Então a igreja fica sem a hora do morto, aqui tem a hora do morto. Eu já perdi duas vezes a hora pra meio dia, meia noite...e,... por causa disso, tive que correr a atrás, né? Essa vida chega a vida de catador de papelão, né? Então sai catando cadáver na rua. Então eu parei nessa porta da igreja catando cadáver, nas costas, na bicicleta, motocicleta, de carro, ...de caminhão... até chegar a nível de transportadora, né? Da bandeira, né? Pátria. E é assim que vou continuando, né, até acertar minhas contas, né? Depois eu tenho que dar o... Eu tenho que anunciar o... na prisão do mor, o favor pela

comida que preciso comer, né? Território do morto. Tem que entregar os documentos para a esposa do morto... é assim.

Sua vida é um processo burocrático. Porém, já sofreu perdas por causa da burocracia.

Fala sobre o trabalho, que também sofreu um processo ascendente: “nas costas, na bicicleta, motocicleta, de carro, ...de caminhão.. até chegar a nível de transportadora, né?”

Está em dívida e caminha até conseguir saldá-la.

...

...

E: Você recebe dinheiro das pessoas que passam na rua?

P: Não, não.

E: Não recebe...

P: Só o pessoal enquadrado na cadeia, né? É a pessoa que serve como autoridade à vida da polícia, né? Como o general do vício, XXX do dinheiro e cigarro, não é? Então você pode comprar o cigarro. Aí tem o XXX, que é o Sabóia, o Artur, o Élcio...

Não recebe dinheiro das pessoas, mas há quem receba.

Aparecem nomes. Pessoas, instituições (Hospital Artur de Sabóia) ?

...

E: Mas, quando você fica aqui sentado, como hoje, as pessoas que passam não te dão dinheiro?

O entrevistador não acredita nele. Responde, então, de maneira mais incisiva e definitiva: “não, não, não...”.

P: Não, não, não... depois, tem o serviço de atestado de pobreza, né? E é esse atestado de pobreza que proíbe as pessoas a viver no cemitério dos abandonados, né? Então, XXX e a escritura do documento. Assim que as coisas luta, né? Agora, os outros eventos que vem por aí, é o navio, né? A transportadora minha, particular; que pode servir como moradia da vida do futuro. Você vai no navio, pede o recurso... Aí vem uma parte em dinheiro e uma parte em XXX de sustento. É isso mesmo....

...

...

A burocracia proíbe.

A provisão para o futuro, o lugar para viver deverá ser dele, particular.

E: Está bem. Muito obrigado e boa sorte.

Dono do mundo

06/02/03 - Zona Sul

Senhor, aparentemente com 50 anos. Estava em baixo do viaduto sob a Av. E. Havia lá um colchonete enrolado e alguns sacos.

Apresentei-me como psicólogo e pesquisador da USP. Disse que fazia uma pesquisa com pessoas que moram na rua e perguntei se gostaria de colaborar. Respondeu afirmativamente.

E: Qual o seu nome?

D: Meu nome é T. R. da S.

E: Está muito barulho...

Apresenta-se com o nome e sobrenome.

Já aparece aqui uma das dificuldades presentes em toda a entrevista: o barulho dos carros. Como nas outras entrevistas, os ruídos externos dificultam a comunicação entre o pesquisador e o entrevistado.

D: T. R da S., como está lá... (mostrou-me o nome escrito no pilar do viaduto).

Se a comunicação oral está prejudicada, T. apresenta-se de “forma escrita”.

Por que teria escrito o nome no pilar da ponte onde vive?

E: Pois bem, Sr. T., gostaria que o senhor me contasse a história da sua vida.

D: Olha, a história da minha vida é uma história muito difícil.

História difícil. Difícil de ser contada? Difícil para ser ouvida? Difícil de ser vivida?

E: Hum. Por quê?

D: Na vida, eu nunca tive moleza. No mundo, do jeito que é, não tem moleza, eu também não posso dar moleza para ninguém.

E: Sei.

Difícil porque nunca teve moleza. Apresenta o mundo de uma forma restritiva. Não há moleza no mundo, mas poderia ser de outra forma. Se o mundo é duro, também não dá moleza para os outros. “Dança conforme a música”.

D: Vivo pela rua; passe quem passar, eu não abordo ninguém, mas sempre na minha... no meu limite... Não mexo com os outros, não gosto que ninguém mexa comigo. Minha vida é desse jeito só.

E: Sei.

...

A vida dele é ficar no limite. Como na frase anterior, utiliza o princípio da ação e reação para lidar com as pessoas. Não mexe com as pessoas e espera que não mexam com ele.

Quando diz que “minha vida é desse jeito só” enuncia uma ambigüidade: sua vida se resume àquilo (não mexer para não ser mexido) e sua vida é ficar ‘só’.

E: Quando o senhor veio para a rua?

D: Tem muito tempo. Já tem 12 anos que eu vivo só aqui.

Repete-se a ambigüidade. Há muito tempo que vive naquele lugar e há muito tempo que vive sozinho, naquele lugar.

Sua enunciação marca que está na rua há mais do que 12 anos e que já esteve em outros lugares.

E: 12 anos?

D: 12 anos...

Outra interferência dos ruídos externos.

E: Por que o senhor foi para a rua?

D: Eu fui para a rua porque morava em casa de parentes e saí. Parente só é bom quando a gente tem dinheiro; quando não tem, não é. Aí eu saí por aí. Cheguei na rua. Eu fui morar numa casa, que é minha, ali na esquina perto do posto – aquela casa velha é minha!-

E: Sei.

Foi para a rua porque morava na casa de parentes (não na sua). Enuncia um ditado popular sobre a relação de parente com dinheiro. Ele não tinha dinheiro.

Aparece aqui a primeira cisão no discurso de T.: dizia que não tinha dinheiro e, talvez, nem casa, já que morava na casa dos parentes, e agora diz que tinha uma casa velha... Um discurso marcado por contradições começa a se formar.

D: A Ronda da prefeitura me tirou. Ameaçou dar um tiro na minha cabeça, aí injuriei. Estou aqui até hoje... Eu tenho... isso aí (apontando para as casas na rua) é meu, ó. Isso aí é meu. Não é da prefeitura, nem desse aeroporto, não. Eu não sou daqui também não. Eu sou paulista.

E: Hum, hum.

A polícia da Prefeitura o tirou da casa.

Não tinha dinheiro, passou a ter uma casa velha, agora tem todas as casas da rua.

Diz que não é daqui também. Quem mais não será? De onde será? É paulista?

D: Isso aí é a Argentina que toma conta, mas é meu!

Alguém de fora toma conta do que é dele.

As primeiras versões sobre sua vida não se sustentam... E não há qualquer evidência de preocupação com esses “desmentidos” sucessivos.

E: É um argentino?

D: É a Argentina que toma conta. É meu isso aí! Agora eu vou ser obrigado a fazer executar. XX eles bloqueiam a rua... a Prefeitura de São Paulo fica enchendo essas casas aí de apontador de armas, apontando na rua dia e noite, ó. Tem esses caras que estão decepados na rua – que XXX a cabeça- quem rapa sou eu. XXX aponta uma arma, chega no vitreau, XXX, liga lá pro detrás, vai pro fundo e XXX.

E: Sei.

Expulsões, usurpações, bloqueios, execuções... Surgem lugares e ações que não têm qualquer compromisso com a lógica e a faticidade. Parecem justaposições caleidoscópicas...

As “vozes” dos carros começam a cobrir, com mais intensidade, a voz de T..

D: Aí eu, daqui, XXX lá e XXX eles. XXX não tem condições: a Prefeitura de São Paulo é minha! A Prefeitura, esse Aeroporto de Congonhas, Casa Branca, é minha!

E: Hum, hum.

Depois, a Prefeitura, o Aeroporto, a Casa Branca... Ilimitada apropriação. Propriedade ilimitada: o seu colchão, a rua, as casas, os lugares públicos e privados, o mundo: de tudo se apropria...

D: Tudo isso aí é meu e tô aqui na rua. Era para ser entregue em 18 de dezembro de 72. Esse papel está na prefeitura. Até hoje... ela nunca me deu um pão seco pra mim comer, a não ser os vizinhos aqui, ó. Prá qualquer um que eu pedir, dá. Prá mim dá! Porque...eu não uso droga; meu vício é só cigarro mesmo (apalpou o maço no bolso da camisa).

E: Sei.

Uma data precisa é “colhida” na memória. Não se consegue identificar mais do que a precisão pontual das palavras: “dezoito de dezembro de setenta e dois”.

Com efeito, volta a idéia de uma promessa não cumprida, ou de uma desapropriação.

A Prefeitura, apesar de estar com o que é seu, nunca lhe deu o que comer. Recebe dos vizinhos porque é diferente. Não consome drogas ilícitas; não é ‘fora-da-lei’, por isso é bem quisto pelos vizinhos.

Aliás, tem vizinhos. Talvez, tenha morada!

D: Eu não tomo cachaça, não tomo nada.

E: Hum, hum.

O álcool aparece no discurso pela negativa. Não é alcoólatra.

Sugere que reconhece um “tipo” dos que estão em iguais condições físicas e sociais. Mas, não se encaixa em dois detalhes: a droga e a cachaça.

E: E eu estou aqui esperando passa...ela... acertar comigo... der qualquer coisa, porque eu vou pra Argentina ou pra Alemanha, que é minha também... aqui ó, na rua (apontou para lugar onde ele fica). E...ela nunca me deu nada; nada disso. Será que eu vou ver isso? Aí tem um pessoal cobra a gente aqui, ó. E elas mandam o Rapa vir pegar e deixar comer aqui, ó. Aqui. Então, isso aí... Você não leu?... XXX ela vai me pagar as roupa e janta e o poncho que eu durmo. XXX, agora tá muito alto. XXX o papel. Aí vem e mandou cercar isso aqui, ó. (apontou para umas coisas velhas que estavam do lado de dentro da cerca. Coisas como sacolas e cobertor velho e muito sujo – aparentavam estar abandonados). Você entendeu, ó?

E: Hum, hum.

Quando a Prefeitura lhe der condições, sairá da rua. Irá para outro lugar, longe. Mas, que também é propriedade sua!

Diz que nunca recebeu nada da Prefeitura e ainda é cobrado por ela.

Questiona o saber do entrevistador. Ele não sabe o que estão fazendo com ele? Não leu?

D: XXX da rua... A polícia vem e tira, pra entregar pra lá; o Rapa vem, pega e leva. Tudo aqui. São Paulo não tem nada! Só a Prefeitura não tem nada; o Aeroporto de Congonhas não tem nada. Meu nome é daquele jeito que escreve: T. R. da S.

E: Sei.

A polícia tira as coisas dele do lugar. Mais do que isso, a cerca que foi posta embaixo do viaduto impediu que ele ficasse onde estava. Suas coisas ficaram “presas” no interior do cercado, no local onde ficava. Parece que diz que a polícia e o Rapa não querem que fique ali, pois levam as suas coisas.

Com efeito, ainda lhe resta o nome escrito na coluna. No incrível jogo de apropriações desapropriadas e vice-versa, há uma certeza escrita na pedra (mais difícil de ser levada): o nome dele.

D: Não sou artista, não sou mestre, não sou nada.

E: Hum, hum.

...

...

O que não é...

Identidade pela negativa.

E: Onde o senhor nasceu?

D: Eu? Eu nasci... não sei onde eu nasci. Nasci num lugar com o nome de Para...Macambira.

Surpreende-se com a pergunta? Outra certeza emerge: nasceu.

E: Macambira...

D: É. Isso é no interior da Bahia. Lá no... entre o Guapirama? e a Lapa do Bom Senhor Jesus. Fica ali naquele meio, ali. Agora, eu não sei se eu nasci ali ou não sei foi em outro lugar... Por que eu tenho parente na Alemanha...

E: Ah é?

Explica para o entrevistador.

Sobre o “onde”, parentes são indícios de suas raízes, mas também provocador de dúvidas.

D: É... Então eu não sei. Minha mãe falou que eu nasci no XXX e fui na conversa dela.

E: M...

D: O meu pai também é de lá. Não sei se ela me pegou de lá e me trouxe e agora tá dizendo que eu sou de lá do XXX. Eu estou em dúvida. Vou saber lá; se eu sou de XXX. Mas, é isso rapaz. Eu estou aqui por isso.

Aparecem os pais no discurso. O discurso da mãe e do pai sobre sua origem seriam referências.

Posto no mundo por pai e mãe que não souberam lhe informar melhor sobre as circunstâncias, põe-se, hoje, aos cuidados da Prefeitura...

...

E: Me conte...

D: M...

E: Fale.

D: Mas, também eu faço uma proposta pra Prefeitura de São Paulo XXX. Não abusa... abusa de qualquer um aí, mas de mim ela não abusa, porque ela tá me devendo e o dever dela é me procurar. Não é isso? Procurar e saber o que é que precisa. 'Nós não pudemos ajudar você agora, mas nós vai poder dar alguma coisa'. Não é isso?

E: Sei.

... afinal, ele mora na rua, propriedade da Prefeitura. Ela é sua "locadora". Mas deverá ser mais do que isso; deverá dar comida e roupa. Deverá suprir necessidades. De todas as "contradições", ressalta uma insistência lógica em seu discurso. A lógica da tutela, dever do Estado.

D: Então, o cara me deve e eu já precisei pagar. São Paulo é meu! São Paulo, de ponta a ponta. Você... tenho uma fazenda muito grande em Minas. XXX. Aquela fazenda é minha também.

E: Hum, hum.

'Dono' tem crédito e precisou pagar.

Dívida e pagamento. Cenas: ele paga o que deve; os outros não pagam o que lhe devem.

D: Não é só 2000 cabeças, não... É... é o mundo. É o mundo, é... Dessa do Mato Grosso; é minha também. Desde daqui pra dentro, é minhas ruas(?). Pois é isso aí, rapaz, eu estou aqui como eu sou ruim. Até pro Paraguai eu vou, porque o Paraguai é meu. Nem lá eu não vou também; só de bronca!

Sua propriedade (seu Sítio) é o mundo.

O verdadeiro "cidadão do mundo". O trânsito pelos países, na imaginação, corroboram essa idéia. Cidadão porque se vê pagando, tendo responsabilidades e cobrando direitos, em função disso.

RUA ↔ MUNDO: este é seu espaço.

E: É?

D: É... bronca. Aí ó: a Prefeitura de São Paulo, esse aeroporto; tenho não sei quantos caminhão de roupa, de Alemanha, Argentina, para ser entregue em 18 de dezembro de 1972 e, até hoje, nunca entregou.

E: Hum, hum.

Novamente, está à espera de algo que deveria lhe ser entregue e está atrasado.

O que terá acontecido nessa data? Freud, possivelmente, diria que a insistência nela, mesmo que "encaixada" em contextos diferentes e delirantes, é o pedaço da realidade que permanece como tal no discurso. Um sentido muito particular, que se perde e que "dribla" o interlocutor que quisier reconstruí-lo agora.

D: E eu estou aqui, XXX negócio, nem no aeroporto, nem prefeitura, eu não vou. O dever deles não é me procurar? Sabendo que não é deles!!

E: Hum, hum.

Não vai pedir o que é dele por Direito.

D: Eu tô errado? Tá tudo XXX

E: Hum, hum.

D: Tudo XXX. É meu. Isso é meu. São Paulo...

O discurso da posse fica mais intenso.

E: Sr. T., me conte como é um dia seu, desde a hora que o senhor acorda.

D: Rapaz, não tenho base. Não tenho base, porque Brasília tá XXX eu sentado aqui, ó.

E: Hum, hum.

D: XXX e eu nem sei falar quanto... quanto custa um dia meu... XXX te falar isso.

De um lado, perguntado sobre como é um dia de vida, entende que é a pergunta é sobre o valor do seu dia. O valor do seu dia sofre influência de Brasília e, talvez seja isso que o deixa sem base (pelo encadeamento da frase). De outro, a pergunta sobre o seu dia parece ter sido entendida em sua restrição a algum tempo, espaço e relação. Isto pode ser confirmado na sequência:

E: Certo. Mas, o quê que o senhor faz. Me conte como é um dia seu.

D: Eu não faço nada! Só saio mesmo pra comprar cigarro, fico aqui, o tempo todo aqui. E, à noite, eu deito, durmo. Quando dá pra dormir, durmo, quando não dá, eu fico sentado por aí, porque quando chove aqui eles amarram bomba de lá aqui, amarram naquelas casas lá pra jogar água aqui. Molh...

Um dia de vida de 'Dono' é não fazer nada, é ficar o tempo todo ali. Sair para comprar seu cigarro e lidar com alguma adversidade bem concreta de suas condições de moradia. A pergunta parece tê-lo circunstanciado a um tempo/espaço/relação que facilitava a compreensão do interlocutor, que podia, com ele, dividir.

E: Eles amarram o quê?

D: Amarram a bomba! Pra jogar a água que vem daqui (aponta para o alto do viaduto)...

E: Ah, sei.

D: De um lado e do outro. Joga numa ponta e na outra ponta ali.

E: Sei.

Fazem coisas para prejudicá-lo, para fazer-lhe mal.

É como se aproxima esse "outro", que é, de algum modo, seu vizinho.

D: Você acha que XXX tem como molhar isso tudo?

Fazem mesmo para prejudicá-lo pois, pelo seu conhecimento, não seria possível cair tanta água de cima do viaduto sem que tivessem posto uma bomba d'água. Até questiona o seu conhecimento através do pesquisador. Com isso, o inclui.

E: Sei... Como é que o senhor faz para tomar banho, por exemplo?

D: Eu tomo banho na... pego lá... água na lata e tomo banho.

'Dono' acabara que contar sobre os "banhos" que tomava em dias de chuva e o pesquisador pergunta-lhe sobre o banho.

E: E aonde o senhor pega água?

D: Pego ali na frente, na casa de cercado verde, que ele me ofereceu. Chego lá, bato no portão, abro e pego.

E: Ah...

D: O tempo todo.

E: Hum, hum.

Consegue fazer a higiene pessoal pela oferta do vizinho

D: XXX

E: O senhor faz a barba?

D: Faço.

E: Hum, hum.

D: Faço. Não gosto de ficar com barba, não. (passou a mão no rosto).

E: Hum, hum.

D: Direto. Faço direto.

T. mantém a possibilidade de gostar ou não gostar da aparência e cuida do corpo e da estética .

E: E pra comer, como o senhor faz?

D: Pra comer, eu sou um cara que não ligo pra comida. Se eu tiver comida, eu como; se não tiver, um café com pão eu passo o dia.

Fala de um corpo que resiste à incerteza de comida.

E: E onde o senhor arruma o café com pão?

D: Aquela senhora ali, ó.

E: Ahh.. aquela senhora traz pro senhor...

A vizinhança aparece em cena como quem lhe permite sustentação de hábitos e alimentação. De sustentação do corpo.

Interessante notar que os que "ajudam" e não perseguem, são bem situados e identificados. São nomeados: o "vizinho na casa do cercado verde", "aquela senhora ali, ó, d. Lúcia...

D: É dona Lúcia, Aquela senhora ali, pra mim... eu devo muito pra ela.

E: Hum, hum.

Porém, reaparece a relação de dívida. Agora, é ele quem se sente devendo para quem lhe dá o que comer.

D: XXX da casa dela tá pronto. Quando sair o dela, o meu vai também.

E: Entendi.

Há uma identificação com a D. Lúcia que passa pela questão da morada.

D: Não é fácil, não. Eu sou um cara de muita opinião. Acho que... dinheiro, pra mim, não é problema.

E: Hum, hum.

Tem muita opinião; sugere ter o domínio da situação que lhe garante ter aquilo de que precisa, mesmo sem ter dinheiro. Opinião e domínio são suas posses a desbancar o dinheiro.

D: Problema é que eu tô aqui!

E: Hum, hum.

O problema do 'Dono' é o estar na rua. Mas, ao mesmo tempo, é a rua (sem problema) que lhe facilita o passaporte para o mundo e, sobre ele, lhe dá propriedade...

D: Argentina, Alemanha, XXX, Japão... Você sabe qual é o dono do mundo? Sou eu aqui, ó.

E: O maior o quê?

D: O DONO !

E: Ah, o dono do mundo...

D: Sim. Do XXX ao XXX é meu. XXX

E: Entendo...

Curioso perceber o percurso dessa viagem, ou o curso dessa apropriação sobre o mundo. Começou com a casa, passou para a quadra, Aeroporto, Prefeitura, Argentina, Alemanha, Japão e o MUNDO. Está pressuposto um saber geográfico.

D: Você, acho que já ouviu falar na televisão por aí. Pode prestar atenção que você vê: T. R. da S. (aponta para a gravação na pilastra).

E: Tá bem. Eu vou ver...

D: Aí, é como eu lhe falei: eu não sou artista e nem mestre.

Poder-se-ia acrescentar: "Sou T.R. da S."...

E: Hum, hum.

...

A legitimação de sua marca, de sua identidade, da força e extensão de sua existência e de seus domínios está na televisão.

D: Aí, isso aí é moleza. Eu não posso ver um programa de televisão daqui, porque aqui não tem televisão, não tem nada. Não posso saber que tá acontecendo por aí, por São Paulo. Daqui, eu joga... eu puxo a televisão do Paraguai, Alemanha e mostro pra São Paulo.

E: Hum, hum.

T. dá a ver ao mundo o que ele mesmo não pode ver.

D: E abre os olhos e vê. Eu não tenho nada; tô sem nada. É por isso que eu te falei que não sou mestre nem... nem artista. Eu sou o cara mais inteligente do mundo, rapaz. Passo o dia sentado, só pensando nas coisas (aponta para a cabeça).

E: Só pensando nas coisas.

Ter nada / estar sem nada. Não é mestre ou artista porque não tem informação. Porém é o mais inteligente. Pensa. Dizia que não fazia nada, mas passa o dia pensando. Pensar é diferente de fazer.

D: É... eu sou o cara mais inteligente do mundo. Eu já procurei, mas não achei quem tivesse a terceira parte que eu tenho, que eu sei...

O discurso passou do ter para o ser.

Nunca encontrou alguém mais inteligente que ele e nisto, provavelmente, incluiu-se o pesquisador, que não sabia que ele era o dono do mundo.

E: Quem não sabe?

D: Nunca achei um que sabe nem a terceira!...parte; nem a quarta que eu sei. Eu, não tem nada difícil para eu fazer, não.

E: Sei.

D: Eu mostro qualquer coisa na televisão, daqui: Santo Amaro, Anhangabaú. Até a televisão que tá lá, sabe? Eu mostro daqui o que passa lá.

E:Hum, hum.

Seu saber proporciona fazer e pode ser posto à prova.

D: É incrível! É incrível, mas eu só eu mesmo. Eu sou o cara mais inteligente do mundo, porque eu acho... eu tenho... dá qualquer coisa, mas eu XXX... eu procurei, já.

E: Hum, hum.

Não é o mais inteligente simplesmente porque acha que é: já procurou, mas não encontrou quem fosse mais inteligente. A prova já se deu.

D: Não achei... Tô aqui, rapaz... Você anda, que depois que você vai ver. Tô aqui, ó. Agora, eu falei assim: no Brasil, não vai ter presidente e nem governo... mais. Isso aí não tem mais! Porque o que tá acontecendo aí... ninguém nunca tomou parte de ver isso? Então, não tem condições... governo e presidente no Brasil...

E: Ver o que, Sr T.?

D: Não tem nem governo, nem presidente...

E: Então, mas o quê que ele não vê?

D: Mas, será que ele não tá vendo, rapaz, o que tá acontecendo? Ele não tá vendo? Ele não tem televisão? Não tem? Ele não tá vendo nada, na televisão? Eu, que não tenho televisão, tô vendo o que tá acontecendo!

Não há mais governantes no Brasil, pois não estão vendo o que está acontecendo. Eles têm meios de informação e não vêem; ele não tem e está vendo.

E: O quê que está acontecendo?

D: Esse pessoal apontando arma dentro da casa dos outros, ... caminhão de cara decepado, pra cima e pra baixo... Será que eles não tão vendo isso? Televisão, têm! Eu aqui, daqui, eu sei ver o que está acontecendo. O bagaço secando, rapaz, de gente que arrancaram a cabeça. O caminhão de cabeça correndo pra cima e pra baixo.

E: Hum, hum.

Não basta ter acesso à informação, é preciso SABER VER. Então, o que se vê é a decapitação do rei, do homem, do saber, da inteligência. Nisto, provavelmente, resta o governo que ele fez da realidade pela TV. Resta sua marca, seu nome, T.R. da S., operando.

D: Levando pro Aeroporto e eu continuo sem nada. Mas, tem que XXX também. ... Rapaz, mas é isso aí , rapaz... Pode passar aí pra você ver... Você caça... vai caçando de casa em casa, você vê... de prédio em prédio, você vê, você acha...

E: Hum, hum.

...

E: Tá bom, Sr T...

D: Não é fácil, não.

E: Não é fácil...

D: Não é fácil, não. Mas, pois é...T. R. da S. Aquele nome é um nome que você vê. Você vê uma indústria muito grande, você encosta; pode encostar... certeza. Você vê o nome, pode encostar. Chega numa fazenda muito grande, pode encostar também. O dono já deu ordem. Pode chegar aqui, que é minha: T R. da Silva. Mas, não entendo, eu tô aqui, ó...

E: É incrível...

O final do trecho, o “mas”, indica um indício das adversidades. Sugestão de que em toda essa sua extensão tão concreta e tão imaginária, como é possível que esteja “só” ali?

D: Eu, daqui, eu puxo um avião de Alemanha; trago ele aqui. Puxo um aparelho que eu tenho; trago aqui. É incrível, rapaz. Por isso que eu falo que eu sou o cara mais inteligente do mundo! Já sei t... já fiz tudo, já. Puxo... suspendo ele... até lá em cima e venho; puxo ele pra cá. Amarro daqui, puxo daqui (mostrava pra mim como fazia)...

E: Hum, hum.

“Ele tem a força!”, e isso possibilita tudo.

D: Nunca vi um cara que faz isso... Dá o nó e amarrar e pode puxar. Sem aparelho, nem nada!

E: Entendo.

Assim, com tanto saber, com tanta capacidade para fazer, com tanta força, como pode estar ali?

D: É incrível, é incrível! Já fiz uns cinco teste, só pra ver. Sou o cara mais inteligente do mundo...

Novamente, já testou sua capacidade e concluiu que é o mais inteligente.

E: Tá bom, Sr T.,. Muito Obrigado. Tenha uma boa sorte, viu?

(desliguei o gravador e o cumprimentei)

D: Olha, mas é isso. Pode escrever lá; sem medo de errar, que é isso mesmo, viu?

E: Obrigado.

O entrevistador pode confiar nele. Não precisa temer o erro. Pode contar para os outros o que se passa com ele. Afinal, tem a assinatura dele!!!

Gaúcho

06/02/03 – Parque Trianon

Eu andava pelo parque, quando 2 homens me abordaram pedindo um trocado. Um deles (Gaúcho) estendeu o boné e o outro, a palma da mão. Dei uma moeda para cada um e perguntei se eles poderiam me ajudar em algo também. Gaúcho respondeu que sim. Apresentei-me como psicólogo e pesquisador da Universidade de São Paulo e disse que fazia uma pesquisa com pessoas que moram na rua. Perguntei se gostaria de colaborar. Carioca perguntou se era a USP. Respondi que sim. Ele disse algo como: “Nossa, a USP, conheço”. Gaúcho perguntou se era uma tese. Respondi que era uma tese, sim.

O contato do entrevistado com o entrevistador foi através de um pedido. E através de um pedido, também, se deu a entrevista. Dois pedidos de ajuda.

Os dois entrevistados mostraram que possuíam conhecimento: Carioca conhecia a USP (e a fato do entrevistador estudar lá causou-lhe admiração) e o Gaúcho conhecia o dispositivo acadêmico.

Conduziu-me até um banco onde outros dois mendigos estavam sentados. Sentou-se ao meu lado. Ofereci um cigarro a ele porque vi que pediu uma tragada a um dos que lá estavam. Todos pediram um cigarro. Eram 4 ao todo.

Mais uma vez, o entrevistador ofereceu algo para eles por imaginar que não tinham.

Apresentou-se e me apresentou cada um dos outros.

E: Então, Gaúcho, gostaria que você me contasse a sua história de vida.

G: Da rua, né?

...

E: Hum.

A história da vida dele é mais do que a história da rua. Como a pesquisa foi apresentada com o tema da rua, circunscreveu-a.

G: Bem... Eu vim para São Paulo em 90, aí tô com 12 anos aqui, aí... como tava, assim... sem destino, arrumei um servicinho, mas... só bico. Aí conheci a rapaziada e comecei a tomar uma cachacinha e fui indo... entendeu? Então, até hoje já, eu... arrumo serviço de pintura, mas não d... deu certo também, mas é bico, é... tipo 2 semanas, 1 semana. Às vezes, um mês... vareia. Até caí do balancinho e quebrei o ... (mostrou-me o pulso inchado e com marcas de pontos cirúrgicos). Conhece aquele balancinho, que amarra em cima...?

E: Eu sei...

Sua história de rua começa com a vinda para São Paulo. Está com 12 anos aqui. Aqui aonde: em São Paulo ou na rua? Parece que a referência se mistura.

Arrumou um servicinho porque estava sem destino e não considera como trabalho (ou emprego) porque não é duradouro, estável. Conheceu a rapaziada, começou a beber e o destino foi a rua.

São Paulo – bico – rapaziada – cachaça → vida “da” rua

G: Aí apertou uma ponta, aí eu desci... caí em cima (do pulso).

E: Nossa!

G: Aí o mé... o mé... o médico... olha o que ele fez aí, ó. Aí eu mand... ele disse que... eu não dava para operar, e... ele fez um ponto e pôs só um dreno aqui dentro e... também assim... ele mandou eu embora e eu vim embora. Eu queria que ele botasse pra dentro, o osso, ne? Aí ia ter que abrir tudo aqui pra pôr o osso pra dentro. Olha...

Machucou-se no trabalho/bico e o médico não fez o serviço como deveria ter feito. Ia dizer que mandou que o médico o operasse, mas este não quis fazê-lo.

E: É... fez um...

G: Não dói, não dói, não dói. Dá pra fazer força com ele. Não dói, mas eu queria botar ele no lugar, que nem aqui, né? (mostrou o outro pulso)

E: Hum, hum.

Não sente dor, pode trabalhar, mas está fora do lugar; está diferente.

G: Olha lá, ó.

E: É, ficou...

G: Arrebentou e eu caí em cima. Arrebentou o balancinho... aquele negócio de roda...

E: O andaime?

Embora já tivesse perguntado ao entrevistador se ele sabia do que estava falando (balancinho) e tivesse respondido positivamente, explicou novamente do que se tratava.

O entrevistador, então, responde com a introdução de um outro significante (andaime).

G: Escapou, aí eu caí lá de cima... 4 metros... Mas, tá baixando, já... tava ruim... Ainda bem que foi só 4 metros, só. Se fosse mais alto... Eu ia descendo por fora com a lata, com a tinta e o rolo e pá... eu não que eu dei um descuido lá e, pfui... Aí eu tô com o pessoal, aí... Eu cato latinha à no... de dia aí ... e cuido dos carros, a gente cuida de carro aí; lá na feira, eu cato uns negócio pra comer, né? Umas mangas, uns... uns fruto... No fim da feira, os caras dão... dão umas frutas pra gente, lá. A gente chega (não rouba!) pede, né? Eles, normalmente... e dão na rua, o pessoal aí na chuva, na marquise aí fora, aí, por aí, nesse posto, então... ... e eu durmo perto de uma farmácia, ali. O cara deixa eu dormir ali, na marquise, né? Mas, não pode zoar; tem que deixar tudo limpinho. De manhã tem que deixar tudo limpinho... Tem uns que ignoram... não deixam voc... “Não pode ficar aqui...” não sei o quê!... Tem uns que são sacanas, mas tem uns que são bacanas, não é, não? (pediu a legitimação dos demais).

O motivo do machucado, que antes era uma fatalidade, passou a ser por um descuido seu. E por causa dos descuido, cuida de carros.

Identifica-se com os outros na atividade de cuidar dos carros. Gaúcho alterna a referência entre ele e todos com frequência. Fala em nome dele próprio e dos outros, entretanto pede confirmação dos outros no final. Isto pode se dar justamente por se sentir legitimado pelos outros a fazê-lo. A forma com pergunta para os outros parece mais um pedido de confirmação do que legitimidade.

Recebem doações para comer. Quem os ajuda é bacana, quem não o faz é sacana. Interessante notar que diz que alguns os ignoram, porém esses falam com eles e proíbem a permanência no lugar.

Aparece uma referência à honestidade (não roubam), que indica uma certa expectativa de roubo, em se tratando dessa situação concreta.

Carioca: É...

G: Uns dão comida, outros dão... é... uma roupa, outros dão uma meia, assim... Uns dão remédio pra gente.... O problema sabe o quê que é? É que... não tem emprego que você quer trabalhar, assim, que você gosta... não tem! E não tem direito a estudo... eu tenho a 4ª série e tem que ter... tem que ter estudo, 2º grau (ninguém tem) completo, né? Porque, nas firmas, aí, eles querem o 2º grau completo... e você não tem... É 4ª série... do primário, 5ª série... Então, aí, eu vim pra São Paulo, aí, pra... pra trabalhar e, no fim, a gente quebra a cabeça. Eu vim pra cá pensando que er... é tudo ilusão... a gente pensa que é uma coisa, mas chega aqui, é tudo diferente... porque é muita gente pra trabalhar. Gente que vem do norte, do sul, assim... então, eu... não ach... que se não vai estudar, não... Tem que pagar e é caro; não dá. Porque, vai fazer um curso tem que pagar e falta o ... terminar o estu... 2º grau; não tem. Para ter o curso, tem que ter pelo menos aquela série; não tem. Não tem nem o 1º grau! E 4ª série, você não arruma serviço, arruma? Só com a 4ª série? 5ª série, não arruma.

A rua é o que lhe resta...

Ganham (fala em nome de todos) o que precisam para sobreviver, mas o problema é não conseguir emprego. Marca a diferença entre o trabalho que faz e o emprego. E não é qualquer emprego: é o emprego que gosta de fazer e que quer, que não tem.

Considera o estudo (2º grau) como condição necessária para conseguir um emprego, mas que ninguém o tem. Será interessante notar, com as outras entrevistas, que outros dois do grupo dizem que possuem instrução.

Faz referência ao grande número de pessoas em São Paulo e que os estudos diferenciam na hora de arrumar emprego. Este discurso do excesso de pessoas está presente nas três entrevistas posteriores.

Fala sobre a ilusão de vir para São Paulo e conseguir trabalhar.

Pede ao entrevistador que confirme a sua hipótese sobre a necessidade de estudos para conseguir emprego. E este, independentemente de sua concordância com a hipótese, confirma:

E: Difícil, não é?

G: Cada... polícia mesmo... polícia, os caras... Em vez de olhar pra gente, dar um... eles mandam você dormir no albergue. No albergue só pra comer e dormir.

Eu vou ficar lá, 4 ou 5 meses, só comendo, bebendo e... não ter nada, aí. Aí vem pra rua e fica na rua. Aí, chega lá come e dorme. Tudo bem um banho e tal, mas... não arruma uma escola de graça, não arruma nada assim pra gente estudar, fazer um curso no SENAI. Não tem nada! Aí tu fica na rua, na esquina, aí. Passa um, aí vai e pede um dinheirinho pra comprar um cigarrinho; às vezes um café, de manhã. Uma pinguinha, né, que a gente bebe, né?... A gente bebe uma pinguinha, né?

E: Hum, hum.

G: Aí vem a polícia encher o saco; bota pra correr, que nem às vezes. Os guardas vêm encher o saco: “Não pode ficar aí; não pode ficar aqui...”

C: É...

G: Não é pra poder? (grita)

Reclama que os policiais não olham para eles, porém eles os mandam para outro lugar. Que sentido terá ‘olhar’ para o Gaúcho. Como na fala acima, que diz que as pessoas que não os ajudam, os ignoram.

A polícia entra em cena para dirigi-lo à alternativa (passageira) à rua para os que moram na rua... Mas isto não lhe altera a condição de somente ter a rua como lugar para viver.

Gaúcho identifica a força repressiva da polícia e resiste a ela, questionando-a.

Novamente aparece a referência à cachaça. Com efeito, inclui-se numa categoria de pessoas (os de rua).

E: Você tem família, gaúcho?

G: Tenho no sul.

E: Hum, hum.

G: A véia está viva, o véio morreu... Eu vim prá cá em 90, o véio morreu em 84... eu vim pra cá em 90... 12 anos aqui. 12 aninhos... Não!... mentira, 13! Porque nós estamos em...

Parece que há uma relação entre a morte do pai e a mudança para São Paulo.

Tem origem. Tem família. Tem noção de tempo. Tem passado, mas, sem destino, vive na rua. Tem futuro?

Sua história está circunstanciada no tempo e no espaço.

C: 12 anos.

T: 12 anos.

G: Não, 13!

T: 13 anos.

G: Porque nós estamos em 93?

C: É.

G: 13 anos. Já fez 13 anos, 13...

...

E: Como é que você faz para comer, Gaúcho?

G: Cof! A gente ganha, né? (perguntando para os outros)... a gente na, na, na... num restaurante aí. O cara já leva uma, um balde lá e a gente só... “toma, agora pode ir buscar, ó”. Aí um vai, eu vou, o outro vai. Quando eu não posso, o outro vai... Aí ele dá um balde por 2 reais e a gente divide e come.

E: Hum, hum.

Embora a pergunta tenha sido feita no singular, responde-a no plural. Reconhece-se como parte de um grupo.

Inicia dizendo que ganha a comida, porém paga por ela.

Utiliza o discurso direto.

Dividem o que ganham e também as tarefas.

G: A gente reparte, né? Cada um XXX recebe um pouquinho... E vai levando, vai levando a vida. Quando aparecer um fazendeiro que leve a gente pra trabalhar, que fale "Ó, tenho um serviço lá pra você, lá prá lá, tanto por dia"; nem que seja um pouquinho, mas tá bom, né?

E: Hum, hum.

Continua falando em nome de todos. Tem esperança que alguém leve a todos para trabalhar (em um serviço que não exija qualificação). E que as regras/condições sejam ditas.

C: Toma pra você Eduardo (o Carioca me deu um adesivo de uma rádio).

E: Obrigado!

Gaúcho fala na esperança de que alguém os ajude e o carioca "dá" um presente ao entrevistador.

G: E agora essas, essas... políticas aí, isso... não resolve nada.

Mostra que conhece as políticas públicas e sabe que não resolvem os problemas deles.

Novamente, o circunstanciamento.

E: Como é que você faz pra tomar banho, se limpar?

G: Hein? Tem as comunidades... não tem? Não é isso aí, as comunidades? (perguntou para os outros)

Todos: As comunidades...

Para falar sobre as comunidades de auxílio, pede ajuda dos outros. O corpo, se cuida com a ajuda de terceiros.

Novamente aparece o circunstanciamento, a "localização" (além do tempo, e do espaço, dos recursos e fontes de atenção social).

G: É... dos padres, né? Eles dão uma força, né, pro pessoal de rua, assim. Se quiser lavar uma roupa, quiser... um banho, tudo... se quiser um aparelho pra tirar a barba...

Os padres dão força para o pessoal de rua. Será que não se inclui?

E: Ah, eles dão o aparelho?

G: Dão; aquele pequenininho.

E: Sei.

G: Aqueles troço, né? Aqui na X é na sexta-feira, né? (pergunta para o Carioca)

C: Sexta-feira.

Parece que não sabe mesmo muita coisa sobre as comunidades. Ele já havia dito, no início, que não gostava de ficar nos albergues (lugar para onde os policiais os mandavam).

O que recebe nesse lugar não é muito bom. Não resolve o seu problema...

G: É um banho e almoço. Em outros lugares é a semana inteira. Em outros lugar... também é a semana inteira, ... e.... é que uns dão uma força num... num...pra dormir e outros dão uma força pra comer e outros... (é interrompido)

C: Um café com leite, na X, aqui na Alameda Santos.

G: Aí outro dá uma força numa calça, numa camisa....

...

Apesar da existência das comunidades, há outras pessoas e outros lugares que lhes prestam solidariedade.

E: Conta pra mim como é um dia de vida seu; desde que você acorda.

G: Na rua? Encontra os amigos, a gente vai, né, tomar uma pinguinha, conversar, rir, cantar... hehehe...Botar uma batucada de fora ae...hehehe...é, é, é.

Novamente situa a pergunta.

Descreve um dia de vida com a mesma sequência de sua ida para a rua: encontrar amigos, tomar cachaça...

C: Contar uma piada, tal.

G: Aí, eu posso falar aí? (se dirigindo ao Carioca)... Em artigo, posso falar em futebol...em serviço...e é o dia inteiro assim.

...

Reivindica a entrevista e não permite a intromissão do colega.

Todos: A gente começa a lembrar o passado também...

Quando falava sobre as atividades em conjunto, deixou de fora a memória do passado. Todavia, esta apareceu na fala de todos, ao mesmo tempo.

A história e o passado são o que têm.

Mário: Às vezes a gente compra uma cachacinha, que é pra...né?

G: Pra animar, né?

A cachaça serve para animar. Tem função...

Mário: Pra animar um pouquinho. Às vezes, tem certos PMs que chega aí... querer quebrar a pinga da gente. “Ô, que é isso?” Nós pagamo a pinga.

Mário reclama da atitude violenta dos policiais, porém sabe como se defender. Têm direito porque pagaram por ela. Está pressuposto que o direito às coisas vem com a compra.

G: Nós não pode ficar aqui, nós não pode ficar ali. Aí a gente fala: “Mas a rua não é pública?”. “É, mas...mas...dá um role... aí depois você volta. Dá uma volta! Vai lá pra baixo, na praça!”; aí chega lá, outros caras: “Aqui não pode ficar, vai lá pra cima.”. Aí: “Aqui não pode ficar também, vai mais pra lá!” hehe (todos riem) É assim que...é ou não é? (perguntando para os outros colegas)

P: Fica aquele vai e vem, sabe?

G: Eu vou tomar uma água ali.

Novamente reclama que os policiais não permitem que fiquem ali, nem em lugar algum (talvez nos albergues), mas têm o saber de como reivindicarem o lugar público. Conhecem e reconhecem o direito ao espaço público.

Carioca

06/02/03 – Parque Trianon

Logo que Gaúcho saiu, Carioca aproximou-se de mim, postou-se de cócoras à minha frente e mostrou-me seus documentos; como a CNH e o RG. Sugeriu que se sentasse no banco, mas recusou dizendo que estava bem daquele jeito.

Logo de início, mostra ao entrevistador que possui documentos – não é indigente. Mostra que possui habilidade e licença para dirigir. É do grupo dos que têm uma história; um passado e um presente.

Antes mesmo que eu pedisse, começou a falar.

Supôs que o entrevistador faria a mesma pergunta que havia feito ao outro que o antecedeu. Com esse gesto, fala que estava ouvindo a entrevista anterior.

C: Então, Eduardo, a minha história é o seguinte: eu já trabalhei na INFRAERO (no Aeroporto Internacional de Cumbica), eu fiz curso 6 meses de inglês, 6 meses de casteliano, entendeu? Eu tenho 2º grau; eu sou motorista, entendeu? Eu fiquei desempregado, eu casei em 86 (1986), tenho uma filha de 13 anos, T. C. D. e M. Só que o C., o D. e a M. estão em um colégio interno, que a minha esposa largou de mim. Por quê? Por causa que eu comecei a beber. Aí ela falou assim: “Olha, ou você para com a bebida ou eu vou te largar!”. Aí ela limpou tudo o que tinha na minha casa. E meu pai, sendo militar do exército, meu pai apaziguou: “Não, não, não, vamos...”; só que tem um porém: é a mesma coisa que estar eu e o G. aqui, o T. e o P. Vamos supor: o G. não quer papo comigo, então ele dorme no quarto dele e eu durmo no meu quarto. Ela fazia isso. Nós morávamos no qua... na casa do meu pai.

A história de vida começa a ser contada pelo lugar onde trabalhou – lugar importante: Aeroporto Internacional de Cumbica. Pressupõe qualificação profissional. Possui conhecimentos: estudou. Nomeia-se como motorista (já havia mostrado a CNH).

Apresenta sua bagagem: emprego importante, a família e a expulsão pela bebida.

G: Eles dormiam separad...

Conhecem a vida uns dos outros. Dividem ou “trocam” suas histórias.

C: Dormia... separados. Então, você vê, eu, é lógico, o homem tem um... um ponto fraco. A carne é fraca. É lógico, eu chegava nela e ia querer dar um beijo... chegava lá e fazia um socorro mecânico... que eu sou mecânico, também. Eu fiz SENAI! Aí na Rua Oratório. Mavan Dias Figueiredo – laboratório. Aí, chegou lá... eu chegava lá: “O, meu amor... tudo bem?...tal... ó, tem 50 reais aqui”, aí ela ia lá e comprava maionese, óleo... é... manteiga, pão, mistura, você tá entendendo?

E: To...

Apesar da restrição da esposa, tentava se aproximar. Conta a estratégia que utilizava para a aproximação. Utiliza o discurso direto. Possivelmente queria ser fiel ao jeito e às palavras que utilizava ao falar com a esposa: “meu amor”, “tudo

bem?”. Não bastando o jeito que falava, oferecia dinheiro pra ela comprar mantimentos. Preocupa-se em saber se o entrevistador entende o que diz. O entrevistador é incluído e o entendimento, esperado.

C: Então, o quê que acontece? ... Eu já conheço o Gaúcho há muitos anos... conheço o M., também; conheço o P. há uns oito anos, por aí... Você tá entendendo? Agora, quê que... quê que eu f... quê que eu fiz? Pra você ver: você me vê assim, ó, não parece que eu sou... cara de rua... só que, para você ver, eu extraí meus dentes, to precisando de uma prótese... você ta entendendo?

E: Hum, hum.

A família o expulsou, mas familiarizou-se na rua. Conversam, conhecem-se, sabem-se.

Reconhece que há algo nele que o diferencia dos outros “caras de rua”, no entanto identifica-se com eles pela necessidade.

Rua é castigo não merecido. É carência (extraí dentes, falta prótese).

C: Vou fazer uma prótese... entendeu? Eu não tenho dinheiro para comprar um aparelho de barbear... Aí ó; ganhei roupa (da comunidade, ó), que nem o G. falou, ó; comunidade. Aqui, ó, Eduardo, ó, da comunidade, ó, {mostrou um saco com roupas}... calça, aí tá no... tá limpinha, ó... ó lá, meia, ó... Você ta entendendo? Então, agora...

Não tem dinheiro. Cuida da aparência com o que ganha da ‘comunidade’.

O que ganha é bom, porém não é suficiente para satisfazer suas exigências e necessidades.

G: Toma um banho...

C: É... vou tomar um banho, depois eu lavo a outra... lavo essa e pronto. Agora, ontem o quê que eu fiz, Eduardo: ontem, sabe o que eu fiz? ...tava um pessoal aqui, meus amigos aí, o G. o M. o pessoal, o T, o ... Diego de la Veiga, o E., tava o J., tava o F...

G: O H...

O grupo.

A diferença.

C: É! Tava um monte de gente. Aí o quê que aconteceu? Eu cheguei no motorista e eu menti pra ele. Eu falei: “ Motorista, eu tô com o meu carro quebrado; daria pra você me largar lá no... largo de Pinheiros?” Aí ele falou pra mim assim: “ Sério, cara?” Aí eu cheguei lá, sabe pra onde eu fui, Eduardo, pra me divertir? Fui no forró do Escala; lá na... em Pinheiros!

E: Hum, hum.

Utiliza bastante o discurso direto. Marca de fidedignidade.

Apresenta uma estratégia que utilizou para conseguir o que queria: mentiu para o motorista do ônibus. Ele não parece alguém que mora na rua...

C: Cheguei lá, no Forró do Escala, ... cheguei lá... num rapaz ... {os outros conversavam em voz um pouco mais alta}... aí chegou lá... o quê que aconteceu?

Chegou lá, o segurança falou: “A entrada é 5 reais!” eu falei assim, ó: “Com todo o respeito e educação, eu não tenho!” Entendeu?

E: Hum, hum.

C: “Eu, eu queria me divertir, ó, eu to com a minha sacolinha aqui, ó...” . Aí eu tive que arrumar tênis pro F. entrar junto comigo. {G. perguntava algo em voz bem alta ao P.}

Mudou a estratégia: falou, agora, a verdade. A frase “com todo o respeito e educação...” é utilizada em várias situações. Carioca parece que construiu um saber que define o tipo de estratégia que utiliza em cada situação específica. Não tem dinheiro (nem carro), mas tem aparência, educação e respeito.

Quer comer, beber e se divertir. Tudo o que qualquer cidadão pode querer.

E: E ele deixou entrar?

C: Aí, ele deixou entrar. Ele falou: “Olha, como você foi educado, vai rapidinho.” Aí ele me revistou e eu entrei pra dentro do forró. Cheguei na mesa, eu tava louco pra tomar uma cerveja. Sem um puto no bolso... aí eu falei: “Ai, meu Deus, não comi nada, nada, nada, n... aí eu saí... aí a mulher me deu um carimbo aqui no braço.

E: Hum, hum.

Sua demonstração de educação garantiu-lhe o ingresso.

Evocou Deus e a sua condição de fome para conseguir comer e beber. Novamente discrimina a situação e a pessoa e utiliza uma estratégia diferente.

C: Ela carimbou, eu saí... Aí chegou lá dentro eu tomei cerveja, tomei whisky, entendeu? Aí chegou lá uma ... uma mulher chegou do meu lado e falou pra mim assim: “Como é o seu nome?”, falei: “O meu nome é V., mas todo mundo me conhece como Carioca, né?” ... “Olha, com todo o respeito e educação... não dá pra você me arrumar um cigarro?”. Ela falou assim: “Não... eu vou te dar o dinheiro e você vai lá no bar e compra o cigarro”. “Compre um maço pra você também!”.

E: Hum, hum.

Curioso o jeito como fala do dentro e fora: saiu e chegou lá dentro.

A mulher confiou o dinheiro a ele. Ela pressupôs que ele é honesto.

Do taxista à moça, ganha confiança por sua aparência: “...você me vê assim, ó, não parece que sou... cara de rua...”.

C: Uma senhora muito... muito bem educada... educadíssima! Aí eu cheguei lá, truxe o... troco pra ela, devolvi. Ela falou assim: “Agora, senta nessa mesa aí e vamos tomar uma cerveja!”. Aí ficou eu, meu amigo F., ficou um outro rapaz... que eu ainda coloquei num ônibus, entendeu? ... Agora, tem um porém, Eduardo: você vê, eu voto todo ano, eu tenho título de eleitor, eu tenho habilitação, tenho estudos... cof... to desempregado, fui na Câmara Municipal, ajudei os eleitores aí... entendeu?

Diz ao entrevistador que é HONESTO. O entrevistador é sempre incluído, pelo nome, inclusive...

Cuida dos amigos. Ele consegue coisas e reparte com eles.

Não considera justo ser cidadão (possui documentos), possuir estudos, ajudar os outros, mas estar desempregado. Cuida mas não é cuidado.

Agora, não é justo, né, a gente que mora na rua, Eduardo... vamos supor, que nem você, você... vamos supor... tá eu, o G., o M e o P. aqui. Sabe o que é você chegar, M., ops, Eduardo,... você chegar... você chegar pro G. e falar assim: "G., aqui ó, tá aqui ó, a toalha, o sabonete, shampoo...", entendeu? Toma um banho lá. Aí ele faz a barba, ele se... ele tá dentro de um estabelecimento que é seu! Você chega na sua casa, você deita num travesseiro... sabe como que nós dorme aqui, Eduardo? Eu durmo num papelão, cara!

Comete um ato falho e chama o entrevistador pelo nome de um dos que estavam lá (na rua).

Ele e o entrevistador são iguais no tocante aos estudos e à educação, mas logo marca a diferença: ambos têm estudo e educação, porém o entrevistador tem casa, tem cama e ele não. Dois cidadãos com destinos tão diferentes...

G: Nós! Todo mundo!

C: Todo mundo... durmo num papelão. Sendo que eu tenho família...

G: Tapete de carro.

Fala que passa por dificuldades, por privações e logo é reivindicada pelo Gaúcho a identificação com a situação. Não é uma condição particular, mas grupal. O entrevistado reconhece o caráter grupal, mas volta para o particular: "Todo mundo...- (eu) durmo num papelão..."

C: Entendeu? Eu tenho família! Só que tem um porém, Eduardo: Sabe por que eu não volto pra minha família? Pelo seguinte: ... porque é o seguinte: o meu pai falou: "a sua esposa te largou, nós tivemos que internar 3 filhos; a minha filha de 13 anos chama T., ela fica com meu pai. Acabei de falar agora. Você viu aquele rapazinho que estava aqui, que saiu?"

E: Sei.

Carioca se vê com todas as categorias civis e de cidadania de seu interlocutor. Pode falar a "língua" dele devido à sua origem e à sua identidade. No entanto, não pode voltar para a família por conta de algo que fez e porque não tem emprego...

C: Então, ele... ele cresceu junto comigo, em casa. Você viu, né, M.?

Mário: V...

É apresentada mais uma pessoa que foi criada pela família dele e que foi para a rua.

C: Que tava aqui, o R. Ele tá no Arsenal. Ele tá no Arsenal da Esperança, lá. Eu já fiquei lá também. Só que tem um XXX aí, cara, o Eduardo: é... tem uma coisa que eu, que, eu... o que me magoa, sabe o quê que é? É que você chega, vamos supor, você é uma pessoa super educadíssima, estudada... Que nem o G. chegou em você: "Senhor, arruma um cafezinho pra nós?" Você é... nos ajudou... só que tem um porém: você chega aqui no restaurante, tem vez que o cara te tira! O cara chega e fala assim: "Sai daqui, vagabundo, senão eu vou chamar a polícia!" Aí

você tem que levar uma vasilhinha, o cara pega aquele resto de comida de bacana, põe pra você comer.

E: Hum, hum.

C: Entendeu?

E: Entendi.

Seus recursos (aparência e educação) nem sempre lhe fornecem o que o dinheiro fornece aos que não são da rua.

O reconhecimento dos outros é irregular: alguns o incluem; outros o excluem e o devolvem à rua, isto é, à sua condição de rua.

C: Então, eu já não agüento mais essa vida! Sabe, Eduardo, eu não agüento mais... Tô falando pra você c... com todo o respeito. Ó, eu já tô rouco vai fazer 3 meses... rouco... não consigo falar direito... Aqui, ó {mostrou o antebraço}, todo queimado, ó.

Não agüenta mais. O corpo já está marcado pela condição. Sua aparência está sendo modificada.

E: O que foi isso?

C: Isso aqui foi... um radiador de um caminhão. Sei que furou o radiador... sabe aquela serpentina que tem no radiador?

E: Sei.

C: Estourou tudo! Aí voou pra todo lado. Só não queimei o rosto porque, graças a Deus...

Referência a Deus. Não se machucou mais porque Deus cuidou dele; o salvou.

G: Tirou fora?

C: É... eu tirei fora assim, mas fez assim: PUSSSSS, aí pegou aqui e eu comecei a gritar. Aí a mulher chegou, pegou manteiga e passou no meu braço. Então, aí eu fui pra Santa Casa, inclusive o G. sabe, tem uma senhora aqui que chama Dona L. - é uma loira, né?

Seu grito de dor despertou solidariedade, cuidado, remédio.

G: É...

C: Ela pegou a minha receita – eu fui pra Santa Casa – você viu, ó, quer ver aqui, o Eduardo, ó, pra você aqui, ó... {mostrou uma receita médica} ó as comunidade, que nem o G. falou.

G: Tem um monte aí...

C: Ó as comunidade aqui, ó. Quer ver, ó... quer ver, ó... tá marcado aqui, ó: sarampo e rubéola. 30 do 1 de 2003. Rua Dr. Pena Forte... Mendes... lá no Pena Forte, ó.

E: Hum, hum.

C: Entendeu, ó lá? Ca... caderneta de vacinação. Eles falaram: “Ó, Vicente, toma a vacina.”, e eu falei: “Tudo bem”. Entendeu?

E: Hum, hum.

Há um cuidado com a saúde, com o corpo.

Corpo que fica exposto por sua condição de morador de rua: recebe ataques e cuidados.

C: Aí, então, eu já não agüento mais, Eduardo. Tô falando pra você de todo o meu coração. Eu tô com 38 anos, vou fazer 39 agora, em abril... É triste, Eduardo... Sabe o quê que é triste? Sabe o que é você, vamos supor, você... você é uma pessoa humilde, eu quero que Deus te dê em dobro o que você está fazendo pra mim, pro G., pro M., pro P... É triste você estar... na rua e você chegar e olhar assim, ó, ... não é não, G.?... dentro de uma lanchonete você vê uma esfiha, querendo comer uma esfiha, tomar um refrigerante... você não ter... dinheiro!! E você chegar, que nem ontem tinha 6 metros de areia lá, não foi M.?, ali...

O coração comprova a verdade. E a necessidade. E a vontade de ter o que os outros (incluindo o entrevistador, seu pai e sua filha, talvez) têm.

Identifica o entrevistador como uma pessoa humilde e diz que este está fazendo algo para ele(s). Utiliza o discurso religioso para oferecer algo em troca. ("Quem dá aos pobres, empresta a Deus") . Deseja que o entrevistador seja recompensado.

Querer e não poder ter é triste!

Mário: Eu fui...

C: Ele foi lá... 6 metros de areia. Eu falei: "Senhor, o senhor dá qualquer coisinha pra gente que eu... eu... ponho essa areia pra dentro, eu, o M. e o P. aqui. E o G. ainda falou assim: "Aí, vai lá, ganha dinheiro, ganha dinh...". Chovendo... agora, pra você ver, a gente assim, porque... lava um dia... põe pra secar... aí chega, fica desgostoso. Aí você começa a pensar na mulher, nos filhos, na família, no pai, na mãe... eu ligo pra minha mãe, Eduardo, eu chego a chorar. Tô falando pra você de coração; chego a chorar! Sabe por quê? De saber que minha mãe... tem um feijãozinho, um arroz... Você tá entendendo?

E: Hum, hum.

Organizam-se para qualquer possibilidade de trabalho.

Fica desgostoso quando se dá conta que poderia estar em casa, sob a provisão da mãe. A mãe tem comida...

C: Uma mistura... Meu, que nem pai é militar do Exército, só que meu pai falou: "Ó, eu já estou tomando conta da... T... Eu falei: "Não, pai; eu to fazendo um biquinho aqui". "Você tá aonde?" "Eu to aqui em São Paulo, na Av Paulista"... Então, eu... eu fico chateado por isso. Não por...cof... por cachaça, por mulher, por amigo, por ninguém... eu fico chat... chateado porque você chega em qualquer lugar aí: "O, senhor, ó...", que nem o G., o G. Ajuda o B. aqui a empurrar a carrinho numa ladeira lá que... numa ladeira tremenda ali, ó. Que qualquer um aí num faz isso. É pesado.

...mas o pai impede que receba essa provisão, pois cobra dele trabalho. Resiste às cobranças do pai dando uma resposta ambígua. Responde que está na Avenida Paulista (símbolo de trabalho em S.P.), mas não diz o que faz. Não mente, mas não conta a verdade.

G: Caixa p...

C: Caixa pesada. O G. ajuda. Pra ganhar o quê? 2 reais, 3 reais.

G: Não dá pra nada, né?

C: Não dá pra nada. Aí, que, que, que nem... o quê que faz? Compra um litro de cachaça. Vamos beber... Entendeu?

E: Entendi.

São capazes de fazer coisas que outros não fazem.

Trabalham duramente, mas o dinheiro que ganham não é suficiente, então, bebem. Se o dinheiro que ganham não é suficiente para comprar outras coisas, compram cachaça.

Contam com o entendimento do entrevistador. A lógica não é estranhada...

C: Então, eu... pra você ver... que nem você é da USP, é uma pessoa muito culta, você deve conhecer o pessoal lá da USP, lá, que... era do movimento sem terra... Então, eu fui lá já, naquela... na USP, ali... eu fui lá na... na... ACADEPOL, na Polícia Civil, lá. Antes da USP.

E: Sei.

Localiza-se. Emparelha-se com o entrevistador. Mostra que sabe o que fala o entrevistador e ele próprio. Dá, inclusive, provas disso.

C: Então, eu fui fazer curso lá, entendeu? Eu fui lá fazer curso... Inclusive era pra mim ser polícia civil; eu que não quis, porque eu tinha que pagar pau de 7.500 reais pra dar pro delegado. Porque lá é o seguinte, Eduardo:

Não quis ser policial porque tinha que pagar para isso.

Vai ensinar ao entrevistador (que é culto) como funciona a propina na polícia civil.

G: Tem que pagar?

Esta história é inédita...

C: Tem que pagar! Lá é o seguinte: como meu pai é militar do exército, tinha uma peixada com um deputado, L. Jr., Então, chegou lá, eu passei no exame escrito, aí eu tive que colocar, minha mãe teve que ir na Vila Romana, você conhece a Vila Romana, onde vende blazer, terno...?

O pai é militar do exército e tem influências políticas. Apesar das influências do pai, precisou fazer o exame escrito e passou. Por influência do pai ou pelo saber próprio??

Vestiu-se com roupa 'social'. A mãe proveu a roupa!

Conhece um lugar onde vende roupa de 'bacana'. Já usou roupa de bacana e pergunta ao entrevistador se também conhece.

E: Conheço...

Falam a mesma "língua" e conhecem o mesmo mundo...

C: Aí eu fui na Vila Romana, Eduardo, comprei blazer, gravata, terno, sapato de luxo, fiz a barba, tirei bigode, tirei tudo... Chegou lá, o delegado falou pra mim assim: "Olha, o V., faz favor...agora vai ser o exame...oral... só que, pra mim quebrar o galho, são SETE MIL E QUINHENTOS REAIS..." {falou com entonação de suspense}

{ G. se espantou }

Cuidou da aparência. Sabe como se apresentar para conseguir coisas. Tirou “tudo”: talvez qualquer sinal de falta de cuidado...

O delegado foi respeitoso com ele; por causa da forma (aparência) como se apresentou?

O favor (quebra galho) do delegado custava caro! Revelou que Polícia = corrupção

C: “Só que tem um porém: eu não quero você como agente policial (porque agente policial é motorista), eu quero você como tira, investigador de polícia...do DENARC”. DENARC é... quer dizer narcóticos, entendeu? E DAS quer dizer...é...Departamento... de...é... Delegacia de Anti-sequestro. Aí ele queria eu no DENARC, só que eu tinha que dar 7.500, aí meu pai falou pra ele... e eu não tinha não... aí meu pai falou pra ele: “Ó, eu te dou 3, depois te dou mais três e meio”...quando eu receber. Ele falou: “Não dá porque tem muita gente na frente”.

Sabe com quem fala, conhece as instituições sociais; sabe onde pisa...

Novamente, suas armas não foram suficientes.

E, mais uma vez, a ajuda não foi suficiente... Outros possuíam ajuda completa.

G: Ele quer na hora!

C: Mas, os filhinhos de papai, o quê que aconteceu? Se você é filhinho de papai, seu pai banca pra você...

G: Na hora!

C: ...os 7.500, você entra! Você já é tira! Você vai mo...meter a carteira na cart...na cara deles, já era. É POLÍCIA civil! Entendeu?

E: Hum, hum.

Ele não é “filhinho do papai”. O pai dele tinha a peixada, mas não o bancou. Teve a possibilidade de ser policial, de ser importante, mas, por não ser filho do papai, não pôde vir a ser.

“Meter a carteira” para mostrar quem é. Como fez quando chegou para a entrevista. Ser policial é ser diferente. Ter documentos e habilitação para dirigir pode marcar diferença em relação aos outros mendigos. E o entrevistador entende a lógica da propina...

C: Só que aí...aí comecei a ficar desgostoso. Aí comecei a beber, beber, beber, beber, beber, beber e o que aconteceu? Perdi minha esposa...só não perdi meus filhos...mas todo mês eu vou visitá-los. É num colégio lá em Santa Terezinha, em Carapicuíba, ali, depois de Carapicuíba...

E: Sei.

O desgosto por não poder “banicar” até o fim o jogo das instituições sociais, o desgosta e expõe suas carências, as quais o expõe aos reveses da rua.

C: Então vai minha mãe, minha mãe é... trabalha na creche... meu pai é militar do Exército. Então, o que acontece? Eu to...aqui...Eduardo...é mesma coisa você tá arrancado o coração de quem não tem... você tá entendendo?

E: Hum, hum.

Apresenta as profissões dos pais. A mãe cuida dos filhos dos outros, o pai cuida de soldados e ele está na rua – não é cuidado. Fala da dor que sente pela condição desprovida, uma vez que tem origem, família, pai e mãe.

C: Eu olho pra você, eu falo assim: “Poxa, que Deus te abençoe!”. Eu olho pro G.: “Porra, o G. tá forte...e não tem um emprego”. Olho pro P., ó o P., ó; tá bem vestidinho, mas tá aí, ó... Entendeu?

G: Não tem serviço pra ele, não tem nada...

C: Não tem nada! Agora tem fazer o quê? Tem que ficar aqui, no banco da praça... entendeu? Sendo humilhados no...

São parecidos com o pesquisador: são fortes e bem vestidos, mas não têm emprego. Questiona a desigualdade: têm condições para trabalhar (como o pesquisador), mas não têm emprego e ficam na rua.

Humilhação...

G: Duro é a humilhação...

C: Assaltado. Então, e não agüento mais essa vida!

Gaúcho também se sente humilhado.

Que vida! Não têm e ainda são assaltados.

G: Fome...fome a gente não passa porque ganha uma comidinh...

C: Por isso, Eduardo, eu falo pra você, sinceramente não agüento, cara. Pra você ver, ó... eu tenho um coração bom. Se eu tivesse... você pod... eu vou te deixar até um telefone. Se eu tivesse dinheiro... ele não tava aqui, ele não tava aqui, nem ele, ninguém daí da rua. Eu ia chegar e ia falar: “Ó, eu vou pagar uma pensão pra você durante 3 meses. G. tá aqui, ó; tá pago durante 3 meses. Tem aqui, ó, 300 reais pra você!”. “M., tá aqui também”. Entendeu? Só que tem um porém: Saiu o G. tinha com 300 conto, ele tinha que... fazer o quê? Ele tem que se levantar, porque você tá dando uma força. Só que aqui ninguém dá força pra ninguém. Se você ganha 1 real, você vai ali, o cachorro quente é 1,50. O cara põe só um pedaço de pão, uma salsicha...um pouco de catchup e mostarda. Agora, aqui não; a gente tem que esperar até três e meia, quatro horas...pra ir no restaurante e hoje já não tem mais... porque hoje é sábado, amanhã é domingo e hoje não tem mais comida...

G: Segunda-feira só...

Ele é solidário- tem um bom coração. Quem tem bom coração, é solidário.

Sinaliza a forma de ajuda que imagina ser suficiente para tirá-lo daquela condição.

C: Hoje, só segunda-feira. Aí, você vai no restaurante... entendeu? Aí, tem que comer um lanche. Agora, eu falo pra você o seguinte: entendeu, eu quero só que... que Deus ilumine nós aqui, porque eu tenho família e minha família é muito boa. Entendeu, o...Eduardo? Minha família é muito boa. Eu... eu tenho a minha família, eu quero só que Deus me abençoe. Você viu, ó, eu tô doente. Você vê; nada melhor, Eduardo, que você chegar, você vai pra sua casa, você chega lá... “O, G., faz um chá pra aí mim?”...entendeu? Ele é seu amigo, ele é meu amigo

também. Entendeu? Nós dorme lado a lado, assim, Eduardo. Sabe o que é...você... que nem agora, você tem um amizade com a gente, se um dia você tiver aí... aí, pela calçada aí, falo: “Ó, G., ó o rapaz que fez entrevista com nós!” “Não, deita aqui!”. Nós vamos te olhar. Que eles ficam acordados e eu também... que nem a gente olha as mulher, não é não, G.? Ali ó. A mulher dorme, nós fica lá acordado olhando as mulher. Só que tem um porém: Nada melhor do que você ter um lar...pra você chegar, Eduardo, tomar seu banho, fazer a sua barba, trocar de roupa...

Fala novamente da família e diz que ela é boa, todavia espera que a ajuda venha de Deus.

O entrevistador tornou-se amigo dele e, se acontecer com ele o que aconteceu com eles, poderão ajudar. Mais do que nunca, faz parte do grupo, está incluído.

G: Não adianta nada você ter casa e não ter emprego, então é... a mesma...mesma...

C: Mesma coisa! Porque, se você tem uma casa, se você tem uma mulher, tem uma família...é que nem ele tem... o G. estava falando: a mulher vai te cobrar. “Pô, você só fica dentro de casa, não sai, não faz nada?” Então é melhor você... estar sozinho.

E: Hum, hum.

C: Antes sozinho do que mal acompanhado. Abre o armário, não tem um pouco de feijão, abre a geladeira...

G: Não tem nada.

Mulher = cobrança.

Acha melhor ficar sozinho do que ser cobrado. Quem cobra é uma má companhia.

C: Eduardo, ontem...ontem era três e meia da manhã, eu louco pra tomar um...eu louco pra tomar... MINTO! Eu louco pra fumar um cigarro. Aí eu vim lá do Escala, de Pinheiros; cheguei lá, falei: “Meus Deus!”. Aí cheguei lá num policial, numa Blazer, naquela Blazona mesmo, 4.3 V6, os caras da ROTA. Cheguei e falei: “Senhor, o senhor t...”olhei pra ele assim, na patente dele, aqui, e estava marcado Tenente R. Falei: “Seu Tenente R., com todo o respeito e educação... eu sou pessoa...que eu estou...agora desempregado, o senhor não poderia me arrumar um cigarro?”. Ele falou: “O, garotão, chega aí”... me deu 4 cigarros. Agora, se eu passo assustado, com a cabeça abaixada... não, eu gosto de andar com a cabeça erguida! Entendeu?

E: Hum, hum.

la dizer que queria “tomar” algo, mas mudou para fumar. Tomar cachaça?

MENTIRA/VERDADE

Conhece a aparelhagem policial. E as suas estratégias funcionam até com a polícia.

Diz ao policial que seu desemprego é temporário. Utiliza o jogo imaginário das expectativas (do policial e dele) na construção da estratégia.

C: Andar com a cabeça erguida, olhar pra você, olhar pro G., olhar pro M., olhar pro P., olhar para as mulheres, aí, bonita – que aqui tem muita mulher bonita-

(Risadas de todos)

Andar com a cabeça erguida, apesar da condição.
Olha para as mulheres bonitas: as deseja.

*C: Porque eu falo a verdade. Eu falo a verdade. A verdade, Eduardo.
VERDADE/MENTIRA.*

G: Paquerador... hehehe

C: Não, eu falo a verdade, eu falo a verdade, é...mas é verdade, eu gosto de andar com a cabeça erguida. Porque aí, você olha assim...

G: Aqui é a capital!

C: É...a...a mulher chega, fala: “Senhorita, com todo o respeito, ó, me desculpe, me perdoe...”, entendeu?, “você pode me arrumar um cigarro ou 50 centavos pra mim comprar um cigarro solto?”

G: É um melzinho! hehe

As estratégias também servem para paquerar...

C: Tem vezes que as mulher me dão um passe, dão 50 centavos, um real... ajuda. Só que tem um porém: tá difícil, Eduardo. Então, eu quero que Deus te abençoe, você e o pessoal da USP, que está agora me escutando, entendeu, seus professores, lá, entendeu, e... e o que você puder fazer pra nos ajudar, aqui, eu queria que você nos ajudasse; não, assim, em material, em verba, que chama-se dinheiro, entendeu, dólar, money, como diz o inglês... ajudar assim... um serviço, um..... uns.. estudo, um curso, porque eu tenho curso de barman, eu tenho um curso de mecânico, tenho curso... sou motorista de carreteiro, motorista de caminhoneiro, eu sou taxista, eu sou eletricitista, mecânico de autos, e eu estou desempregado. O que eu fiz nesses últimos dias? Estava olhando faixa de deputado, agora na eleição. O quê que eu ganhei? N A D A... Ganhei uns troquinhos... 10 reais por dia. Fiquei trabalhando 7 dias, ganhei 70. Dormi 3 dias num hotel. Cada dia no hotel, 15 reais.

O jogo de expectativas fica mais explícito.

Sabe que está falando não apenas para o pesquisador, mas para o pessoal da USP. Não espera sigilo, espera divulgação.

Conta para a “USP” o que sabe fazer. Quem o ouvir, dar-lhe-á um emprego.

G: Tem que pagar diária? É diária?

C: É diária. 15 dias..15 reais; fiquei 3 dias. 45, sobrou 35. Tive que pagar a lanchonete, que eu estava comendo marmitex, então não sobrou nada. Agora eu estou aqui, a Deus dará, esperando... porque Deus fala assim: “Faz a tua parte, que eu ajudarei”. Só que a gente está fazendo a nossa parte, mas... se ele não pode ajudar, {se está}tá ruim...

Espera de Deus. Faz a parte dele e espera que Deus faça o que promete... A situação está ruim para Deus também?

E: V., conta pra mim como é um dia de vida teu, desde a hora que você acorda.

C: Olha, Eduardo, eu vou falar pra você, ó, um dia de vida meu, quando eu acordo... a única coisa que eu faço é rezar um Pai-nosso, porque eu sou católico, entendeu?

E: Hum, hum.

Aqui está a parte dele, na relação com Deus: reza, é católico. Sua identidade religiosa.

C: Eu rezo um Pai-nosso, faço o nome da cruz, entendeu... e peço pra Deus me proteger e peço pra Deus dar muita saúde pra mim, porque é o seguinte: você estando aqui, na rua, Eduardo, entendeu, você tem ter o quê? Saúde, se alimentar..., mesmo que você beba, fuma, entendeu? Não usar droga! Droga não! Porque droga é vício de...de cara...que é otário! Entendeu?

E: Hum, hum.

A identidade religiosa gera-lhe um conflito: bebe e fuma e, talvez, não devesse. Porém, não usa drogas.

C: Entendeu? Você tem que pedir pra Deus te aj... te dar forças

G: Pra não usar drogas.

C: É... pra não usar drogas, pra você...

É preciso força para não consumir droga.

Mário: Só tomar uma 51... { todos falavam ao mesmo tempo – tema despertou inquietação }

G: A pinga é uma droga!

C: É... a pinga é uma droga, só que tem um porém:...

Há uma aproximação entre a pinga e as outras drogas, mas há uma diferença: Será o caráter legal que a diferencia?

Se a identidade religiosa pode estar em conflito, a de cidadão não.

G: Vai misturar tudo com a...

C: É... aí mistura tudo, aí vira tudo... Então, Eduardo, eu falo pra você, meu dia de vida eu só peço a Deus pra me dar saúde, prosperidade, paz, para os meus amigos aqui e, você sabe, que quem mora na rua, tem muito inimigo. Você tá dormindo e não sabe se o cara vai te jogar álcool para tacar fogo, dar uma paulada, dar uma facada... tá entendendo? Então, eu peço pra Deus todo dia: “Deus, me ajude”. Eu sei aqui... eu converso com essa árvore aí, ó; é a mesma coisa que eu tivesse conversando com Jesus. “Jesus, me ajude, me dê força”. Aí, eu saio aqui, Eduardo, chego ali na frente, ali: “O, senhor, com todo respeito e educação, me ajuda aí a comer um lanche”. Aí ele me dá um real, eu vou lá e como aquele pãozinho com uma salsicha e catchup e mostarda. Porque ele não põe purê de batata, nem maionese, nem milho... nem aquela batata palha. Então, a gente tem que se virar com pode, né? Só que eu queria... só um momentinho G.... eu queria que Deus te abençoasse – que nem agora, você está sendo muito gentil, educado, comigo, com o G, com o M., com o P., entendeu? Que Deus te...te desse...assim...muita...

Quem mora na rua tem muitos inimigos, é alvo potencial da violência.

Compra o sanduíche, mas não vem completo. Apesar de comprar, recebe a mercadoria faltando.

Pede ao Gaúcho para não ser interrompido. Mostra força para completar as idéias, mas aceita o sanduíche incompleto.

G: Força!

C: Força

G: Pra ele ajudar os outros.

C: Prá você puder chegar na USP, você chegar lá e levar essa energia, porque eu sou pobre, ele é pobre, ele é pobre, ele é pobre, você é pobre também, mas você é rico de...coração. Você é rico de energia, então, eu queria que Deus te desse aquela força para que você chegasse lá na USP, chegar lá nos professores, nos diretores – que eu conheço lá, lá é uma cidade, lá é uma cidade.

E: Hum, hum.

Expectativas...

C: Eu conheço a USP, lá. Eu só não estudei lá porque eu fui burro demais. Eu não aproveitei os meus estudos que eu tinha. Que eu queria que Deus fizesse uma força pra que você chegasse lá, desenvolvesse esse trabalho que você está fazendo aqui conosco, pra chegar lá e “Professor, é assim, assim, assim”, aí eles viessem aqui nos procurar e falar “Olha, você vai ter uma frente de trabalho, você vai ter isso, você vai ter uma cesta básica, você vai ter...um...uma pensão, você vai ter um alojamento”, não é não G., assim, pra ficar? Aí, você formar uma família. Você está entendendo? Então é só isso que eu falo, Eduardo.

Não estudou na USP porque não soube aproveitar o que tinha. Tem capacidade, mas não soube usá-la.

Imagina que não é ajudado porque as pessoas não sabem das suas dificuldades. Espera que, com o seu depoimento, com a revelação de sua condição de vida, as pessoas da USP os ajudem.

A ajuda que espera inclui trabalho, moradia e pensão. Trezentos reais?

Eu fico por aqui, que Deus te abençoe.

E: Obrigado.

Ele fica por lá. Na rua.

Dionízio

08/02/03 – Parque do Trianon

Dionízio estava no grupo com os outros três rapazes com quem conversei. Foi o 3º a dar entrevista. Ouviu, embora mais de longe, a maior parte das outras entrevistas.

Antes de começarmos, perguntei a ele se gostaria de fazer a entrevista e respondeu positivamente. Todavia, após ter respondido que o faria, Gaúcho o ‘orientou’ a sentar e participar. Como se o autorizasse/liberasse a fazê-lo. Disse: “Pode responder às perguntas dele.”

Parece que estava constituída uma certa relação de liderança naquele grupo. Como pôde ser visto nas entrevistas anteriores e também nesta, Gaúcho parecia ocupar um lugar de líder reconhecido pelos demais. Ele orientou e autorizou a participação de Dionízio nesta pesquisa.

Começou (antes mesmo que eu tivesse preparado o gravador ou dissesse algo) contando que o nome dele é grafado de uma certa forma, mas que ‘em um lugar qualquer aí’, a turma ‘teima em escrever’ de outro jeito e ele não sabe o porquê. Tem um nome! E é pela grafia correta que se define e se reconhece.

E: Tá bem J., gostaria que você contasse pra mim a sua história de vida.

D: A minha história de vida é o seguinte: eu...vivia em Januária, no Norte de Minas Gerais.

E: Hum, hum.

Sua primeira resposta diz sobre suas origens; mais do que o lugar de onde veio, diz onde vivia.

D: À beira do Rio São Francisco. O meu avô tinha uma fazendinha lá. A minha mãe casou com o meu pai e foi morar na fazenda que pertencia ao meu avô. E o meu avô..meu pai era lavrador, trabalhava em uma lavoura. Plantava cana, plantava milho, ...feijão.

E: Hum, hum.

Apresenta a história familiar. Uma história que tem início com o avô. Uma história de posses e trabalhos.

D: E os meus tios, irmãos do meu pai, ...se espalharam pelo Brasil a fora, aí. Uns foram pro Mato Grosso, outros foram para Goiás, outros foram para... tiveram no Paraná, alguns foram pro Paraná, outros se estabeleceram aqui em São Paulo... ... E estava a mil maravilhas lá em Minas, mas aí o meu avô faleceu e, aí, começou a aparecer, porque ele de... cof... ele teve 16 filhos!

E: Hum, hum.

Marcada por laços familiares e pela diáspora por todo o Brasil.

Dionízio achava maravilhosa aquela condição de vida. Porém, a morte do avô interrompe a normalidade e as maravilhas, e fez aparecer os outros (muitos) donos da fazenda, que viviam em outros lugares.

D: Bom, a fazenda era pequena; não comportava tudo isso, então, quando ele faleceu, chegou todo mundo. Aí, foi aquela briga pra...fazer o rolamento da fazenda, porque todos eram herdeiros. Aí, o quê que acontece? Acabaram vendendo essa fazenda lá (lá a terra não tem valor como aqui, entendeu?) Porque aqui, você compra um lote de terreno em um bairro qualquer aqui, no centro de São Paulo, na capital, ou até mesmo nessas cidadezinhas do interior por aqui, dá pra você comprar um sítio lá. ... Então eles foram lá, fizeram o rolamento, acabaram vendendo pra um outro fazendeiro lá, que é rico também, muito rico, criador de gado,... e dividiram, quer dizer: dividindo uma fazendinha pequena por 16 herdeiro, sobrou um pedacinho pra cada um. Eu não lembro, na época quanto foi, porque eu era criança, né? Aí, viemos pra São Paulo. Chegando aqui meu pai arrumou um emprego (ele, semi-analfabeto, criado na roça), foi trabalhar de ajudante geral, servidor braçal... Não é uma profissão que... pra tratar de 4 filhos... e uma moça que é minha irmã, que hoje é casada... e eu e meu irmão F., que é o meu irmão mais velho, a M. é a minha irmã, P., que é falecido, e F., que é aposentado... que é aposentado d... do banco Itaú. Ele trabalhou.. arrumou um emprego no banco Itaú. Na época, era auxiliar de expedição, que hoje é chamado de office-boy, né?

E: Hum, hum.

Sua história começa realmente no avô. A fazenda era suficiente para prover sustento para a sua família, mas não para 16. Ou seja, a morte do avô interrompe algo que fluía bem em sua vida e introduz alterações de empobrecimento.

Diz que o fazendeiro que comprou a fazenda era rico “também”. Este advérbio pressupõe que havia outro rico, que poderia ser seu pai ou avô, antes da divisão. Ele se insere numa história familiar.

Conta que o pai não conseguiu um bom emprego porque não tinha a qualificação necessária. Aqui está pressuposto que é preciso estudos para arrumar um trabalho que possa sustentar os filhos. E, mais uma vez está presente a questão do número de filhos e a conseqüente divisão da renda.

D: É o mesmo office-boy. Hoje, nem office-boy existe mais. Agora é moto-boy, porque eles andam de moto, né? Andam com moto; é mais rápido, né?... E ele aposentou... Eu não, eu entrei no...no...no...SENAI, fiz um curso de ajustagem mecânica, arrumei um emprego, na época, ganhando até mais ou menos, razoavelmente bem... eu, como ajustador mecânico. Depois, fui trabalhar em montagem industrial...estrutura metálica... fazer galpão, esses negócios, entendeu?...

Chega nos irmãos e nele. Fala aqui sobre as mudanças no nome da função do trabalho do irmão. Nisso, mostra que conhece os dispositivos institucionais e seus lugares. Conhece as nomeações, o discurso e as práticas das instituições. Está informado sobre transformações no mundo do trabalho. Tem um domínio do que corre “à margem de sua vida”

Dionízio pode estar tentando melhorar o entendimento do entrevistador, e com isso, sem dúvida, o inclui como interlocutor.

Diferentemente do irmão, procurou qualificação profissional e arrumou um emprego que pagava bem. Passa, então, a contar sobre as suas aptidões e conhecimentos. Sabia (e sabe) fazer coisas de grande porte. Acrescenta à sua apresentação pelo nome e pela família, a apresentação por sua inserção no mundo do trabalho, por seus projetos.

Porque eu sei trabalhar com maçarico, sei trabalhar com alicate de solda... solda elétrica, né?... sei operar um torno, tornear uma peça, fazer uma rosca... mas , no final das contas, eu me casei com uma garota e... não deu certo também. Acabamos se separando. Ela foi embora, que ela era sergipana, foi embora para o Sergipe, para o estado do Sergipe, numa cidadezinha lá nos fundão do Sergipe, chamada... que é divisa de... de Alagoas com Sergipe. Chama-se Neópolis, essa cidade. Você atravessou o rio São Francisco, é Penedo, que eu tive lá uma ocasião, atravessou o rio, é Penedo; você atravessou o rio prá cá, é Neópolis. Penedo é Alagoas e Neópolis é Sergipe. Ela é sergipana. ... Aí se separamos, aí... eu caí no desemprego também, que houve aquela crise aí que eu fiquei desempregado...

Conhece o Brasil a fora!

Continua apresentando suas várias qualificações profissionais; seus vários conhecimentos.

Diz que “não deu certo também”. Indício de que também seu saber trabalhar não deu certo ou de que, também com ele, aconteceu o mesmo que com os outros entrevistados?

Seu casamento também não deu certo.

Relaciona sua história com o contexto econômico.

...e você em casa é o seguinte: se você quiser ir tomar um banho (minha mãe mora aqui, no Jaraguá), se você vai tomar um banho, você demorou um pouquinho mais em baixo do chuveiro, um grito: “Olha a conta de luz!”. É ou não é? ... Você desempregado, sem... sem uma verba pra você chegar e bancar uma conta de luz, uma conta de água... não é? Aí ele compra um objeto e paga uma prestação... um... rádio, uma televisão. Mas, o desempregado não tem condições, então, eu... preferi sair e fazer trocado... certo? Entendeu?

E: Hum, hum.

O pai não é mais mencionado.

Por não poder pagar a conta de luz, não se sente à vontade para demorar o tempo que quer no banho. Precisa submeter-se ao tempo imposto pelos outros. Não suportando essa condição, resolve sair da casa da mãe e ir para a rua arrumar dinheiro. Trabalhar, estar empregado é condição para continuar em família.

Embora tenha dito que preferiu sair de casa, isso vem após uma pausa no discurso e seguido de uma solicitação de confirmação do entrevistador. Esta formação pode sugerir que não tenha sido exatamente uma escolha ou uma escolha difícil de ser entendida até para ele próprio.

Nota-se uma ruptura em seu discurso.

D: Só que... só que você ta em casa, você ta dando despesa. E você na rua, você não dá despesa!

E: Hum, hum.

D: E... não se sente humilhado, também... Porque é duro você chegar na sua casa, entendeu, e... sua mãe chegar com a conta de luz e falar: “Ó, chegou a conta de luz. Você tem um dinheiro pra pagar?” e você fala: “ Não tenho, mãe”... “Chegou a conta de água; você tem um dinheirinho para pagar a conta de água?”, “Não tenho, mãe”, ou “Eu preciso fazer uma comprinha, você tem algum dinheiro pra mim ir no mercado...no supermercado pra mim fazer uma comprinha?” “Não tem, mãe!”... Você se sente como o pior do... o pior do mundo.

E: Hum, hum.

Dionízio entende que não ter dinheiro para ajudar nas despesas da casa é humilhante. E a humilhação por não ter dinheiro o faz sentir-se o pior do mundo. E a rua liberta...

D: Entendeu? Então, você prefere sair e ficar...fora.. a minha mãe é aposentada! Ela tem a aposentadoria, o dinheiro dela. Esse F., meu irmão, é aposentado e solteirão também, vive com a minha mãe. Tenho uma irmã que é casada com um tcheco, o cara é Tcheco-slováquia, muito bem de vida, então... entendeu? Tem casa própria, não depende de aluguel. Mas, eu não tenho nada! ...

Fala aqui sobre as fontes de renda da mãe e dos irmãos. Dinheiro por trabalho ou por aposentadoria garante a pertença à ordem familiar. Então é excluído dessa ordem e parece reconhecer a legitimidade dessa exclusão.

Desempregado, sem ter um... uma condição de dar até um conforto a mais pra minha mãe, pra minha família. Então eu preferi... viver assim. É ou não é? Agora, se um dia acontecer de alguém me dar uma força (eu preciso fazer um tratamento odontológico); os meus dentes estão todos estragados. Você vai entrar numa firma, vai fazer um exame médico, ele...o...médico abrir tua boca, olhar teus dentes, já te reprova. Não é verdade?

Mais uma vez aparece uma pausa e o perdido de confirmação ao entrevistador, logo após dizer que preferiu viver na rua. Fica evidente que o entrevistador é incluído. Mais do que isso, sua participação é quase exigida.

Como foi visto até aqui, Dionízio considera o trabalho/emprego como a única forma de ganhar dinheiro para poder sair da rua, entretanto, na sua atual condição de saúde, não consegue arrumar emprego. Possui qualificação, informação, mas não possui condição física. Precisa de uma ajuda.

Percebe-se uma situação circular: está com essa situação física por falta de emprego e não pode voltar ao emprego por causa da atual situação física.

E: Hum. Por quê?

D: Porque reprova porque você ta...não tem condições... você vai trabalhar uma semana, te dá uma gengivite, uma dor de dente e você vai faltar, vai perder serviço..

E: Entendi.

(Presença do discurso indireto livre, que descreve e reconhece como legítima a sua reprodução).

Neste momento, reconhece e legitima o motivo pelo qual lhe é exigido saúde para trabalhar.

D: Então eles não querem. Eles querem você inteirinho. Você vai fazer o exame médico numa empresa, eles examinam você como você fosse um... como o pessoal do Jóquei que vai comprar um cavalo. Eles te examinam da cabeça aos pés.

E: Hum, hum.

Porém, reclama do excesso de exames. Denuncia que há uma desumanização no processo de seleção das empresas.

D: Você tem que chegar, se despir, ficar nu! Se você tiver uma hérnia, você já não tem o emprego. Ou uma unha encravada no pé, eles já não te querem... porque você não vai desempenhar um trabalho com um cara..como um cara sadio.

E: Hum, hum.

Explica o excesso de exames através da competição com as outras pessoas. Curioso, aqui, perceber que, ao mesmo tempo que questiona o excesso de exames e denuncia que até mesmo uma unha encravada é suficiente para que a pessoa não consiga o emprego, considera que só é sadio aquele que não possui qualquer problema no corpo, nem mesmo unha encravada.

Ou seja, reconhece-se doente se a unha estiver encravada e, com isso, ratifica o examinador.

D: Entendeu? Porque... eu não sou escriturário, sou mecânico industrial. Eu sei trabalhar com uma solda, com o maçarico...entendeu? Sei operar um torno. Sei medir uma..eu pego um paquímetro, eu meço o fio do seu cabelo e digo quantos décimos de milímetro tem.

Reconhece-se como mecânico industrial. Não é como o irmão; tem conhecimentos e habilidades específicas.

O seu saber está mantido, apesar da condição de rua, porém o seu corpo não. Se o seu conhecimento é o ingresso para um bom emprego, seu corpo o afasta dele.

G: É.. o paquímetro...

D: Mas, como é que eu vou entrar numa empresa, como é que eu vou arrumar emprego?

C: Tem o paquímetro Mitutoyo...

D: Então, Mitutoyo, japonês.

Seu conhecimento traz Carioca para o discurso. Também quis mostrar que sabia. Arrumar emprego significa arrumar emprego em uma empresa.

C: E...

D: {não deu importância para o que o C. falava} Então, você vai arrumar um emprego... como? Então você fica fazendo assim...é...bico! Um quebra-galho ali, um quebra-galho aqui. Às vezes pego uma obra aí; eu trabalho como servente.. eu, sendo mecânico, trabalho como servente de pedreiro. Que nem o G. disse: nós quisemos botar um caminhão de areia pra dentro e o cara disse que não precisava, que já tinha pessoas até demais pra fazer o serviço, que eram os

funcionários efetivos.. Nós não somos efetivos. Mas vamos ver, se aparece um bico, a gente faz, pra ganhar um dinheirinho.

Carioca tenta fazer parte da cena, mas o entrevistado não o autoriza.

Fica, aqui, bem marcado: Dionízio quer um emprego. Trabalho, ele até o consegue, mas almeja um emprego na sua área de qualificação. No entanto, até submete-se a trabalhar como servente de pedreiro (como o pai), mas diz novamente que identifica-se com a profissão de mecânico.

É como ele diz: você pega um dinheirinho aqui, você vai pagar uma refeição, se você...se você gosta de tomar um aperitivo, você vai tomar um aperitivo...se você gosta de comer um cigarro, você vai comprar um cigarrinho... Quando é no final das contas, você tá duro de novo.

E: Hum, hum.

Cita o Gaúcho para dizer que fazem outros serviços. Neste momento, fala no plural, no coletivo: todos fazem bicos. Situa-se como parte desse grupo.

O dinheiro que conseguem só é suficiente para satisfazer algumas vontades pessoais. Dionízio mostra marcas da sua subjetividade. Faz um lapso ao dizer da vontade de 'comer' cigarros...

D: Às vezes você tá descalço, precisa comprar um sapatinho, vai comprar um sapatinho de segunda categoria, entendeu?

Além das vontades, consegue satisfazer (comprar) algumas necessidades, de segunda categoria.

C: Hein, Eduardo, que nem a gente tá falando, ó, meu nome aqui, ó, licença, ó, quê que tá escrito aí? Duas camisas {mostrou-me um recibo de lavanderia}, né? Mande lavar. Pra mim andar limpinho.

E: Hum, hum.

Carioca tenta, mais uma vez, entrar na conversa. Pede licença ao entrevistador. Mas, desta vez é o entrevistador que não lhe autoriza a participação. Está excluído daquela cena.

E: Como é que você faz pra comer?

D: É...como ele diz, tem uns restaurantes aqui nas imediações...porque quando termina o expediente, e eles vão lavar a cozinha, aí você chega na porta e oferece um...um... vasilhame...aí que eles enchem com o que sobrou, que é o FUNDO da panela; eles põem no vasilhame e dá pra gente.

E: Entendo

O entrevistador faz a pergunta no singular, mas o entrevistado evoca a resposta dos outros. São um grupo; têm os mesmos procedimentos e recursos. Oferece para poder receber.

D: Então, como ele diz, a gente senta todo mundo assim e divide. Eu como um pouquinho, ele come um pouquinho, ele come um pouquinho {apontando cada um dos que estavam ali}. Entendeu?

A rotina é comum a todos. Repartem.

Como no início, após repartir sobra pouco.

E: E a higiene?

D: A higiene tem...existe duas comunidades da Igreja Católica, e tem umas Evangélicas também, que de vez em quando a gente vai lá tomar um banho... às vezes corta o cabelo, se barbeia. E agora eu tô na rua, tô com a roupa do corpo....que às vezes você vai dormir num canteiro, que nem pega sua sacolinha... você dormiu, se você estiver sozinho e não tiver um vigiando você, vem um maluco lá, pega suas coisas e leva embora...você fica nu. Você fica com a roupa do corpo. Então o que a gente faz? A gente dorme em conjunto e um vigia o outro. Entendeu?

O cuidado com o corpo acontece 'de vez em quando'.

São roubados. Organizam-se para se protegerem. Há pessoas diferentes na rua. Quem seriam os "malucos" ? Talvez outros moradores de rua, diferentes...

A frase: "A gente dorme em conjunto e um vigia o outro", sugere uma ambivalência no verbo vigiar. Pode significar cuidar, mas pode significar controlar.

C: Dorme lado a lado.

G: Lado a lado.

D: Lado a lado. Então, tá um, eu tô vigiando ele, ele tá me vigiando.

C: E tem outra, Eduardo, se você dorme de cabeça pra cima, ele dorme de cabeça pra baixo; porque ele vê quem vem vindo lá, atrás de você, e eu vejo quem vem vindo na frente. Um vigia o outro.

D: A gente fala: dormir de Valete, que é um com a cabeça pra lá e um com a cabeça pra cá.

E: Hum, hum.

D: Eu to vendo pra cá e ele tá vendo pra lá...nas marquises da vida, aí. E é assim que a gente vive.

.....

Neste momento, a presença de outros na conversa é permitida.

A expressão 'vigiar' é compartilhada pelos outros dois. Esta estratégia requer confiança mútua, pois um não vê o que o outro vê...

E termina esta enunciação identificando-se com os outros no modo de viver. Após essa identificação, faz uma longa pausa.

E: Me cont...

D: Mas a gente tem uma coisa: todo mundo tem a sua mágoa no peito, mas a gente só vive alegre, só vive cantando, contando uma piada, contando uma história...pra poder superar isso aí...essa fase que a gente tá atravessando... que eu acho que vai ser passageira. Eu não creio que vai ser definitiva, né? Porque talvez, um dia, a gente pode arrumar aí um...que nem o Lula prometeu...que vai dar trabalho, arrumar um trabalho fixo, efetivo pra gente trabalhar, poder pagar uma pensão....poder entrar em uma loja, entendeu, comprar uma roupa de marca, que é coisa que não acontece com a gente. Porque eu não tenho condições de entrar em um Shopping e comprar uma calça de Jeans.

E: Hum, hum.

Após identificar-se com os outros, passa a falar em nome de todos. Fala das mágoas e as reconhece em todos. Fala da estratégia que usam para lidar com as mágoas.

Essa condição é passageira, é fase. Tem esperança que conseguirá arrumar um emprego. É essa esperança está depositada no discurso do Presidente. Está informado: sobre o Presidente e o discurso dele.

Espera um emprego para “poder”. Mudar de condição é ter condições de consumir, ou de poder entrar nos lugares de consumo. Ter “passaporte de cidadão”...

D: E um tênis, entendeu? Comprar uma jaqueta. A gente vive aqui mais é de doações. Um dá...

Vivem de doações. Espera poder comprar.

C: Eu tô com um tênis emprestado, ó...Nem serve em mim; eu tô fazendo de chinelo, ó. Eu tô descalço, Eduardo. Meu Deus do céu. Ó, ele {Mário.} tava de tênis e a menina deixou esse chinelo pra ele, porque roubaram o tênis dele.

Carioca diz que está com um tênis emprestado, que não serve nele. As doações não servem por completo. Embora esteja com o tênis, diz que está descalço.

D: Aí, dormiu, quando acordou estava descalço.

C: E tava vestido com o tênis!

D: Os caras arrancam. Tirou do pé. Então, a gente dorme assim: um vigiando o outro.

A participação de Carioca na conversa foi incluída. Já faz parte.

Havia contado sobre a estratégia que usam para dormir, porém um deles foi roubado. Não dormiu junto dos outros? A estratégia não funcionou?

E: Entendo, me conta como é um dia de vida seu, desde que acorda.

D: Ah, eu é o seguinte: chega de manhã... eu me levanto, faço minha higiene superficial, que às vezes não tenho dinheiro nem pra comprar um sabonete, faço uma higiene superficial.

A rotina diária é iniciada com a higiene. A falta de dinheiro impede a higiene completa.

E: Aonde você faz a higiene?

D: Ah, tem as comunidades.

E: Ah, sei, as comunidades....

D: Aí.

C: Só que demora, viu, Eduardo?

D: Demora.

C: Mais de 3 horas pra você tomar um banho.

Dionízio apresenta o lugar onde fazem a higiene e o Carioca apresenta, novamente, as limitações, as dificuldades. Continua parte da conversa...

D: E quando você vai tomar um banho, você tem que entrar rapidinho embaixo do chuveiro e, enquanto você se ensaboia, outro entra, aí o outro sai e você entra

para tirar o sabão do corpo, e tem que sair fora, porque tem uma fila enorme lá fora.

Está presente novamente a questão de Dionízio com o tempo que lhe é permitido no banho. Na casa da mãe era pressionado para limitar o tempo do banho e, quando vai para a rua, encontra a mesma limitação.

E, outra vez, o número de pessoas reduz o que tem.

Mais uma vez a presença do discurso indireto livre, ratificando o procedimento.

E: E depois?

D: Entendeu? Você tá tomando banho e já tem outro lá fora batendo na porta: “Opa (toc, toc, toc), vamos aí gente, vamo aí, pessoal.”. Então você toma aquele banho ligeiro...rapidinho. Coisa que você gasta...quando você está na sua residência, você gasta...10, 15 minutos na sua higiene no banho, na comunidade você tem que fazer em 2 minutos....Coisa que na sua casa você faz em 10, 15 minutos. Na comunidade você tem que fazer em 2 minutos, 1 minuto e meio. Às vezes não dá nem 2 minutos.

O entrevistador tenta passar adiante, mas ele volta a perguntar se aquele entendeu a pressão que sofre no banho. A inclusão do entrevistador é exigida.

Apesar do banho, continua sujo...

G: O quê, o quê, o quê, o quê? {aproximou-se o G.}

D: Pra você tomar um banho na comunidade.

G: Quê que tem?

D: Que você tá embaixo do chuveiro e tem outro lá fora já batendo na porta..

G: É...rapidinho e tem que sair fora. É... porque é muita gente, umas cento e poucas, cento e cinquenta, cento e oitenta pessoas...

Gaúcho reivindica pertença na conversa e é aceito.

A percepção das dificuldades e suas causas emparelham-se com as de Dionízio.

D: Nós estamos aqui...tem uma comunidade que eles só atendem de 6^a feira, mas, quando é sexta feira que...vem gente de Pinheiros, vem gente da Mooca, vem gente não sei da onde, vem gente da Sta Cecília tudo pra essa comunidade.

Com a entrada dos outros dois na conversa, passa a falar na primeira pessoa do plural. Fala em nome do grupo. Está autorizado.

Como na divisão da fazenda do avô, reclama que aparecem pessoas de outros lugares para dificultar ainda mais a sua situação.

E: Sei.

D: Entendeu? Então, vira aquela fila lá de homem lá na porta.

O entendimento do entrevistador é importante. Deve convencê-lo...

G: E mulher também!

D: Mas tem os banheiros das mulheres e o banheiro dos homens.

G: Criança, criança, também...

D: Criança...criança. Então quando um entra, o outro já tá na porta. Aí tem que tomar um banho rapidinho e o outro já entra.

G: Rapidinho.

A fala do Gaúcho pode ser entendida, pelo entrevistador, como uma correção. Ele, então, situa a fala do outro. As dificuldades são gerais.

D: Às vezes, você chega lá tipo 6 horas da manhã. Às vezes você passa a noite na rua aí, não dorme direito, acorda tarde, chega lá já esgotou o pessoal – porque lá tem uma quantia de pessoas- e entrou aquela quantidade, eles travam a porta, trancam e, aí, não entra mais ninguém. Então, a gente fica assim. Às vezes, o camarada passa e fala: “Po, esses caras são relaxados, andam todos sujos, com a roupa suja, anda...”. Não é porque a gente quer.

E: Hum, hum.

Além da limitação no tempo do banho, há também uma limitação na quantidade de pessoas que podem utilizar o serviço. Mais uma vez, o tempo restringe sua higiene, pois tem que chegar cedo.

As dificuldades causam má aparência e julgamentos equivocados.

D: Então, a gente, às vezes, anda sujo aí é porque não tem condições...a gente quer se barbear, não tem condições pra fazer a barba. Outro dia tinha um rapaz tomando banho, igual ele tá fazendo ali {havia um rapaz lavando o cabelo na fonte de água do parque}, um policial...uns policial que fica aqui, disse que não é, que não é o chuveiro, não. Que não é lugar de tomar banho, não. Os policial falou isso, entendeu? Quer dizer, então você vê a pessoa suja e pensa que é porque ela quer. Não é porque quer!

E: Hum, hum.

Querem ficar asseados, mas não têm condições.

A polícia indica que há lugar certo para fazerem a higiene pessoal. Isso é um empecilho. No entanto, um rapaz se lavava na fonte. Apesar da repressão policial, há quem continue utilizando a fonte.

D: É porque não tem condições... Agora, tem muitos que é porque quer mesmo. Tem muitos que é relaxado mesmo. Se embriaga, fica bêbado, dorme no chão... Porém há os que são relaxados. Há diferenças entre os que vivem nas ruas.

C: Eduardo! Aquele ali é o P., nosso amigo, também! {rapaz que estava com uma mulher na fonte}... Ele é nosso amigo...

D: Às vezes a gente ta aí cheio de mágoa no coração, então já compra um litro de cachaça; arruma um dinheirinho, compra um litro de cachaça, enche a cara, dorme na rua... de qualquer jeito, né?

E: Hum, hum.

O grupo não é isolado. Tem amigos.

O álcool serve para aliviar a mágoa que está dentro deles. Também se embriagam e dormem na rua, mas por conta da mágoa que sentem e não porque são relaxados. A diferença não está na conduta, mas na motivação.

D: Aí fica assim, nessa situação... porque...às vezes você...você bebe não porque você quer se embriagar pra ficar doido, fazendo arruaça...você bebe pra apagar aquelas mágoa que a gente tem dentro do peito, né? ...Fica mais solto. Aí conta piada, canta um samba...é por isso.

O porquê da embriaguez. As estratégias para vencer as mágoas.

O discurso indireto livre legitimando as causas.

E a vida nossa é essa, você acordou de manhã, você faz a sua higiene pessoal, chega na hora do almoço você procura um...um lugarzinho pra pegar uma comida, como eu já disse antes; às vezes arruma um biquinho, faz um bico; cata papelão; cata uma latinha, leva num depósito e vende. Pega aquele dinheirinho, aquele dinheirinho vai embora em 2 minutos. Então, você gasta, às vezes, o dia todo aí com um saco pegando latinha, essas latinhas de alumínio, pra reciclagem... você gasta o dia todinho com um saco nas costas, chega lá, o dinheiro que você ganha, você gasta em dois minutos. Quer dizer, um dia de trabalho você gasta em dois minutos. Então... Agora, se esse tal de Lula, que ganhou as eleições, que inclusive eu votei nele, que eu voto também...

Resume a vida deles na rotina de um dia.

O bico apresenta uma desproporcionalidade do tempo. O tempo do trabalho não é equivalente ao tempo do dinheiro.

Esperança no novo Presidente. É cidadão; vota!

E: Ah, você vota também?

D: Voto...sou eleitor.

C: Ele é do PT.

D: Votei no Lula nessa eleição, mas eu não sou petista, eu sou... eu não tenho partido...eu...eu voto na pessoa, não no partido.

E: Hum, hum.

Identifica-se como eleitor, mas não como partidário. Mostra que sabe escolher em quem votar, em vez de permitir que o partido escolha por ele.

D: Entendeu? ...Tá aqui, ó... {mostrou-me um papel} o número do meu RG – que eu já nem ando com documentos, porque eu já perdi tantos documentos na rua...os que eu tenho estão em casa, na casa de minha mãe, é tudo 2ª. Via...entendeu? Eu saio com uma identidade, no outro dia eu estou sem ela. Se eu saio com um título de eleitor, no outro dia eu estou sem ele, porque na rua você perde tudo mesmo...tudo... Então, o quê que eu faço? Eu carrego comigo o endereço da minha irmã – no Jd. Marisa, na Vila dos Remédios- e o número do meu RG.

E: Hum, hum.

D: Entendeu? Certo? É o documento que eu ando... O meu nome, que é C, C.P. da M., o endereço da irmã – que, se um dia, Deus me livre, acontecer de eu ir parar no hospital, eu estando com esse endereço, eles podem localizar minha irmã.

E: Hum, hum.

A mãe é a guarda dos seus documentos.

Carrega com ele o endereço da irmã para o caso de algo ruim acontecer com ele. A mãe e a irmã continuam referências de cuidado, de origem, de cidadania e de reconhecimento; para que não se perca...

D: Entendeu?...Mas...ela não tem mágoa de mim...nem eu tenho mágoa dela. É apenas esse problema... de eu ir..ficar em casa, desempregado, e dando despesa pra eles.

E: Hum, hum.

D: Entendeu?

E: Entendi.

As mágoas, seus objetos e causas.

D: De vez em quando eu vou lá passar uns dias lá, na casa da minha mãe, e eu lavo louça, eu lavo roupa, eu...eu limpo a cozinha, eu limpo o quintal, eu faço... mas aí, humpf... você cansa... Você anda pra cá, anda pra lá, atrás de um biquinho, não arruma nada. Aí é aquela história... ta faltando mantimento em casa, ta faltando..chegou a conta de luz, precisa pegar o gás, e você fica pensando ali: “Putá que o pariu, eu podia ter um...emprego ou um dinheirinho pra comprar o gás e não tenho”. Então você vai pra rua.

E: Hum hum.

A casa da mãe evidencia as suas faltas. A rua alivia...

D: É...essa é a vida da gente aqui... mas, você pode ver que a gente escolhe com quem anda. Não tem nenhum mau elemento a...na nossa banca, pelo menos. Na nossa roda aqui, ninguém pega nada do que é de ninguém. Ninguém aqui pega nada do que é de ninguém. Não tem aqui...entre nós, não. Aliás, se um puder ajudar o outro, ajuda. Se eu tiver duas camisas, ele não tiver nenhuma, eu tiro uma em dou pra ele.

E: Hum, hum.

Na rua, a possibilidade da escolha está disponível. Na rua, há escolha...

D: E é a mesma coisa ele comigo. Se tiver com frio e eu tiver duas blusas, eu dou uma blusa pra ele. E, se ele tiver duas blusas e eu estiver com frio, ele me dá uma blusa pra mim. É assim.

E: Entendo.

D: Uma mão lavando a outra e as duas lavando o rosto...

E: É isso aí.

Há solidariedade... Há limpeza...

D: É isso aí. É a vida nossa. Agora, tem uns elementos que andam na rua, que gostam de meter a mão no que é dos outros, roubar e tal. Esses tipos aí a gente descarta, não cola, na nossa banca não entra. Esse tipo de gente, nós não quer...perto de nós, não. Droga, por exemplo. Eu conheço muitos aí que usam droga; rouba pra comprar droga. Na nossa banca, não cola. A gente compra uma pinguinha...porque não é proibido por lei.

E: Hum, hum.

Conhecem e respeitam a lei.

D: Qualquer lugar, qualquer supermercado você compra. A gente toma a nossa pinguinha, se distrai, canta, bate um samba, conta uma piada, conta uma história, relembra o passado... entendeu?

E: Hum, hum.

Dividem o passado e o presente...

D: E... a nossa vida é essa. Agora, tem uns elementos na rua , que andam na rua, que são maus elementos. Mas, esses aí a gente descarta. Da nossa banda, a gente tira!....

E: Ta bom, então, Dionízio. Muito obrigado.

A exclusão dentro da exclusão.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. A. G. de. *Metáforas da desordem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ALVAREZ, A. M. S. *A resiliência e o morar na rua: um estudo com moradores de rua – crianças e adultos – na cidade de São Paulo*. 1999. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo.

BIRMAN, J. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DOMINGOS, L. M. *O ser morador-de-rua: uma existência*. 2002. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

FERRAZ, F. R. C. *Andarilhos da imaginação: um estudo sobre os loucos de rua*. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

FISHER-FERREIRA, R. M. *Meninos de rua*. São Paulo: IBREX, 1979.

FIT, E. *Psicologia comunitária e psicodrama: uma experiência em uma instituição de moradores de rua*. 2001. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. v.1. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

FREUD, S. (1918). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1986. v.17, p.173-181.

GUIRADO, M. *Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono*. São Paulo: Summus Editorial, 1986a.

GUIRADO, M. *Psicologia Institucional*. São Paulo: EPU, 1986b.

GUIRADO, M. *Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

GUIRADO, M. *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

MATTOS, R.M. *Processo de constituição da identidade do indivíduo em situação de rua: da ruralização à sedentarização*. 2003. Pesquisa de iniciação científica (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade São Marcos. São Paulo.

RABINOVICH, E. P. A casa dos sem casa. *Psicologia, ciência e profissão*, ano 12, n.3 e 4, p.16-23, 1992.

RANGEL, R.F. *Vidas à deriva: população de rua no Rio de Janeiro*. 1996. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SILVA, De P. *Vocabulário jurídico*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2000.

STOFFELS, M-G. *Os mendigos na cidade de São Paulo: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TUCHSZAJDER, P. *De olho na rua: um estudo psicanalítico e social sobre mendigos*. 1999. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.